

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

PEREIRA, Iara Xavier. Iara Xavier Pereira (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (6h 6min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ) e FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Iara Xavier Pereira
(depoimento, 2015)**

Rio de Janeiro

2020

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Angela Moreira Domingues da Silva; Dulce Chaves Pandolfi;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 07/12/2015

Duração: 6h 6min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 6;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Arqueologia da reconciliação: formulação, aplicação e recepção de políticas públicas relativas à violação de direitos humanos durante a ditadura militar”, desenvolvido pelo CPDOC em convênio com a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e parceria com a Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro, entre maio de 2014 e setembro de 2015. O projeto visa, a partir das entrevistas cedidas, a criação de um banco de entrevistas com responsáveis por políticas públicas relativas à violação de direitos humanos durante a ditadura militar.

Temas: Ação Libertadora Nacional; Amazonas; Anistia política; Brasil; Chile; Cuba; Departamento de Ordem Política e Social - DOPS; Europa; Exílio; Família; Feminismo; Formação escolar; Golpe de 1964; Militância política; Movimento estudantil; Partido Comunista Brasileiro - PCB; Política; Repressão política; Rio de Janeiro (cidade); Tortura;

Sumário

Entrevista: 07/12/2015 Origens familiares; o Partido Comunista e sua família; a participação política da sua família; a atuação da sua mãe na Liga Feminina; o contato com as lideranças políticas na infância; o golpe militar em 1964; os impactos da ditadura na sua família; a separação da família; o reencontro familiar; a trajetória escolar; o movimento estudantil na ditadura; o contato com Carlos Marighella e suas influências; seus irmãos e a militância; a ida de seus irmãos à Cuba; a atuação no suporte às guerrilhas rurais; a ida à Manaus; o convite rejeitado de ir à Cuba; o retorno ao Rio de Janeiro; a aproximação com a Ação Libertadora Nacional (ALN); a criação de uma rede de apoio com mulheres; a proximidade com Carlos Marighella; as fitas feitas por Marighella; a questão na mulher na resistência; a ida à Europa; a chegada a Cuba; o assassinato de Marighella; a prisão da sua mãe, Zilda Xavier Pereira; os impactos da tortura; o curso de inteligência em Cuba; o retorno à Europa; o assassinato de Joaquim Câmara Ferreira (Toledo); a relação com os cubanos; o diálogo com o Chile; o retorno ao Brasil; a tentativa de disfarce; o reencontro com o irmão; o assassinato de Gastone Lúcia Carvalho Beltrão em 1972; a militância em São Paulo; o assassinato dos seus irmãos, Alex de Paula Xavier Pereira e Iuri Xavier Pereira; a ligação com o Grupo Tático Armado (GTA); a forte repressão do Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi); o relacionamento com Arnaldo Cardoso Rocha; o assassinato de seu companheiro Arnaldo; a gravidez; as dificuldades financeiras; a ida ao Chile e à Cuba; o retorno à escola; a criação do seu filho em Cuba; o trabalho como tradutora em Cuba; a saída da clandestinidade; o relacionamento com um chileno do Partido Socialista; a segunda gravidez; o retorno ao Brasil; o processo de absolvição; o primeiro encontro do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA); a intimação para depor no O Departamento de Ordem Política e Social (DOPS); o trabalho em uma loja de tecido; a mudança para Mato Grosso; o envolvimento na luta pela localização; a Lei 9.140; as pesquisas com familiares de desaparecidos políticos; o Grupo Tortura Nunca Mais; a Comissão Nacional da Verdade; a lei da Anistia (Lei 6.683); conclusões e agradecimentos.

Entrevista: 7 de dezembro de 2015

D.P. – Iara, é um prazer ter você aqui. A gente começa agradecendo a sua presença. Tentamos várias vezes marcar uma entrevista com você, foi difícil, mas finalmente conseguimos. E aí, como eu conversei rapidamente, Iara, a gente vai começar a entrevista com o começo da sua vida, então, queria que você falasse a data de nascimento, onde você nasceu, a relação com seus pais, um pouco da sua infância, até a gente chegar na fase mais recente da sua luta contra a ditadura, enfim, e depois, todos os... o que ocorreu a partir daí.

I.X. – Bem, meu nome é Iara Xavier Pereira; eu nasci no dia 25 de novembro de 1951; meus pais eram: Zilda Paula Xavier Pereira e João Baptista Xavier Pereira. Eu sou a caçula. Tive dois irmãos, o Iuri Xavier Pereira e o Alex de Paula Xavier Pereira; um era de 1948; o outro, de 1949; e eu, de 1951. Quando eu nasci, meus pais ainda moravam em Bento Ribeiro. Meus pais se casaram em 1947. Minha mãe é uma mulher que veio de Recife (Pernambuco), de uma família muito humilde: meu avô era ferroviário, maquinista, e minha avó era dona de casa. Foram sete filhos. A Zilda foi a quinta. E essa minha avó morreu muito jovem, com um câncer – e, nesse meio tempo, já tinha vindo uma irmã mais velha para o Rio e, no ano seguinte, ainda durante a guerra, em 1944, ela trouxe as três irmãs menores, que eram a minha mãe, a Odete e a Elizabeth, para morarem no Rio, e meu avô ficou. Essa parte, até por conta de tentar... Nós estamos tentando, também, fazer um livro sobre a minha mãe, que teve uma militância muito grande, e, infelizmente, a gente perdeu, porque as pessoas foram morrendo. Depois, quando a gente começou a querer tratar isso, minha mãe tinha um bloqueio. Então, o que a gente sabe é que ela chegou em 1944 – ela é de 1925, nasceu em 1925 –, foi trabalhar em um desses laboratórios... Antigamente era tudo vidro, aí se lavava, tinha reciclagem. Acabou tudo isso. E lá ela conheceu – que a gente não sabe identificar quem –, naquele movimento... Quando chega 1945, a reabertura no Brasil, o fim da ditadura de Vargas, minha mãe engrossa aquela turma que foi para o Partido Comunista, muito jovem. Ela vai conhecer meu pai lá, também, que era membro do Partido Comunista. E minha mãe estudou pouco – até a terceira ou quarta série do primário só –, porque aí a mãe ficou doente, ela era a mais velha das mulheres que estavam em casa, tinha que arcar com a casa –, mas ela era uma mulher muito... Dessas pessoas...

Primeiro, muito carismática, tinha o dom da palavra, e daquela inteligência do povo, que, se tivesse estudado, se tivessem dado asa para ela, ela teria feito muito mais voo do que fez. Tanto que o primeiro registro da militância da minha mãe é de 1948. Refere a meu pai, são militantes, mas é centrado nela. Ela sempre teve uma postura...

D.P. – Você diz registro nos arquivos...

I.X. – No Dops.

D.P. – Arquivo da repressão, não é?

I.X. – É. É de 1948, dizendo: “Integra o Comitê”, não me lembro se é Feminino que eles falam – era a parte feminina do PC –, “e contribuiu com 48 cruzeiros”, à época, “para o partido”. É a primeira que a gente foi achar, quando se abriu o arquivo. É já de 1948. Quer dizer, ela já tinha uma posição... É lógico que eles monitoravam, a polícia. Tinha saído de Vargas, a estrutura... Como nós herdamos toda a estrutura da repressão, aquela geração também herdou. Mas, mesmo assim... Para mim pelo menos, era sintomático. Ela já tinha alguma posição que alguém achou que devia prestar atenção naquele casal. E ela... Nós mudamos, eu era muito pequena ainda, tinha uns três anos, moramos aqui perto muitos anos, na rua Marquês de Abrantes, número 100, quase esquina com a Paissandu. Nós viemos para um apartamento. E aí a família... Meu pai era, comparado em classe, de uma classe média remediada carioca – ele era carioca –, e que também teve a fatalidade de perder o pai cedo. Naquela época, quando você perdia... Brasileiro não fazia seguro, não tinha nada. Ele interrompe os estudos no ginásio para ir trabalhar, com a morte do meu avô. Eles moravam em Encantado, ali. E meu pai era um homem muito habilidoso. Era aquele assim: se ele sentasse ali e prestasse atenção, pode saber que ele aprendia como gravar. E ele tinha uma habilidade manual também muito grande. Mas ele foi comerciante... Comerciante não. Como é que se diz, esse pessoal...? [Foi] representante comercial muitos anos. Ele trabalhou, também, na época do... Tinha o [inaudível], que era o negócio de navio de carga, mas nem me lembro direito desse trabalho. Eu lembro, eu pequenininha, quando era férias, ele me levava para o trabalho. E depois, no último, centrou muito – ele representava uma indústria de Santa Catarina. Naquela época, se usava mais renda, *guipure* e

bordado inglês, então, nessa época do ano tinha a venda grande, e na época também de maio, das noivas. E ele representou, muitos anos, essa fábrica de Santa Catarina. Ele era representante comercial. Nós mudamos aqui para o Flamengo, uma classe média média, também. Nós nunca tivemos... Não fomos nem classe média completa. Vivíamos naquela situação: com os três filhos, meu pai seguindo na militância e minha mãe. E minha mãe aí engajou muito na Liga Feminina do Estado da Guanabara, que foi uma... Não tinha ligação orgânica com o partido, mas quem até incentivou e pôs para organizar foi Carlos Marighella. Carlos Marighella sempre teve uma visão – pelo menos do período que eu conheci e convivi – muito grande de que não há revolução sem as mulheres. E no partido daquela época – como em todos – eram muitos machistas. Então, o trabalho de mulher é fazer isso, e Marighella tinha uma visão...

D.P. – O trabalho na infraestrutura, eu diria.

I.X. – É. [E Marighella tinha uma visão] de que as mulheres mobilizariam e tinham que estar organizadas. Então se criou... **O ano, quando você falou**, me passou. Eu já tenho sistematizado para o livro. Minha mãe, se eu não me engano, ficou de tesoureira; depois virou secretária. E ali tinham muitas mulheres que eram do partido – a Nieta (Antonieta Campos da Paz); minha mãe; a Clara Charf, que era, então, mulher de Carlos Marighella –, e tinham outras que não eram, que faziam esse trabalho. Entre elas, uma que ficou muito amiga da minha mãe, que se chamava Elza Soares Ribeiro, que era casada com um general, e ela era jornalista, era advogada e... Essa, sim, mulher de general, e ainda trabalhava. Não me lembro se ela era do Ministério do Trabalho, mesmo. E ela era uma pessoa que tinha um nível de classe mais alta; tinha carro, e aí comprou uma Kombi, para fazer os trabalhos com as mulheres. E ela e minha mãe ficaram muito amigas. Inclusive, quando minha mãe foi presa, quem pôs o advogado foi ela.

D.P. – É mesmo? Mas ela era progressista? Ou era...?

I.X. – Ela era. E o marido também. Eu não... Até um dia eu vou fazer uma pesquisa, porque quando minha... Já na clandestinidade, às vezes, minha mãe ligava, e aí dizia: “É a Maria”. E ele brincava com a Elza: “Aquela doida da Zilda está te telefonando aí”. Eu

nem lembro o nome dele, desse general. Ele era simpático, assim. Não, a Elza era... Deve ter dossiê dela. Na época de 1964, teve IPM.

D.P. – Ah! Está [certo]

I.X. – Porque eles fotografavam tudo. Tem várias fotos dela.

D.P. – Quer dizer, ela não era do partido; ela era desse movimento feminino.

I.X. – Ela participava...

D.P. – Porque o partido estava por trás, mas não era do partido.

I.X. – Estava. Tinham muitas comunistas filiadas, e obedeciam **a ordens**, ali, mas tinham outras mulheres que não eram e que nunca foram. A Elza nunca foi, mas sempre foi uma pessoa que apoiou e defendeu. E minha mãe foi forte nessa campanha da Liga Feminina e ela... Um marco: eles fizeram... Quando o Jango entra, você deve lembrar – ela não pode¹ –, começou um boicote... Tipo fizeram no Chile, também, de aumentar o preço de leite, os preços subindo, e estava uma inflação muito grande, então, elas lançaram a Campanha contra a Carestia. E eu brinco, porque eu digo assim: “Puxa vida, me usaram de inocente!”. A minha casa tinha telefone. Por exemplo, na casa da Clara não tinha.

D.P. – Da Clara Charf?

I.X. – É. Nessa Campanha contra a Carestia, se programou um dia para que ninguém, na cidade do Rio de Janeiro, que era a Guanabara na época, o estado da Guanabara, comprasse um litro de leite, que era para estragar. Naquela época, estragava mesmo. Então você pegava a lista telefônica, que existia, e ligava: “Olha, não sei o quê, vamos fazer um boicote contra a carestia”. E as pessoas... E me botaram para telefonar, porque elas cansavam. “Ah, Iarinha, vai ligar ali.” Aí as pessoas diziam: “Ô menina, isso é

¹ Dirigindo-se a uma das entrevistadoras.

trote?”. Aí eu tinha o discurso ensaiado: “Não, senhora, aqui é da Liga Feminina”. Até hoje eu visualizo a coisa, dizendo assim... É uma das coisas que marcam. Tinha pessoas que ouviam, levavam... Outras achavam que era trote, desligavam. E a Liga fez uma caravana a Brasília, de mulheres... E aí elas faziam um trabalho nos morros, em Nova Iguaçu... Nisso tudo, eles tinham um trabalho de base, organizando as mulheres. E levaram para o Jango, com não sei quantas assinaturas, com o negócio de carestia. A *Última Hora* é que dava muita cobertura aos trabalhos da Liga Feminina. E nesse meio eu cresci. Então eu convivi com pessoas como... Porque era uma semilegalidade, não havia uma perseguição, e como nós morávamos na Zona Sul, num apartamento que era grande – por exemplo, os meninos tinham um quarto e eu tinha meu quarto –, então, o partido, quando precisava hospedar alguém que vinha do Uruguai ou alguma pessoa, geralmente batia na casa... “Ah, vai lá para a casa do Xavier e da Zilda.” E era eu que tinha que sair do meu quarto, para a visita. Então nós recebemos... Do partido do Uruguai, era uma senhora. Depois, muitos anos depois, eu encontrei ela, ela lembrando que faziam muitas reuniões lá. Então, convivi com Prestes; Gregório... até Gregório Bezerra. O David Capistrano, por exemplo, o menino dele, o que morreu, o Davizinho, ele estudou na Escola Técnica com o Iuri, no mesmo período. Então, muitos comunistas de nome, eu convivi. Marighella era amigo da família. E o pessoal que vinha de fora. Quando teve o golpe na Guatemala, o primeiro-secretário do partido guatemalteco veio ficar aqui, ele ficou um ano morando lá em casa. Manuel Fortuny, era o nome dele. Ele morou um ano, até que... Depois eu soube que ele foi para... Estava em Praga. Mas perdi... Muito tempo depois é que eu soube que ele estava lá.

D.P. – E ele, no seu quarto?

I.X. – No meu quarto. Sempre me tiravam do quarto lá, porque era mais fácil tirar uma do que duas, não é? E a casa era muito grande, então, faziam-se muitas reuniões. Tanto que aquele movimento que teve dos sargentos e tudo, muitas reuniões foram feitas, inclusive com a presença do Marighella. Porque o Marighella, dizem que foi ele que até escreveu o discurso que o infeliz do cabo Anselmo leu. Então ele... Minha mãe trazia muito as lideranças em casa, e Marighella vinha e fazia as reuniões lá. E, realmente, não era para prender, porque, se quisesse prender, sabia ali onde estava. Aí eu convivi uma época que foi interessante, apesar de que eu era muito jovem – porque, quando veio o

golpe, eu ainda não tinha feito 12 anos, porque eu sou de novembro. Mas era uma situação em casa – porque é lógico que eu comparava com as casas e as conversas... [Era] muito diferente. Então, por exemplo, a primeira vez que eu fui ver um racismo foi... Eu estudava no colégio... aqui também, o Anglo-Americano, e ele tinha uma área de esportes muito desenvolvida, aí ele começou, no esquema americano... Tinha o que se chamava Jogos da Primavera. Então, você era um nadador bom, você se sobressaía em alguma coisa – de um coleginho mais pobre –, ele vinha e dava uma bolsa. E deu uma bolsa para uma menina que era mulata, que foi bater na minha sala. E as meninas de lá, tudo horrorizado. Foi a primeira vez que eu vivi assim... “Uai! O que é que tem? Ela é mulata, ela é negra...”. Para mim, não... Nunca foi uma coisa discutida, nunca teve...

D.P. – Sempre uma coisa natural.

I.X. – Quando a coisa chegou, me chocou de tal forma, que tivessem pessoas, que eram crianças, jovens ainda, com uma mentalidade de escorraçar alguém por causa... Até hoje... Isso foi uma coisa que me marcou muito. Tinha uma inspetora, naquela época – tinha um homem e tinha uma mulher –, que era negra, e eu entrei lá muito pequenininha, e eu saí horrorizada de lá, chorando, porque aí eu botei a menina sentada do meu lado, aí ficavam: “Ah, a Iara gosta de preto!”. Essas coisas, assim. Vindo de pessoas... Isso foi antes de 1964. Você imagina! Meninas de nove, dez anos. Quando vem o golpe, em 1964, minha mãe já está... já era do Comitê Regional. Aí eu não me lembro direito os cargos. Meu pai participava, mas não tanto quanto minha mãe. Então era uma coisa engraçada: eu via mais meu pai, que questionava o negócio de nota e colégio, do que minha mãe, porque ela saía e ponto, e ia para a militância de cabeça. Quando o golpe veio, em 1964, ela telefona e orienta meu pai que a gente saia de casa, que foi a orientação de Marighella: “Olha, você é uma pessoa pública, da Liga, todo mundo sabe que você é comunista, tire as crianças de casa, também, e vamos ver”. E meu pai ficou com três meninos: “Vamos ver. Põe aonde?”. Aí o Iuri ficou com a Nieta Campos da Paz, que morava ali no Horto; o Alex foi para a casa de um anarquista espanhol que veio para o Brasil que era amigo do meu pai, o Ricardo Prieto; e eu falei assim... Passei uma primeira noite no lado, porque tinha uma amiga minha do colégio...

Porque a gente descendo, meu pai encontrou com ela e a mãe, e aí eu não sei a conversa do meu pai, eu sei que eu dormi essa noite aí, fomos para o colégio...

D.P. – Do lado da sua casa?

I.X. – É, no prédio do lado.

D.P. – Está certo.

I.X. – Aí, no outro dia, na escola... Eu tinha uma amiguinha que se chamava Leila Acquarone. E aí eu falei: “Ih! Acho até que eu não vou vir mais estudar, porque meus pais vão ter que ficar fora de casa”. Ela pegou, conversou com... A mãe era separada. Eram pessoas que não tinham nada a ver com esquerda nem nada. E aí mandou chamar meu pai e disse assim: “Não, a gente fica com a Iara o tempo que for necessário”. E esse tempo foi um ano. Não foi um mês, dois meses. Eles moravam em Copacabana, ali bem em frente à Praça do Lido, do Posto 4. E eu fiquei um ano com essa família, como o Alex ficou um ano onde estava, e o Iuri. A gente só volta para casa em abril de 1965.

D.P. – Iara, aí você leva o quê? Suas roupas todas? Era como se você estivesse...?

I.X. – Levo o uniforme, roupa... O que... Nós saímos no dia e não voltamos mais.

D.P. – Ah, você não voltou lá?

I.X. – Não.

D.P. – Então era pouca coisa que vocês tiraram.

I.X. – Era. A mãe dessa menina, da Leila, costurava, e começou a época...

D.P. – Você tinha o corpo parecido com o dela? Usava roupa dela?

I.X. – Tinha. Ela era mais baixinha um pouco. Mas já era a época de festinha, de você frequentar, então, ela sempre fazia o vestido para a Leila, e ela fazia um para mim também. Nunca...

D.P. – E você encontrava seus pais como?

I.X. – Não. Eu encontrei minha mãe e meu pai, eu acho que umas três ou quatro vezes, ao longo desse ano.

D.P. – Nossa! Mas você tinha notícias? Vocês se falavam no telefone?

I.X. – Não.

D.P. – Como é que era?

I.X. – De vez em quando dava. O Iuri, eu nunca encontrei, porque lá no Horto... Hoje, é trânsito, mas naquela época era uma viagem. E ele se engajou direto, porque ele já era mais velho. Ele estudava na ACM e estava preparando para ir para a Escola Técnica.

D.P. – Ele estudava aonde?

I.X. – ACM, um colégio da Associação Cristã dos Moços, que era ali na Glória. E ele estava para...

D.P. – Isso o Iuri, não é?

I.X. – É. Ele ia fazer a prova...

D.P. – O vestibular?

I.X. – Não é vestibular. Ele estava terminando o ginásio e ele queria entrar na Escola Técnica, porque ele queria fazer engenharia eletrônica. E a meta da minha mãe, até então, era mandar ele para a Patrice Lumumba, para estudar. O Alex era o pá- virada; o

Iuri era o certinho da família, o CDF. Sempre foi, desde criança, o sério: gostava de ler e não sei o quê. O Alex sempre foi assim: quantas... Naquela época, chamava-se segunda época, quando você não passava. Quantas matérias? Três? Ele ficava nas três. Se fossem quatro, ele ficava em quatro. Ele deu trabalho. E ele era um menino muito extrovertido – aonde ele chegava, ele fazia logo amizade –, mas não era muito chegado. E o Iuri era o CDF. E eu, afinal, era a menina, que era mimada daqui e dali, e sempre ficava do lado do Alex, é lógico, porque o Iuri vinha... “Esse menino fez não sei o quê!”. Porque ele estudava lá... Eles também estudaram aqui no Anglo-Americano, e depois, por conta da mensalidade, os dois foram para a ACM, e eu continuei aqui.

A.D. – Mas aí, ao longo desse ano, você não encontrou o Iuri?

I.X. – O Iuri, não. Agora, o Alex vinha me visitar quase todo sábado. Ele saía... Era aqui em Botafogo. Não tem rua Mariana?

D.P. – Tem, em Botafogo, [rua] Dona Mariana.

I.X. – Dona Mariana. Essa família do Ricardo... Era um daqueles casarões antigos. Ele era pintor. Aí o Alex saía e ia me visitar. Uma vez, ele levou um cachorrinho. Nós sempre fomos doidos para ter animal, e meu pai dizia: “Não! Bicho precisa de liberdade! Não! Apartamento não é para criança”.

D.P. – Não é para bicho.

I.X. – E nessa casa tinha dois cachorros. Morava a mãe; a minha amiga tinha um irmão; aí tinha a irmã dela, que era uma pintora, morava lá; e o avô.

D.P. – Iara, como é o nome dessa família?

I.X. – Acquarone.

D.P. – E o nome da senhora que foi sua...?

I.X. – Menina! E você acha que eu lembro? Lembro da tia, que era Leda Acquarone, que pintava. Não sei se é viva ainda.

D.P. – Mas você chamava...? E a sua relação com eles?

I.X. – Era tranquila. Eu não era como o Iuri, mas também não era como o Alex.

D.P. – Mas e a falta dos seus pais? Você não chorava? Não ficava deprimida?

I.X. – Não. Chorar não. Sentia falta. E eu sentia muita falta do Alex, tanto por a gente ser mais...

D.P. – Mas, na sua cabeça, você entendeu que...? Você sabia assim, “eles estão sendo procurados pela polícia, estão escondidos”?

I.X. – Isso. “Se aparecer, vão ser presos.”

D.P. – Então você naturalizou nesse sentido. Foi isso?

I.X. – Isso. “Como eu estou aqui, estudo ali, se eles vierem me ver, a possibilidade da prisão é concreta.”

D.P. – Hora nenhuma passou uma coisa de “eles me abandonaram”?

I.X. – Não, isso nunca...

D.P. – Não teve esse sentimento de rejeição nenhuma.

I.X. – Não. E acho que os meninos também não. Nem o Alex. Acho que não.

D.P. – Quer dizer, você passou um ano sem ver sua mãe e seu pai...

I.X. – Não, eu vi umas três ou quatro vezes.

D.P. – Três vezes. Como foi esse encontro?

I.X. – Aí que eu não me lembro, não. Ou a mãe da Leila me disse... Porque lá tinha telefone. Eu sei que meu pai é que me pegava, e íamos para o lugar onde estava minha mãe. Mas... Por exemplo, a última vez, era para estarem os três filhos. Porque meu pai estava achando que já podia voltar para casa, e minha mãe continuava com medo. Então, meu pai queria, queria voltar... Eu não me lembro se já era o final do ano ou se era o começo do ano. Só que, por conta disso, de o Iuri ter que sair de muito longe, não chegaram. Nós voltamos para casa em abril de 1965. Voltamos só nós e meu pai. Minha mãe ainda demorou; não veio em seguida, não.

D.P. – E você voltou para o mesmo apartamento ou para outro?

I.X. – Para o mesmo apartamento. Esse prédio era de um senhor que era alemão, que tinha vindo para cá na década de 1940, não sei se fugindo de lá ou não. Não sei se ele era judeu. Ele construiu... Ele tinha uma loja de venda... de atacado das roupas... dos *guipures*, dos tecidos. Então, ele é que ofereceu para o meu pai. Estou querendo lembrar o nome dele. Esse cara foi assim... Provavelmente, ele devia ter sofrido perseguição na Alemanha, porque ele sempre foi muito solidário. Ele que facilitou para a gente ir para o apartamento. Porque ele construiu o prédio inteiro. Era dele. E nos três primeiros andares era a empresa; do quarto para cima é que eram os apartamentos. E quando a polícia foi, que a gente saiu, ele continuou, manteve, como se o aluguel tivesse sido recebido e tudo. Ficou tudo lá. Nessa época, a polícia não invadiu nossa casa, porque... Nós tínhamos muito material de propaganda, porque era a legalidade: filmes... Minha mãe tinha ido lá no congresso das mulheres, em Havana, então, tinha discurso de Fidel, filme soviético, o raio que o parta, lá. Meu pai pegou tudo... O porteiro era muito amigo, também. Embaixo tinha uma garagem que só usava o pessoal da... Não os apartamentos. Naquela época, pouca gente tinha carro. E era só do seu **Halda** – lembrei o nome, agora. Aí meu pai disse assim: “Vamos botar tudo aqui” – estou querendo lembrar o nome do porteiro, agora –, “que eu vou dar um jeito de vir buscar”. Bom, nós morávamos no 402; no 401, era um militar que a mulher tinha problema de esquizofrenia; em cima morava um filho do seu **Halda** que tinha casado; e em cima eram uns médicos. Eu acho

que eles não foram. Eles tinham um casal; a gente era muito amigo. Ai! Esqueci o nome do porteiro. E aí, quando a polícia chegou, essa pessoa, que agora eu também não vou lembrar nem se foi o militar, não vou fazer injustiça, comunicou aos policiais: “Não, não precisa entrar, não. Eles tiraram tudo. Está aqui embaixo”. E era tanta coisa, e eles viram filme e não sei o quê, eles não arrebentaram a casa, não entraram. Pegaram aquele material todo, apreendeu e foi embora. A gente volta em 1965, em abril, a situação difícil. Eu ainda fico esse ano estudando, porque essa amiga da minha mãe, a Elza, foi que pagou o colégio, e queria continuar pagando. Ela tem só um filho, homem, então, ela gostava muito de mim e tudo, que era menina. Eu acompanhava muito elas nessas periferias, fazia teatrinho... Teve, na... Eu não sei qual era a rádio. Outro dia, o Gilney até falou. Eu falei: “Ah, Gilney, eu acho que era essa”. Ficava perto da Cinelândia. Era um programa. E aí me colocaram para fazer a parte infantil, **para as crianças escreverem, contarem**. E tinha também, que a Nieta que montou, um teatrinho, que era o *Chapeuzinho Vermelho, João e o Pé de Feijão*... Aí montava – era daquelas marionetezinhas de mão; não aquelas de corda –, e aí eu ia. E, é lógico, cabia para mim sempre ser a Chapeuzinho, a voz da menininha, na historinha. Aí a gente apresentava, nessa periferia, esse teatrinho, depois fazia a reunião, elas se reuniam com as mulheres. E nesse programa era a Elza. Ela dava informação trabalhista e não sei o quê, e um dia disseram: “Ah, você não quer ir lá no programa com a...?”. Naquela época, a gente não chamava fácil as pessoas de tia, não é? Ela seria... Aí minha mãe me levou lá, para eu comentar e incentivar. Aí botava... Contava história, ou fazia desenho, lá nessa rádio lá que eu não sei qual era a rádio. O Gilney, outro dia, comentando, ele falou: “Ah, Nega, deve ser a rádio tal”. E aí nós voltamos. Então eu sempre tive, em casa, um senso de justiça, de solidariedade. A gente tinha empregada, é lógico, mas o tratamento que a gente dava e do que era nas casas era diferente, apesar de a jornada de trabalho ser dupla. Ainda mais que minha mãe caía no mundo e a Otacília é que tinha que se virar com a gente lá. Eu nasci, ela já estava lá. Ficou até...

D.P. – E nesse ano que vocês ficaram fugidos, ela ficou aonde?

I.X. – Aí minha mãe arrumou para ela ficar na casa de uma outra pessoa que não foi perseguida.

D.P. – E quando vocês voltaram, a Otacília veio junto?

I.X. – Quando nós voltamos, a mulher não queria devolvê-la. Porque ela era fenomenal, além de [ser de] estrita confiança. Aí ela veio chorando, e minha mãe ficou assim, aí ela disse: “Não, então, se eu não voltar para cá, lá também eu não fico”. Não sei que encrenca teve por lá, porque eu ainda era meio criança. Aí ela voltou, ficou com a gente até o Ato 5, que foi quando invadiram a casa da gente, quando chegaram a segunda vez. Então eu tinha...

D.P. – E você ficou feliz de voltar...? Você lembra do seu sentimento, quando você voltou para casa?

I.X. – Ah, fiquei! Nossa Senhora! Assim, gostei muito. Porque, lá, a minha convivência com a menina era quase como ter uma irmã. E eu não tinha. Tinha os meninos. Então, se dissesse: “Ah, eu sofri...”. Não sofri, não. Como gente pergunta... Eu falo: “Gente, não sofri”. Tanto que quando você falou “Ah, Iara, eu quero que você grave”, eu falei: “Olha, gente, tudo bem, eu militei, mas eu não fui presa”. Eu não tenho história que se compare a uma pessoa como o Gilney, que ficou uma década preso. Não tive esse sofrimento, não. Ou eu sou um bicho estranho. Igual o exílio. Quando eu via nego chorando por causa de feijão preto e guaraná, eu tinha vontade de pegar um chinelo e dar no traseiro. “Ai, a saudade...” Eu nunca tive essas frescuras, não. E assim, gostei? Gostei. Mas eu era infeliz? De jeito nenhum! E depois, era a fase que a gente estava entrando na adolescência. A gente atravessava a rua, estava na praia. Quando veio as férias... Era tudo de bom. E eu era sempre...

D.P. – E eles te tratavam superbem, lá?

I.X. – Sempre. Nunca... O que a Leila... Só o menino é que de vez em quando vinha perturbar, porque vinha perturbar a irmã também. E ele era um pouco mais novo. Porque aí o avô adorava a gente, seu Guilherme, e a gente saía com ele. Porque ele que descia com os dois cachorrinhos.

D.P. – Ah! Você estava contando que então o Iuri...

I.X. – O Alex levou o cachorrinho.

D.P. – O Alex trouxe o cachorrinho para você. E o cachorrinho ficou lá?

I.X. – Não. Porque já tinha dois. Aí o velhinho... Era já era bem idoso. Ele ficou com o coração partido, porque quando a gente viu o bichinho... Aí ele disse: “Não pode”. Porque lá era assim: dois quartos, uma sala... Não era um apartamento grande. Então, já tinham cinco pessoas, quando eu cheguei lá, e eu fui ser a sexta. Então era um apartamento... E dois cachorros. Eles tinham um pequinês e um outro que era vira-lata, e o seu Guilherme que descia para passear com eles. Muitas vezes, a gente ia junto, quando veio as férias. E eu não convivi com avô, porque o meu por parte do meu pai morreu; o da minha mãe viveu até... igual a ela, até os 90 anos, ele veio para o Rio, mas ele morre antes... Ele conhece só o Iuri. Diz que era um negro de mais de um metro e noventa, e magro. [fala magro esticando o A] Isso era meu pai que dizia. E aqui no Rio o povo gosta do tal jogo do bicho, e o velhinho gostava também. A casa era uma casa de vila, e era a última casa, lá em Madureira, aí ele andava... Aí meu pai ficava... “Gente, quando eu olhava, dizia assim, vem um pé de vento, leva o seu João”. Porque ele, muito magro, não é? Então eu só tenho foto. Avó, eu convivi só com a do meu pai, e ela era extremamente racista, anticomunista, aquela pessoa o mais conservadora possível. E o que acontece com o idoso? Acontece ainda hoje. Cada um fica jogando para um lado e para o outro. Ela teve só uma filha mulher, minha tia Helena, que casou com um conhecido do meu pai que veio estudar aqui, mas ele era filho de fazendeiro do Amazonas e foi morar em Óbidos, que hoje em dia deve ser muito pouca coisa; agora, imagina naquela época! Antigamente, a gente estudava, era o ponto onde o Amazonas é mais estreito. Óbidos era famoso por causa disso. Aí, quando ela vinha... Meu pai tinha, aqui, dois irmãos. Um era da Aeronáutica. Esse era, também... A gente... Ele era tão antipático que até de criança a gente não gostava dele. Aí tinha o outro, que foi muito solidário, que era o Rubem, e essa tia Helena, que morava lá em Óbidos. E minha avó, quando vinha, todo mundo dizia: “A casa de vocês é grande, fica aí com a dona Ermelinda”. E essa minha avó, mas chiava, falava da minha mãe... Então, para eles, minha mãe que levou meu pai para o comunismo. Então ela ficava fazendo discurso. Minha mãe, nem aí, não ligava. A Otacília ficava danada: “A senhora não pode falar

isso. A senhora vem aqui na casa da pessoa...”. E eu ouvia aquelas conversas, mas nunca... E a gente conviveu um tempo pouco, Então, quando eu fui conhecer o avô da... Ele era uma pessoa maravilhosa. Então eu adorei ter um avô que fazia as coisas. Eu realmente senti, sentia falta dos meus irmãos, da convivência, de estar ali. Eu fui hostilizada no colégio, porque logo se espalhou que eu era filha do comunista. Então, uma ala toda da... Meninas que vinham estudando comigo desde o primário se retraíram. Mas, assim, isso me afetou? Pode ter me afetado para ficar...? Mas eu nunca fui uma pessoa extrovertida como o Alex. Mas também não era o Iuri. Pode ser que eu fiquei mais receosa de fazer amizade? Pode ser. Mas aí só fazendo terapia para saber, não é? Aí nós voltamos, justo na época que você está fazendo 14 anos. E nós tínhamos... Estou falando demais, não é?

D.P. – Nada! Está ótimo!

A.D. – Está ótimo!

D.P. – Muito bom! Estamos aqui ligadonas!

I.X. – Nós tínhamos uma família que morava na rua Ipiranga, que é uma travessinha ali da Paissandu, que também eles eram comunistas, que era o professor Miranda e a Maria Augusta Tibiriçá Miranda.

I.X. – Você sabe que o Carlos Henrique é a grande liderança aqui da Fundação, não é?

D.P. – Pois é. Eles tinham quatro filhos: o Aloísio, que regulava com o Iuri, que hoje em dia é médico cardiologista e que foi, muito tempo, médico da minha mãe; aí vinha o Carlinhos, que era um meio termo entre o Alex e um pouco mais velho do que eu; aí vinha a Alicinha, a Maria Alice; e o Betão, esse que morreu. E a gente se conhecia desde sempre. Se você também... Estou para perguntar se o Carlos... Eu chamo ele só de Carlinhos. Aqui, o pessoal no Rio chama ele de Caíque, mas, para a gente, era sempre Carlinhos, Carlinhos. [Estou para perguntar] se a mãe dele alguma vez recuperou... Porque até quando disseram: “Ah, estão fazendo um livro da Maria Augusta”, por

casualidade, eu estava aqui no Rio e eu fui. Mas era o negócio do Petrobras². Eu achei que era da vida dela. Mas não foi. Então eu não sei se foi por causa de atividade do partido. Só pode ter sido. A gente ficou amigo, a família. Tinha uma destoadada: o Miranda era um professor; ela era uma médica; e minha mãe nunca trabalhou, só fez trabalho político, e meu pai era um representante comercial. Era um fosso social aí. Mas que, para comunista, isso não existia. E nessa época começou as festinhas, também, que eu ia, lá em Copacabana, com... Os Miranda, eles moravam numa casa de vila, então, tinha muito menino com a mesma idade, e a Maria Augusta, nisso, ela sempre disse: “Eu prefiro todo mundo aqui do que na rua, que eu não sei onde está”.

D.P. – A Maria Augusta é filha daquela Maria Alice Tibiriçá que foi da campanha “O petróleo é nosso”, uma grande liderança feminina dos anos 1950.

I.X. – É.

D.P. – Que é avó do Carlos Henrique Miranda, que é da associação aqui da Fundação Getúlio Vargas, o economista, que a gente chama Caíque, do PCdoB, ligado à Jandira.

I.X. – A avó dele, eu ainda peguei viva, lá na casa, mas, assim, já não falava, não andava...

D.P. – E o pai foi presidente da ABI muito tempo, o Henrique Miranda.

I.X. – É. Henrique Miranda era uma figura!

D.P. – A família toda...

I.X. – E eles tinham uma casa que não era grande – embaixo, tinha a sala, e ali a gente começou a reunir. Todo mundo frequentava o Fluminense, que era um clube racista, mas que era o mais perto da gente para fazer natação – aí também tinha festinha. Então, 1965 e 1966, eu me desassociei da Leila e de Copacabana e me liguei com esse pessoal.

² Refere-se ao livro *O petróleo é nosso*, de Maria Augusta Tibiriçá Miranda.

A.D. – E você continuou na mesma escola?

I.X. – Não. Aí eu saí, quando houve... Em 1965, porque a Elza queria, e aí eu também fui para... Eu passei um ano na ACM e depois... Ai! Não vou lembrar o nome dele. Consegui uma transferência para a gente para o Pedro II. Era um professor de lá – comunista, também.

D.P. – Entrou para o Pedro II, foi?

I.X. – Foi.

D.P. – Que bom!

A.D. – Em qual...?

D.P. – Qual deles? O do Humaitá?

I.X. – Eu fui nos dois. Eu e Alex viemos para o Humaitá. Porque o Iuri foi para a Escola Técnica Federal, aquela Celso... Não sei se mudou de nome. Celso Suckow – tem um apelido ruim, é complicado. E depois, por conta do movimento, eu pedi para ir para o Centro. Então estudei...

D.P. – Por conta do movimento o quê? Do movimento estudantil?

I.X. – Estudantil. Eu achava que...

D.P. – Porque o Centro era mais...?

I.X. – É. Tinha mais menino de origem mais... Aqui, tinha muito filho de papai e mamãe. Ai! Eu não lembro o nome dele. Ele conseguiu...

D.P. – Esse professor era professor de que área? De história?

I.X. – Hã!

D.P. – Também não lembra.

I.X. – Era comunista. Era amigo da minha mãe e tal. Aí ele conseguiu...

D.P. – Era do Pedro II?

I.X. – Era do Pedro II. Eu gosto de dizer o nome das pessoas, porque muitas vezes a gente esquece. Ele deve ter morrido também. Foi uma pessoa também muito solidária com a gente. Eu acho que a nossa família teve muita sorte. Aí nós começamos... E os Miranda, apesar de ser comunista, os meninos eram escoteiros. A coisa mais esdrúxula do mundo. Eles eram escoteiros. Então é por isso que até hoje o Carlinhos faz escalada.

D.P. – O Caíque faz escalada.

I.X. – E ele gostava disso. Aí nós começamos a fazer escalada, e tinha coisa que você tinha que dormir na base, para subir no outro dia. Aí meu pai... Imagina! Menina, e não sei o quê. Aí o Alex falou: “Não, eu vou”. O Alex, sempre assim, se tinha uma coisa que queriam criar alguma festa, ele dizia: “Não, eu vou, eu levo ela”. Porque aí ele caía na quiçaca e me largava lá. Mas ele gostou de participar. Então a gente fez escalada, acampamento, já desligado da história de escoteiro, e o Carlinhos, do grupo, foi o único que eu sei que continuou. E, em volta dali, surgiram outros meninos que a gente fez amizade: dos escoteiros, veio o Carlos Eugênio, que depois foi para a organização...

D.P. – Foi para a ALN. Foi ser um dirigente da ALN.

I.X. – Foi. [Carlos Eugênio] Sarmiento da Paz, que tem o codinome Clemente. Ele foi. O Carlinhos, o irmão...

D.P. – Era desse grupo de Caíque? Do grupo...

I.X. – Do grupo de escalada. Foi.

D.P. – Certo. Então, estava o Carlos Eugênio escalando, também...

I.X. – Também. Aí ficou amigo da gente.

D.P. – ...o Caíque; você; o Alex... E se os milicos sabem desse grupinho aí de escalada, se soubessem...

A.D. – É um bom nome, inclusive.

I.X. – Aí tinha o Glauco Villas-Boas... Eles foram para o PCdoB e a gente veio para a ALN. E nesse período que começou a retomada, o cansaço da ditadura e os estudantes na rua, começou a incrementar também, já em 1966, começou a se agudizar a cisão interna dentro do partido. Na realidade, o Marighella já chuta o balde no próprio 1964. Ele saiu, correu, tentou arrumar armas com o pessoal leal a... Isso conta a minha mãe. Estou contando o que me contaram. Ele tenta organizar a resistência. E ela fica também cá para o Centro da cidade, tentando ver se se organiza a defesa, até que depois chega a notícia que o Jango entrou no avião. E Marighella já questionava a linha pacífica, **[inaudível]**, fazer a reforma através de reforma, sem você travar uma guerra revolucionária. Ele já vinha nessa discussão. Em 1966 e 1967 agudiza, ele vai para a [Conferência da] Olas. Mas aqui, por exemplo, o Comitê Secundarista, que o Iuri era, já rompe, já ganha. E muitos... Que foi uma tática que o partido usou: quando ele identificava que aqueles delegados iam votar na linha de Marighella, eles não buscavam no ponto. E aí meu irmão fez... Aí o Iuri entrou, e levou o Alex para o partido... Aí ele veio, todo compenetrado... O Iuri era uma figura: velho antes do tempo. Aí ele veio conversar. Quando ele começou a conversa, eu falei: “Pode parar! Pode parar!”. Aí eu disse: “Olha, escuta aqui, pega aquele danado ali”, que era o Alex, “porque ele vai cair nessa tua conversa. Eu não quero saber dessa conversa, não”. Meu pai, como eu disse, era um autodidata. Uma parede – coisa rara, a não ser em casa como a do professor Miranda – era livro. Meu pai comprava... Por exemplo, quando a gente era criança, ele comprou a coleção Monteiro Lobato inteira. E naquela época você encadernava, pagava

caríssimo. Então, tinha... E Jorge Amado. Aí tinha: Dostoievski, Tolstoi, e o povo do realismo soviético lá, o Homem de Ferro e mais não sei o quê.

D.P. – *A mãe.*

I.X. – É. Eu sempre gostei muito de ler, e eu lia muito. Então, uma coisa... Você é historiadora? Pois é. Uma coisa que você lê, a resistência, a Guerra da Mãe Pátria, o povo queimando tudo, para os alemães... Isso aqui era muito vivo para a gente. A gente ouvia a resistência dos soviéticos – hoje, russo, ucraniano, o raio que o parta lá – e você se identificava com aquilo. E o partido tinha todo um discurso e prática, pelo menos que chegasse até a mim... Não era real. Então, quando o Iuri veio conversar... É uma coisa engraçada, menina! Se eu dissesse: “Hum, eu estava sabendo, *Por que resisti à prisão*, de Carlos Marighella”. Não estava. Só fui saber depois. Mas quando ele veio conversar comigo, que eu disse não, eu falei: “Escuta, quando vocês quiserem fazer um partido de verdade para a gente lutar contra, aí você volta a me procurar, mas para ficar nesse nhenhênhem dessas reuniões que...”. Porque as reuniões, lá, iam o dia inteiro. Aí eu ia na sala, voltava, saía...

D.P. – Na sua casa, não é?

I.X. – É. E via aquele blablablá... Eu digo: “Vai discutir assim...!”. Nesse período, o Iuri vai ser também secretário lá na associação da Escola Técnica, da Aeti³. O Iuri gostava também, tanto ou mais do que a gente, de ler. Ele tinha uma capacidade de análise... Era mais velho, também. E escrevia muito bem. E ele, junto com o Carlinhos Alvarez e um outro menino, que é o Altamir Tojal – o Altamir era do partido; o Carlinhos não –, fizeram o jornalzinho⁴. Até numa época, quando eu voltei, eu fui procurar, ele me deu uma cópia. Porque tem vários artigos do Iuri. Ele foi entrevistar o João Saldanha, porque ele era conhecido da minha mãe, era mais fácil. Então eles conseguiram ganhar a Aeti e faziam o jornal, e tinha a atividade lá, porque menino gosta muito. Aí começou a crescer o movimento estudantil e... Para você ver, o Alex era tão irreverente... O

³ Agremiação Estudantil Técnica Industrial.

⁴ Refere-se ao jornal *O micron*.

Carlinhos, o Aloísio, esse tempo que eu fui gravar com eles, porque eu também tenho a intenção de um dia escrever um livro dos meninos... Ele formou o **Caab**...

D.P. – Você foi gravar com quem? Com o Carlinhos? Com essa turminha?

I.X. – Com os que ficaram vivos.

D.P. – Fez uma gravação, um depoimento.

I.X. – O Carlos Eugênio; o George Vidor, esse que é do *Globo*, era do nosso grupo...

D.P. – George Vidor?

I.X. – Amicíssimo nosso. E ele foi dar o depoimento. Então eu reuni os que sobreviveram, o Glauco... como é que eles viam. Porque tinha um lado de atividade deles que eu não participei. E aí o Alex formou um... Como é que era? O **Caab** – não sei o quê dos Anarquistas Brasileiros. Aí ele tinha... O Aloísio, então, adora declamar as palavras de ordem do **Caab** lá. Ele criava... criou isso. Então ele era muito irreverente. Mas era um menino muito decidido. E aí foi agudizando, Marighela vai para a Olas, é um tempo... o Iuri vai para a Aeti, então, tem...

D.P. – O Iuri vai para...? Para a Escola [Técnica]?

I.X. – [Vai] para a Escola Técnica, vai para a direção da associação – que não se chama grêmio, naquela época –, a Associação Estudantil das Escolas Técnicas. Aí tem um congresso deles. Até eu conheço o pessoal – um está vivo até hoje – que veio de Belo Horizonte, que fica lá em casa. E mineiro. Então...

D.P. – Sim. Agora, e sua casa? Ainda continuava o pessoal se reunindo lá? Ou não? Depois do golpe, quando vocês voltam, em 1965.

I.X. – Não. Mas aí começam os filhos deles. Por exemplo, o David...

D.P. – Davizinho?

I.X. – Davizinho. Aí tem um outro que veio de Pernambuco... Meu Deus! Eu esqueço o nome do pai dele. Ele se chama Frederico Pessoa. Esse saiu logo para a direita. A gente não podia nem ouvir o nome dele. Veio o Crioulo, que é o Luiz José da Cunha... Aí tinha uma atividade por conta já da atividade do Iuri. Mas o pessoal... Por exemplo, o Marighella já não ia, muito menos Prestes, nem Mário Alves. Esse pessoal já não aparecia.

D.P. – Sim, [não aparecia] mais na sua casa.

I.X. – Mas começou a movimentação por conta da militância do Iuri. E eu, que era menina carioca naquela época, a moda era minissaia, então, esses mineiros, eu lembro bem, quando eles foram ficar lá em casa... Porque aí eu chego na sala, aí o Iuri diz: “Essa é minha irmã alienada”. Porque eu gostava dos Beatles, **do Tom**, gostava... E ele disse assim: “Ninguém ligou para o alienado. Estava todo mundo olhando para as pernas”. Porque em Belo Horizonte não se andava com a minissaia no tamanho que se andava aqui. Eu não andava nem com uma das mais curtas. E era totalmente. Aí, quem também estava, um que ficou no partido, que é um desaparecido político, o Montenegro, que é um altão que veio lá do Ceará. Uma pessoa boa, aquela que... O Crioulo diria assim: “Mansa”, quando a gente estava conversando sobre... Que também foi um tempo que a gente conviveu. Aí vem uma menina que era da JOC, ou JUC, uma dessas coisas católicas que a gente nunca foi, que o Iuri começou a namorar e trouxe para cá, que era a Gastone Lúcia, que até quando agora eu fiquei lendo esse massacre ao jovem... Nunca pegamos o corpo. Porque a família depois levou. Quando nós fizemos o trabalho na comissão da Lei 9.140, nós fizemos um trabalho com os peritos. Tinha entrado o Cristovam Buarque, em Brasília. Ela levou 37 tiros. Só ela.

D.P. – Essa menina, a Gastone?

I.X. – A Gastone. Ela era uma baixinha... Ela devia ter um metro e cinquenta e cinco. Ela não chegava a um metro e sessenta. Ela veio dessa origem, JOC ou JUC, uma

dessas daí. O Crioulo; o Montenegro; o Davizinho, que depois fica no partido; o Marquinhos... Então é o grupo...

D.P. – O Marquinhos qual era?

I.X. – Marcos Nonato Fonseca, que morre com o Iuri, com 19 anos. Ele entra para a organização, assim como eu, com 16 anos. Ele ainda era mais novo do que eu. Então foi um grupo de meninos que a gente conviveu. O Aldo de Sá, também, que é outro que morre...

D.P. – Morre também.

I.X. – ...vem nesse grupo. A gente conviveu em passeata, em... Eles não frequentavam as festinhas. Perderam, não é? A Gastone ainda ia em alguma, depois que terminou o namoro com o Iuri.

A.D. – O Alex não ia?

I.X. – Alex ia, mas não dançava. Ele nunca foi de dançar. Ele bebia...

D.P. – Você adorava dançar?

I.X. – Eu gostava. Ixe! Dançava a noite toda. Eu não fumava e não tomava cerveja. Essa coisa que coleguinha vem experimentar... Eu provei e não gostei. Alex bebia e fumava. Aí ele ficava lá fazendo as conversas dele. Sempre tinha uma rodinha em volta dele, porque ele era muito cativante. E esse grupo, que é onde estava o Caíque, o irmão, o Glauco, e outros que não foram para a política, um grupo veio para a ALN; outro, para o PCdoB; e outros permaneceram no Partido Comunista. Às vezes, quando eu digo assim... O pessoal... “Ah, Iara, você teve muitas perdas.” Aí eu falo: “Muito mais do que você imagina!”. Porque não foram só os dois e o meu companheiro; foi todo um pessoal de uma época aonde você cria laços. E depois que se identificou no mesmo projeto de vida e de luta e de concepção de mundo, muito mais. Então, outro dia eu estava pensando, eu digo assim: é muito triste você sobreviver. Por isso que você vê os

traumas de guerra nos sobreviventes, porque é duro, quando você olha em sua volta e só sobrou você. É muito difícil. Mas foi uma época muito boa: não se morria ainda. Aí Marighella volta e se decide por fazer uma organização, que no início não se assume como política. Entra o ano de 1968... E Marighella já tinha mandado um primeiro grupo para treinamento em Cuba, porque naquela época já estava mudando a realidade econômica e social no Brasil, mas ele não teve essa percepção. Ele achava que era fundamental a guerrilha urbana, motivado pela vitória de Cuba. Então ele queria guerrilheiros rurais; não o urbano. O papel da guerrilha urbana seria diferente do que foi em Cuba, de apoio e com grupos também de ação, mas todos os esforços de Marighella, nesse período, foram concentrados para fazer uma área e ter o grupo e começar. Ele achava que dali que ia ter futuro.

A.D. – Posso só voltar um pouquinho? Desculpa te interromper. Como é que os pais de vocês viam a militância de vocês?

I.X. – Mas meus pais eram comunistas.

A.D. – Mas aí eles incentivavam também?

I.X. – Sim. É que eu te digo assim... Igual você disse: “Sentiu falta?”. A ida do Iuri e do Alex, eu não sei se a Zilda puxou. Porque, ali em casa, quem era a cabeça de puxar alguma coisa era a minha mãe. Eu não sei te dizer. Eu sei que quando... O Iuri é que veio conversar comigo. Depois, porque aí vai chegar esse período, a gente começa a ir em manifestação e tal, e aí tem um dia... E aí eu vou para o Pedro II do Centro e começo, ali, a estar junto no grêmio. Aí minha mãe chama e diz assim: “Olha, Marighella disse que é para vocês não irem mais em manifestação”. Ali, eu me revoltei. Eu falei: “Ah! O filho dos outros vai e a gente...?” Porque ela não queria explicar o porquê: para você não ficar queimado. Ela não soube fazer o discurso dela, se lascou. Eu falei: “Não, não tem nada disso!”. O Iuri e o Alex se retrairam, porque eles já estavam indo para Cuba. Como o Iuri era num outro território... O do Alex, eu comecei a sentir falta. Mas Alex, Carlos Eugênio, tudo, e Aldinho não obedeceram. Quando teve aquele cerco na Praia Vermelha – naquele, eu nem estava, porque eu tinha uma prova de matemática, e o professor era o cão –, eu estava na casa de uma amiga, a gente

estudando, aí me liga o Marquinhos, o Marcos Nonato, dizendo: “Iara, eu acho que prenderam o Alex e o Aldo, aqui”. “Mas você acha ou o quê? Você viu ou não viu?” Por telefone. Ele, do orelhão. Aí ele falou: “Não sei. E está cercando. Eu vou entrar para ver e depois... O que se diz é que quem entrar fica e quem sair não entra”. Aí eu... “Está bom.” Aí eu pensei, pensei, aí falei para essa amiga minha, a Virgínia, falei: “Ah, Virgínia, eu vou lá. Porque esse Alex...! Não possível!”. Aí... O que eu ia fazer? Nada, não é? Vou para lá. Chego lá, tem um pessoal que eu conheço do Pedro II... “Escuta, vocês viram? Você viu?” “Não, não vimos ele por aqui, não. Mas eu acho que ele não... Porque ainda não estão prendendo.” E era a hora que eles estavam começando a fechar. “Ninguém entra.” E aí tinha aqueles brutamontes: “Vai entrar? Entra. Vai sair? Não sai.” Aí eu falei... Tibumba! Entro. Entrei... É igual aquela... Entrei de gaiato... Entrei. Já não estava com grupo nenhum. Ali dentro tinha menino *pra* danar. “Cadê?” Conversa. Encontro a Gastone. “Gastone, você viu?” Aí ela falou: “Iara, eles estavam no esquema da segurança”. Porque, como eles se calavam... Tanto que eles não foram presos, os safados. Eu fui. Eles saíram por onde hoje é o Rio Sul, levando Palmeira, Franklin Martins... Tiraram as lideranças por ali – ele e Carlos Eugênio –, porque sabiam os caminhos de como sair por trás. Aí a Gastone disse: “Eles estão montando o esquema de segurança e tal e de tirar o pessoal... liderança daqui, para não ser preso. Mas eu acho que não foi, não”. Eu falei: “Ah, está bom”. Aí ela... “Vamos ficar junto.” Era a pessoa mais próxima. Até hoje eu lembro. Você estava nessa manifestação? Não, não é?

D.P. – Em Recife. Porque eu estava em Pernambuco.

I.X. – Ah! Está [certo].

D.P. – Eu só venho para cá em 1970, clandestina.

I.X. – Aí o Franklin Martins chama para fazer uma assembleia onde era o negócio de comida, que tinha um pátio grande, assim, e aí ele virou... “Quem é a favor?” Porque aí garantiram que, se saíssem, ninguém ia ser preso. Aí tinha um pessoal que dizia: “É mentira, vão prender”. Aí ele disse: “Senta!”. Aí eu falei assim: “Gastone, esse cara está doido. Eu não vou sentar, não.” Porque, para você levantar, os caras... E você só ouvia o

blablablá lá fora. Porque o pai dele era senador e ele estava intermediando. Foi dito e feito. Nessa história, senta, levanta, senta, levanta, os caras arreventaram a porta e invadiram. E nós tínhamos ficado bem perto de uma janela, assim, e pulamos, e aí eu ainda falei assim: “Vamos para a rua”. Aí a Gastone... “Não! Lá vão prender a gente! Vamos subir!” Aí eu ainda disse: “Gastone, quem sobe tem que descer”. “Não, porque lá o pessoal de química fez não sei o quê, fez molotov, fez não sei o quê, nós vamos resistir”. Menina! Nós subimos não sei quantos andares – hoje em dia, não lembro. Aí o pessoal começou a entrar, e aí vem um pessoal... “Não, não quebra. Vão dizer que fomos nós.” Só ali onde era a área de química. Aí entrou a turma. É lógico: se entrou, tinha que descer. E ia eu e Gastone. Aí vem um rapazinho – até hoje eu lembro –, lourinho, com um jaleco de medicina, e diz assim: “Menina, isso é hora de criança estar na casa!”. Eu tinha uma cara... Eu era nova e tinha uma cara de mais nova ainda.

D.P. – Você tinha o quê? Dezesseis?

I.X. – É. [E eu tinha uma cara de] mais nova ainda. “É hora de criança estar na casa, estar na cama.” Aí ele falou: “Vem cá”. Aí ele começou a passar, e botando a mão assim. E eu, prestando atenção em Gastone, não reparei que os caras não baixavam a cacetada nele. Porque aquilo é tudo... Você falando, dá tempo. É muito rápido. Aí Gastone viu, tinham uns cinco ou seis PMs e um menino na rodinha, ó... Aí a baixinha foi lá: “Seus assassinos!” Porrada. Foi a última vez que eu vi ela. Aí esse sem-vergonha era um policial infiltrado.

D.P. – Esse que não batiam? O rapaz de jaleco?

I.X. – Esse lourinho. Aí que eu vi. Ele ia com a mão, tinha que levar porrada. Porque foi corredor polonês que eles fizeram, para a gente descer. Aí ele chegou e disse assim: “Leva essa. **Prende** essa aí”. Aí que raiva, sabe?! “Pode levar essa aí.”

D.P. – Você achando que estava protegida, você estava na mão do lobo, não é?

I.X. – E um gatinho, lourinho, bonitinho. E eu estava com um pulôver de *cashmere* vermelho que era do pai dessa minha amiga. Porque o tempo estava chuvoso, ela falou:

“Toma”. Aí ele ainda sacaneou, disse: “Olha, está aí até de vermelho!”. E aonde a gente foi? Foi aquela que botaram a gente no campo do Botafogo. O Carlinhos também entrou nessa, foi preso também. Aí levaram a gente para lá. Aí tinha uma moça – até hoje eu não lembro o nome –, aí começou a dizer: “Escreve o telefone para avisar para o seu pai. Vão levar a gente lá para o Dops”. Meu pai e minha mãe não estavam em casa – sei que estavam viajando. Eu falei: “Eu não posso dar, porque o Iuri vai *me matar*”. Aí eu digo: “E agora? Põe o telefone aqui?” Aí essa moça falou assim: “Me dá, me dá, porque meu pai é não sei o quê”, eu não me lembro, “põe aqui que ele vai tirar”. Aí botam a gente nos ônibus.

D.P. – E você deu algum telefone?

I.X. – Dei o de casa. Eu falei: “Agora, o que vai...?”. **Ela** falou: “Você não pode ficar sem referência”. Botaram a gente nos ônibus, e aquela meninada toda, e um guardinha aqui e outro ali, e os meninos que vinham de carro... “Ei!” Achando que a gente estava indo para algum lugar. Aí essa menina fazia assim: “Nós estamos é preso! Precisa avisar a família!”. Aí teve um...

D.P. – [riso] Eu tenho que rir.

I.X. – Foi parando... “Joga!” Aí ela jogou o papel ali. Veja bem.

D.P. – Achou que era uma excursão de um bando de jovenzinhos.

I.X. – É, uma excursão. Aí a gente chega lá, levam, e eles começam a identificar. Tanto que o outro menino que era da gente e depois foi para o Molipo, o Flávio Molina, ele foi preso e identificado ali. Aí eles chamavam, assim: “Fulano! Sicrano!”. A gente achava que ia todo mundo... “Vamos tocar piano, tirar foto e não sei o quê.” Aí chamaram essa menina que eu não consigo lembrar o nome e me chamaram, e quando a gente está na escadaria, aí eu encontro o Carlinhos, o Aloísio, e está a Maria Augusta – não me lembro se o Miranda estava – lá embaixo. Eu volto para casa até com eles.

D.P. – Maria Augusta é mãe do Caíque.

I.X. – Eu volto para casa com eles. Agradeço à menina e tal e vou embora, volto para casa. Eu levei uma pancada só – e era cassetete de borracha, e ele deixava uma marca quase como se fosse uma queimadura. Aí eu cheguei, botei um pijama de manga comprida e estou lá...

D.P. – Em casa.

A.D. – Não falou nada.

I.X. – Não. Aí o linguarudo – não sei se foi o Aloísio ou o Carlos Henrique – foi... Aí que o Iuri foi descobrir, no outro dia. Aí veio: “Você vai pôr em risco a família toda!”. Aí fez o maior discurso, e alugou, alugou, alugou. E eles saíram em 1968 para o treinamento – Iuri, Alex...

D.P. – Agora, me diga uma coisa, no Pedro II, você tinha algum cargo, no Centro?

I.X. – Hum-hum! [negando]

D.P. – Não. **Para ser** discreta, é isso? Ou não?

I.X. – Não. Eu não...

D.P. – Mas tinha uma militância lá dentro?

I.X. – Quando eu cheguei no Humaitá, quem estudava lá, também, era o George Vidor. Eu acho que, se eu não me engano, ele era da imprensa já. Aí eu fiquei um tempo, a gente atuou ali, e depois eu fui... eu pedi a transferência para o Centro. Aí já era um pessoal... Eu, hoje em dia, esqueço o nome. Já era um pessoal ligado ao PCdoB, que dominava o grêmio lá do Centro. Aí, entra 1968, eu não termino. Assim, não termino... O ano fica capenga...

D.P. – Você estava no colégio, ainda. Era o terceiro ano? Em 1968, era o quê? Você estava...

I.X. – Estava no segundo.

D.P. – [Estava] no segundo colegial. Segundo científico ou clássico?

I.X. – Científico. Eu fui para o científico. Porque o Iuri sai – e minha mãe desaparece mais ainda na militância –, e...

D.P. – Iuri vai para Cuba?

I.X. – Vai para Cuba, e o Alex. Vai treinar...

D.P. – Os dois vão para Cuba. Você sabia que eles iam treinar lá em Cuba?

I.X. – Sim, sabia. Aí vai o Crioulo... Eu não sabia... Os meninos de Minas, que é o Ricardo Apgaua e o Antônio Carlos Bicalho Lana, que eu não sabia; vim saber depois. Mas, lá do Rio, eu sabia que ia o Iuri, o Alex e o Crioulo.

D.P. – E, a essa altura, você estava na ALN já?

I.X. – Não. Não fazia nada. Estava envolvida com o movimento estudantil, achando ótimo. Aí tinha esse pessoal de Polop, de JOC, de não sei o quê. Achava ótimo, mas não estava nada em ALN, não. Aí, no final de 1968, justo nas vésperas do dia 13 [de dezembro], meu pai recebeu uma incumbência... Marighella tinha... não sei se uma área ou mais de uma área, não sei, e meu pai começou...

D.P. – Tinha mais de uma o quê?

I.X. – Área de guerrilha rural. Meu pai ficava levando medicamento, não sei o quê. Ele conhecia os pontos, não da área, mas de onde...

D.P. – Perto.

I.X. – ...onde chegava para chegar. E uma dessas [áreas] era na rota da Belém-Brasília. Minha avó, aquela que eu... a mãe dele, que eu me referi, já estava bem idosa, já não saía mais de Óbidos. Porque era complicado sair de Óbidos: você não tinha um barco bom; você não tinha voo; você tinha que vir para... Como é aquela cidade? Altamira? Não. Tem uma cidade antes que é maiorzinha. Para daí você poder pegar um barco mesmo e tudo. Aí meu pai falou assim: “Vamos ver sua avó? Porque pode ser que seja a última vez”. E tinha um outro menino, que tinha vindo falar com o Marighella, que era o Paulo, que era de Belém, e aí meu pai falou: “Vai vir dormir aqui um companheiro”. Acho que o nome de guerra era Paulo e o nome dele é Carlos. Eu sempre confundo os dois. “E amanhã a gente sai bem cedinho.” E meu pai gostava, desde que a gente era criança e ia viajar, ele gostava de, cinco horas da manhã, já estar na estrada. Porque quando dava quatro, quatro e meia, ele já parava, para não pegar o entardecer...

D.P. – E vocês iam de carro para lá?

I.X. – Fomos de carro, nesse Fusquinha.

A.D. – Chão, não é?

D.P. – Nossa!

I.X. – Aí nós saímos exatamente... Eu; o Paulo – o Paulo na frente, eu sentada atrás... Ninguém soube do Ato 5. A gente saiu de manhã...

D.P. – Vocês estavam na estrada, no dia 13 [de dezembro]?

I.X. – É. Aí a gente se despede... Estou esquecendo o nome do porteiro, desse porteiro. Ele estava lá embaixo.

D.P. – Sua mãe não estava em casa?

I.X. – Não estava.

D.P. – Sua mãe já vivia pela militância?

I.X. – É. Aparecia pouco.

D.P. – Aparecia pouco em casa?

I.X. – É. Aí nós pegamos a estrada. Não sei em que altura, teve a primeira barreira, e meu pai já disse assim: “Paulo”, ou Carlos, “tem alguma coisa errada” – porque tinha Exército –, “isso aqui...”. Ele já tinha feito várias viagens por ali. Aí ele falou assim... E o meu pai já tinha... O carro e tudo era nome frio. Eu nem podia dizer que era meu pai, porque não batia. Eu estava com o meu documento legal.

D.P. – E seu pai, com outro documento.

I.X. – Com outro... Ricardo Fialho, se eu não me engano, que era o [documento] do veículo, e carteira falsa, também. Aí ele falou assim: “Bom, vamos ver”. Aí o menino, que era **advogado**... “Ah! Eu digo que ela é minha noiva”. Eu era menor de idade. Aí os caras realmente... Fosse porque me viram, não sei o quê, só conferiram o documento: “Passa!”. E no bagageiro tinha... Eu acho que essa era a medicação; não era munição, nada, não. Se eu não me engano, eram... Aí a gente passou. Passou, e meu pai parou e disse: “E agora? A gente volta ou segue?”.

A.D. – Para saber o que estava acontecendo.

I.X. – “E agora?”

D.P. – Sim, porque o carro, com material; o Exército...

I.X. – Aí, lá, ficou sabendo que tinha tido um novo ato e tal.

A.D. – Ah! Está [certo].

I.X. – Aí o menino falou assim: “Não, daqui eu pego um ônibus, sigo viagem”. Ele era legal. Aí ficaram lá os dois discutindo – eu não participei da discussão –, aí meu pai falou assim: “Não, vamos tocar. A gente passou nesse...”. Aí tocamos. Chegamos nessa cidadezinha que eu não lembro qual é...

D.P. – E vocês paravam para dormir?

I.X. – Parava.

D.P. – Porque é estrada, não é? Foram quatro dias de viagem? Cinco dias?

I.X. – Uns três. Aí a gente chegou onde meu pai ia deixar as coisas, aí a gente ficou numa pracinha, ele foi e voltou, aí ele disse: “Ah! Agora eu estou mais tranquilo, porque não tem nada de estranho no carro; só roupa”. Porque, se fossem revistar o carro... Eu imagino que era remédio...

D.P. – Pegaram outra barreira? Ou só foi aquela?

I.X. – Pegamos várias no caminho.

D.P. – Ah, é?! Nossa!

I.X. – Várias.

D.P. – Mas não teve nenhum problema.

I.X. – Nada. Aí chegamos em Belém, aí foi, fez reunião, não sei o quê. Aí esse menino me levou em reunião – porque eu tinha ido duas vezes com ele num encontro com o Marighella, então, ele devia ter achado que eu era grande coisa, não é? Aí estou eu lá ouvindo aqueles meninos falando, e eu cá comigo: “Eu vim ver minha avó. Mas está bom”.

D.P. – Os meninos, quem era?

I.X. – Eram de Belém, da organização. Aí o que é que houve? Teve um problema, porque a gente ia de avião... Acho que é o... Não, não é Altamira. Ai, meu Deus! Me deu um branco. [A gente ia de avião] até a cidade, para pegar o barco para Óbidos. Aí não tinha. Teve algum problema de não ter voo, aí a gente pegou um navio que ia para Manaus, que passava lá. Só que para você descer de navio no rio Amazonas... Não tem atracadouro. Não tem píer. Você tem que descer do alto até a canoinha lá embaixo. Aí fomos. Ficamos... Meu pai tentou fazer contato lá em Belém, não conseguiu, aí ele falou: “Olha, você fica. Mandaram você ficar aqui. Eu vou voltar. E depois chegam as instruções, o que vai fazer com você”.

D.P. – Nossa! Com você?

I.X. – É. Aí eu falei: “Ah, está bom”. Fiquei lá com minha avó e com minha tia, aquela coisa, uma cidadezinha desse tamanho, e ela me exibindo para todo mundo, a sobrinha do Rio de Janeiro. Tinha a garotada do Projeto Rondon, que tinha naquela época lá, aí ela ficava me vigiando, para não ir... Porque eu falei: “Ah, que bom, tem uns meninos aí da universidade!”. “Não, você não vai sair com menino de universidade.” “Não, eu vou lá para ver o trabalho deles.” Aí meu tio me pegou... Meu tio tinha várias fazendas. Então ele ia pelas fazendas, e tinha o barco que carregava os bois. Ele criava boi. Aí ele começou a me levar. E ele ficou doido, porque a primeira fazenda que chegou... É aquela história: ninguém recebia dinheiro: o armazém era dele, anotado. Aí eu fiz um discurso, comecei a discutir. “Mas, escuta, quanto custa isso aqui?!” Eu disse: “Vou fazer tudo para o jornalzinho lá do grêmio. Que absurdo, tio! Você não é...”. [Inaudível], não é? “Ô menina, você não vem fazer agitação nas minhas terras, não!” Aí ele voltou comigo para trás, disse: “Essa menina aí quer me arrumar problema!”.

D.P. – Ele era o quê? Qual era o parentesco, mesmo?

I.X. – Ele era marido da minha tia.

D.P. – E essa tia é irmã do seu pai?

I.X. – É. Aí eu digo... Eles devem ter ficado de... Ela, com medo dos estudantes universitários que estavam na cidade, aí disse: “Não, leva ela lá para a fazenda”.

D.P. – Chega na fazenda, o negócio...

I.X. – “Você não quer andar de cavalo?” “Ah, quero, é lógico, vamos lá!” Na primeira que ele parou, que a gente ia dormir, não sei o quê, aí eu vejo aquilo ali... Era luz... Não tinha luz elétrica; o armazém... Era um esquema que eu tinha lido nos livros de Jorge Amado.

D.P. – O barracão, não é?

I.X. – Meu Deus! Aquele povo... Ave Maria! Aí chega a primeira ordem: eu vou para Cuba terminar meus estudos e eu vou sair pela Guiana.

D.P. – A ordem era essa?

I.X. – Do Marighella. Aí eu falei: “Ah, não vou mesmo!”. Aí minha tia... Porque minha tia só sabia que eu ia chegar lá na Guiana. A história de Cuba, ela não sabia. “Não, porque sua mãe está preocupada, e seu pai, como é que você chega, e você viajar sozinha, eu não posso ir te levar”. Eu falei: “Ah, não vou! O que eu vou fazer na Guiana? Não vou. Não vou”.

D.P. – Quer dizer, você sabia que ia para Cuba.

I.X. – Eu sabia.

D.P. – Você não queria ir.

I.X. – Tinham dito.

D.P. – Isso veio o quê? [Veio] uma carta para você? Ou telefone?

I.X. – Foi por telefone. Tipo assim: “Você vai para a Ilha, vai ver os meninos...”

D.P. – Tudo cifrado, não é?

I.X. – Era uma conversa assim.

D.P. – Meio cifrada.

I.X. – “E aí você vai estudar então fora.” Eu falei: “Ah, não vou!”. Aí era a minha mãe, no telefone. Eu falei: “Não vou! Não vou!”. Aí ela falou: “Está bom. Então você vai para Belém, e de Belém nós vamos estudar um jeito de você voltar para o Rio”. A ideia era que alguém de lá viesse de carro, também. Acabou que voltei de avião. Desembarquei ali no Santos Dumont, com a minha carteira mesmo. Se tivesse computador na época, não é? Até hoje eu lembro. Aí cheguei, desembarquei, ela me pegou...

D.P. – Quantos anos você tinha? Já tinha 18 [anos]?

I.X. – Não. Dezoito, eu faço em...

D.P. – Em novembro.

I.X. – ...em 1969, no final do ano. Ainda tinha 17 [anos]. Tinha feito 17 [anos]. Aí minha mãe me pega e diz: “Olha que dor de cabeça! A gente, aqui, está cheio de preocupação e você criando caso?!” Eu falei: “O que eu vou fazer na Guiana? Como é que eu...?”. “Não, lá já tinha o esquema que ia te pegar, não sei o quê.” Esses dias... Você vê que eu já conversei muito... O Mário Magalhães, que fez o livro sobre Marighella, ele foi no enterro da minha mãe, e aí ele, comentando, disse: “Iara, você sabe que Marighella voltou pela Guiana?”. Eu falei: “Não sabia, não, mas agora você me deu uma notícia boa”. Por isso que o infeliz queria me mandar pela Guiana! Ele tinha algum esquema, ou Cuba, lá. Eu falei: “Olha, durante muitos anos” – porque eu nunca mais, depois, vi o Marighella vivo – “eu fique encafifada, por que ele queria me

jogar naquela porcaria de Guiana”. Em pleno 1969, você imagina o que era! Ele tinha um esquema. Ele voltou por lá. Eu falei: “Ah! Não sabia”. Aí cheguei. Como estava... Aí a casa foi invadida, eles levaram várias coisas, bateram nesse porteiro que este me fugindo o nome. Porque ele foi dizer: “Ah, isso aí? Isso aí é da dona Zilda e do seu Xavier”, e aí o cara bateu nele, por que ele estava se metendo. Invadiram a casa e levaram várias coisas.

D.P. – Só que não tinha ninguém em casa.

I.X. – Ninguém. Eu tinha saído com meu pai, eles chegaram lá na manhã...

D.P. – E a empregada, também, já tinham...?

I.X. – Estava de folga, de férias. E o que acontece? Como em 1964, o seu **Halda**, achando que ia ser igual, talvez, coitado, mandava o *boy* dele ir fazer o pagamento do nosso aluguel no banco. A polícia pega o garoto e vai em cima do seu **Halda**. Eu imagino que eles não tiveram coragem e tal... Porque a história do seu **Halda** foi: “Ah, não! Eu cheguei aqui, tinha esse bilhete do Xavier com um envelope com dinheiro, eu mandei o menino depositar no banco”. O menino já estava indo todo mês. Eles sabiam, porque o gerente falou para ele. Então é uma pessoa... Eu nem sei, quando meu pai voltou, se ele estava vivo, se ele foi. É uma pessoa que foi...

D.P. – Fundamental, não é?

I.X. – ...solidário, sem ter nenhuma maior afeição ou identificação do que ser amigo. Aí eu volto. A partir daí...

D.P. – Mas você volta para onde? A casa, invadida...

I.X. – Para o Rio.

D.P. – Sim. Mas vai para onde?

I.X. – Já é aparelho. Aí já tinha alugado... Ali na rua Bolívar, até. Perto de onde o Pimenta se suicidou, ou suicidaram ele. Minha mãe tinha montado esse apartamento ali. A partir daí foi que eu engreno mais na organização e que eu passo a ter uma maior convivência com Marighella. Bom, essa estrutura da ALN no Rio...

D.P. – Aí seu pai também estava lá no aparelho? Ou cada um num canto?

I.X. – Não.

D.P. – Sua mãe, você...

I.X. – Só eu e ela.

D.P. – Quem ficava fixo lá eram vocês duas?

I.X. – É. Meu pai, para te ser sincera... Ah! Porque meu pai depois vai para Cuba. Vamos chegar lá. Então a organização, no Rio, é parecida com o que foi de São Paulo, em termos dos jovens. Só que, em São Paulo, veio muito o pessoal que já era da dissidência do partido – tinha o Rolando Frati, o Pacheco, o Toledo, que eram quadros do Partido Comunista. No Rio, ninguém acompanhou Marighella, desses quadros, e aí minha mãe montou – que é uma coisa muito interessante de estudar – uma rede... A base de apoio que a Zilda montou aqui era com mulheres, coisa que em São Paulo não existiu. Aí era: a Nieta; ela; a Mariazinha...

D.P. – Mariazinha...?

I.X. – ...Silveira, que era uma professora, já faleceu, só a irmã que está viva; a Maria do Carmo, que era irmã dela; a Edmeia, que eu esqueço o nome, que era uma antiga militante do Partido Socialista Brasileiro... Tanto a Nieta quanto a Edmeia foram daquele pessoal da Brigada Vermelha, de socorro aos presos políticos. A Edmeia era...

D.P. – Eu sei quem é a Edmeia.

I.X. – [A Edmeia] era enfermeira. E ela montou essa... Então você não vê em nenhum lugar da organização onde tenha tido um papel – e todas desempenharam o seu papel, seja no transbordo do dinheiro das expropriações... A Mariazinha, fizeram a burrice de... A Mariazinha não. A Nieta, [fizeram a burrice] de usar a casa dela, como dava para o Horto, para a floresta, para treinar explosivo e tiro. O menino foi preso, entregou ela logo, é lógico. Então, essa rede...

D.P. – A Mariazinha era...

I.X. – Professora.

D.P. – Sabe o sobrenome dela?

I.X. – Mariazinha Silveira. Ela já faleceu. Só a irmã, que é Maria do Carmo, que está viva. Está bem idosa.

D.P. – A Mariazinha chegou a ser presa, e a Maria do Carmo?

I.X. – Foi. Aí eu vou chegar lá, em 1970.

D.P. – Está bom.

I.X. – Aí, em 1969...

D.P. – Aí vocês estão lá na Bolívar...

I.X. – Aí eu começo todo o... O Marighella se sentia... Por isso que eu acho que ele queria ir logo para o campo. Porque a busca era tão intensiva e ele era um homem tão característico, ele se sentia meio como um bicho enjaulado – não podia circular, só podia circular à noite –, e ele sempre gostou muito de ter o contato, com as conversas. E aí quem foi servir de ponte fui eu. Aí minha mãe me leva lá. Era no... O Mário diz que era Todos os Santos. Eu achei que era Méier. Era um aparelho que o Marighella ficava quando vinha ao Rio. E aí ele ficava conversando e não sei o quê. Tinha hora que ele só

fazia chacota, por causa das minissaias. “E as meninas usam isso mesmo?”, e **se não** usam. E depois, aí ele conversava, conversava o que o pessoal no colégio estava questionando, se era a qualidade do ensino, se não era. Depois, muito tempo para frente, eu comecei a ver que ele estava querendo ver a realidade do dia a dia pelos meus olhos. Porque ele não tinha mais isso. E aí a gente começa... Eu faço alguns encontros... Porque minha mãe era assim: minha mãe não deixava ele chegar e encontrar você. Ele chegava, ela ia, te encontrava, aí marcava, aí ela ia no ponto, buscava você e levava para falar com ele. E como ela tinha que fazer outras coisas, também, começou... eu comecei a fazer isso. Até, com o Gilney, a gente se conheceu em 1969 por causa disso. Caiu a legalidade dele lá em Belo Horizonte, ele e o Chico vieram para o Rio, e aí eu fui duas ou três vezes levar... para marcar o encontro deles com o Marighella. A gente se conheceu assim, muito rápido, porque já estava perto de eu ir para Cuba, também. Aí, nesse período que a gente estava conversando, o Marighella vira e diz assim: “Você já mexeu com gravador?”. Eu falei: “Eu não!”. Eu achando que ele queria gravar... Ele gostava muito de ouvir música. Ele ficava sozinho, não tinha o que ler, ia escutar os discos de dor de cotovelo lá.

A.D. – Quais eram os discos de dor de cotovelo?

I.X. – Ah! Ele gostava de Noel Rosa, essas músicas assim. Eu levei até uns... O Alex gostava muito de música, e naquela época ele... Tinha o Sérgio Ricardo... Sérgio Ricardo?

D.P. – Tem um músico que é Sérgio Ricardo.

I.X. – Mas não é aquele que foi para os Estados Unidos, não. Ricardo não sei o quê, que fez... Ele tinha uma música... O Alex gostava dele. Eu não tinha muita... Eu gostava do Chico e do Vandrê. Aí eu levei os discos do Alex que tinham ficado, que minha mãe tinha tirado, levei para ele, também. Mas ele gostava disso, Angela Maria, samba...

D.P. – E ele lia muito, Iara, antes...?

I.X. – Ah, ele lia. Quando eu estava lá, não, porque...

D.P. – Porque aí conversava com você...

I.X. – ...ficava me alugando

D.P. – ...vendo o mundo através dos seus olhos. Superlegal essa...

I.X. – E tetetê e tetetê, e me alugando. Aí ele resolveu fazer a tal Rádio Libertadora. Aí ele falou: “Então você vai...”.

D.P. – E você, o quê? Era uma admiração enorme por ele? Porque todo mundo tinha uma admiração assim... pelo Marighella. Ou você...?

I.X. – Eu tinha. Mas eu conhecia ele desde os quatro anos de idade, então, para mim, Marighella... Enquanto todo mundo dizia “oh!”, para mim era feijão com arroz. É lógico...

D.P. – Como é que você chamava ele?

I.X. – A gente chamava ele de Preto, aqui.

D.P. – Na sua relação, você chamava ele de Preto?

I.X. – Nem Menezes, nem esses nomes de guerra que ele usava, nem Mariga. Era Preto. “Ô Preto!” Era Preto, que a gente chamava. Aí ele me incumbiu de ir no Centro da cidade para comprar um gravador. Aí eu falei assim: “Escuta, não tem ninguém que entenda?”. “Não. Não mexe com ninguém, não. Você vai lá, diz que você quer um gravador assim, que é para o colégio, que tem que ser bem sensível”, pererê pão doce, “que dê para muito tempo”. Aí lá fui eu aqui para o Centro da cidade, que não era minha praia, numa loja, procurar. Aí acho. Aí comprei um gravador de rolo, que ele queria. O cara falou assim...

D.P. – Só um parêntese. Nessa altura, você estava andando com documento falso? Ou ainda não?

I.X. – Não.

D.P. – Não. Porque não tinha...

I.X. – Tinha. Deveria. Mas nunca me deram, não. Andava com o meu mesmo. Aí eu fui lá, vi – ele já tinha dado o dinheiro –, comprei e levei. E ele, igual criança. E ele já tinha feito...

D.P. – E quem estava nesse aparelho lá do Méier? Ele...?

I.X. – Minha mãe, ele e eu, que ia. Aí ele fez... Ele tinha feito já uns panfletinhos, que era: “Esse vai ser o ano da guerrilha rural”, “Carta aos bancários”, aí fez... Botaram uma bomba lá no [palácio] episcopal de São Paulo e fizeram uma carta apócrifa, **fingindo** que fosse ele. Aí ele fez uma mensagem. Aí tinha a mensagem... “O papel da mulher na guerra revolucionária”; um negócio do Che... Vocês têm o livro que eu fiz, aquele⁵...?

D.P. – Hum-hum! [concordando]

I.X. – Pois é. Cheguei lá, ele já estava com o negócio, “vamos gravar aqui”. Aí nós começamos a gravar. Aí, toda hora que você tinha que respirar, parar, você dava o *pause*, e quando você soltava, que vinha, ficava trincado. Aí ele disse: “Não estou gostando disso, não”. Eu falei: “Eu disse que tem que procurar quem entende disso”. “Não! Isso aqui não tem mistério, a gente vai saber fazer.” Aí gravava uma, duas, três vezes. E quando ficou mais ou menos, ele falou: “Mas isso está muito chato! Vamos botar uma música”. Aí tinha a música que era do Zimbo Trio, que até foi Mário que também identificou, que era só instrumental, para não entrar a voz, para não ter... para não coincidir. Aí ele começou a escolher mais ou menos coerente... que o texto da música, a letra, fosse parecido com o que ele estava... com o que ele queria transmitir.

⁵ *Rádio Libertadora, a palavra de Carlos Marighella.*

Então, aquela “É melhor ser alegre que ser triste / Alegria...”, ele botou no negócio da guerrilha... Quando eu organizei o livro, foi com um pessoal do Ministério da Justiça, a Comissão de Anistia, vários companheiros queriam... “Não, bote aí a música.” Mas aí não é nem o problema com os autores; entra o problema de herdeiros. Aí depois disseram: “Ah, você devia ter posto como nota de rodapé, qual era”. Nós cortamos, porque envolvia... Eu fui saber se os caras estavam vivos, aí tinha... Eles gravavam músicas que eram de outros, era complicado. E aí o gravador de rolo não funcionou nem a pau. Porque quando a gente parava, que você pegava, fazia *ploct*. Ele não gostou. Aí ele falou: “Não, volta lá e vê”. Eu falei: “Eu não volto lá, não! Eu disse para o homem tudo que você disse aqui, o homem me deu esse, agora eu vou dizer que não presta?” Aí ele falou: “Não, então... E depois, como é que o pessoal vai passar isso?”. Porque ele queria gravar para que o pessoal, em Recife, em Fortaleza, aqui, botasse nos carros de som e ficasse a mensagem dele. Aí eu falei: “Ah, então tem que ser no cassete”. Aí fui eu comprar um gravador cassete. E o que era ruim? Porque esse outro gravador... Eu não sei se aí foi falta de conhecimento nosso, mas eu não lembro se nós... O Mário até me perguntou se a gente usou um microfone ou não. Porque o Mário falou assim: “Iara, está sempre um tom...”. Eu falei: “Mas essas casas eram geminadas. A parede da sala aqui era a da outra casa”. Aqui só tinha um vãozinho e já estava a outra casa. Atrás tinha outra casa. Então a gente não podia gravar num tom de discurso inflamado, porque corria o risco de o vizinho ouvir. Porque você não tinha como monitorar o que estava vazando. Aí eu falei: “Mas eu não lembro se a gente gravou com gravador. Isso aí já morreu **no tempo**”. Aí nós fizemos essas gravações, várias. E uma, que é essa que depois veio parar no arquivo lá da Unesp, em São Paulo, que o Del Roio trouxe da Itália, foi minha mãe que tirou do Brasil, quando ela saiu. Foi a única que sobreviveu. Aí eu fiquei muito ligada a ele, nesse esquema de gravar. Foi uma convivência. E ele foi fazendo a minha cabeça...

D.P. – [**Inaudível**] essas fitas. Essas fitas arregimentaram muita gente. Porque a gente dizia assim: “Vamos ouvir Marighella”, aí juntava todo mundo. Nossa! Era maravilhoso! Nossa!

I.X. – E aí ele começou a querer me catequizar, que eu deveria estudar, que eu ia ser um quadro, que, quando tivesse as áreas livres, ele ia precisar de engenheiro, de médico, de

não sei o quê, e então, que eu tinha que ir lá para estudar. Aí eu, muito irreverente, dizia: “Escuta aqui, qual é o prazo? Quando é que você vai ter essa área liberada aí? E para você liberar essa área, você vai fazer com quem?”. Aí a gente ficava na discussão, e ele dizendo: “Não é, tem que formar. Você vê que o partido formou”. Eu digo: “Formou e não adiantou de nada, não é? Estamos aqui no jeito que estamos”. Aí discutimos, umas vezes muito, muito. Ele, muito esperto... E ele estava indo para o campo. E eu acho que aí entrou uma preocupação da minha sobrevivência, eu acho que pesou, porque ele viu que eu não ia para um caminho, ele então disse: “Está bom. Mas só com uma condição. Eu vou fazer uma carta para os companheiros...”. Eu tinha um problema de escoliose que eu tratava na ABBR. Porque tem uma escoliose que segue, que a pessoa acaba ficando bem defeituosa. E, naquela época, o pioneiro aqui era a ABBR. Aí ele falou assim: “Está bom. Se os médicos lá disserem que você pode fazer o treinamento, carregar os 30 quilos, não sei o quê, você treina; se eles disserem que não, aí você então vai **me seguir**”. E eu, muito boba, falei: “Ah, *tá!*”. Estou achando que estou tratando com gente séria, não é? “Está bom. Então, senão vou estudar.” E falei: “Trato feito!”. A última vez que eu tinha feito a revisão, o cara tinha dito: “Não, você vai fazer 18 anos. Até 21 [anos], vamos manter o controle. Ela está estabilizada, então, deve se manter aí, você vai ficar com essa pequena escoliose para o resto da vida”. E eu falando: “Ha-ha! Fui no médico, estou boa lá!”. E aí a gente preparou. Nesse meio tempo, ocorreu... Eu estou falando não só da minha militância. É, muitas vezes, informação da militância de outro.

D.P. – Nossa! Maravilhoso!

I.X. – Marighella... Os meninos, que seriam... que foi chamado de segundo exército... O primeiro era do Virgílio Gomes da Silva, que Marighella mandou para Cuba, que eram cinco companheiros. Esse grupo que foi o Iuri, Alex, Crioulo, foi o pessoal de São Paulo, também, eram 22. Eles já deveriam estar voltando, e não... Naquela época, a comunicação era muito difícil. Além da segurança, o fato de a Ilha ser uma ilha só complicava. Aí Marighella mandou... Por isso que, quando eu chego e um bom período de 1969, eu não vejo meu pai. Achei até que ele estava para a área rural. Porque ele tinha mandado ele em Cuba para saber o que estava acontecendo. Eu gosto sempre, quando dou entrevista, de falar isso, porque eu acho que muitas coisas de Marighella se

perdem. Tem gente que trata assim: é um santo, não tinha defeito. Eu digo assim: eu sempre vi o Marighella como um ser humano. Ele tinha seus erros, seus acertos, ele chorava, ele ria, como todo mundo. Não tem essa coisa de santificar porque morreu. Eu acho isso um absurdo. Eu acho que só depõe contra a pessoa. E Marighella era muito firme nas posições. No grupo do primeiro exército não tinha mulher. No segundo, foi uma médica e uma estudante de direito, que é a Darci Toshiko e a Maria Amélia, e o resto eram rapazes. Foi inclusive um senhor de idade mais avançada, que todo mundo chamava de Coronel, de origem militar – ele morreu recentemente, em Cuba –, e o resto todo era mais jovem, mesmo. Aí meu pai chega lá e encontra a seguinte situação: sequer tinham chegado na área rural. Já estavam lá há mais de ano, tinham feito treinamento urbano, tiro, o negócio de explosivo, e tinha... Um dos meninos que foram, os cubanos tinham intitulado que ele era o comandante da organização lá. Isso causou uma revolta nos outros, ficou... Eu acho que foi o grupo que mais deu confusão. Apesar de que o meu, também, teve a cisão de Molipo. Mas o deles foi pior, porque eles conviveram com essa situação. Quando o Xavier chega, o pessoal que é do Rio, que sabia dele, conhecia, tinha confiança, resolve fazer uma carta para Marighella. Ah! E a outra coisa é o seguinte: os cubanos disseram que não dariam treinamento rural para as duas mulheres. Aí chamam o Iuri para encabeçar a carta. O Iuri diz assim: “Não. Isso a gente vai resolver no Brasil. Nós temos é que cumprir a tarefa” – ele é bem quadrado –, “cumprir a tarefa, não sei o quê, não sei o quê”. Aí os outros todos concordam: Minas... E fazem uma carta. E o Iuri então fez uma, que ninguém sabe o teor até hoje – os outros têm sobrevivente –, colocando que tinha o comandante Raul, que tinha isso, que as moças não iam poder treinar, botando as críticas do que eles viam lá. E alguém que foi consultado e não entrou soprou para o cubano que meu pai estava com as cartas. Meu pai passou o maior sufoco. E eles querendo que entregasse. Até meu pai chegou a contar como é que ele escondeu as cartas, eu nem sei. Porque aí tiraram ele, “Vamos almoçar no...”. Tinha um restaurante lá chamado Conejito, que era de carne de coelho – meu pai gostava dessas coisas, rã... E quando ele chegou, tinham revistado tudo, e não acharam, não acharam... Aí meu pai veio e trouxe as cartas. Eu saio antes dessa carta chegar. Saio eu; sai a Gastone; aí tinha a Maria Augusta Thomaz, era do grupo; a Ana Cerqueira, éramos quatro; a Aninha, que era a ex-mulher do Palmeiras, cinco. Eu acho que é isso. Porque depois chegou a Eliane Zamikhowsky, mas ela nem enquadrrou para treinar lá.

A.D. – Isso é em 1970? Em 1969?

I.X. – Em 1969. Aí justamente num período parecido. Os meninos saíram em setembro de 1968, e eu, Gastone e tudo saímos em setembro de 1969. E foram outros paulistas. Cada um saiu o grupo. Foi o maior grupo. Porque aí juntou o pessoal que foi solto, do embaixador americano, que era o Rolando Frati, o Pacheco – esses eram todos da ALN –, o Leonardo – esqueci o sobrenome –, que veio também. Nós chegamos a ser 32 pessoas, nessa casa. E quando meu pai chega com as cartas, ele disse que o Marighella dava pulo, com essa história de que mulher não vai. Disse que o tempo fechou aqui. Aí a pessoa... Aí ele foi convencer minha mãe a sair, para ir em Cuba. E minha mãe não queria, estava... Ela tinha receio. Já tinha tido várias quedas, várias mortes, e ela sentindo que estava o cerco fechando. Isso é fala dela. E aí ele falou: “Olha, você quer que eu mande quem? A única pessoa que eu sei que vai defender o que eu quero com os cubanos é você. O Toledo vai para a Coreia, abrir outra frente, e você vai nos cubanos. Porque é assim, ou treina quem eu mando – revolucionário, para mim, não tem sexo – ou bota todo mundo no avião e manda de volta”. A síntese da briga. Aí pegou logo uma pernambucana para levar o recado para os cubanos. Têm horror dela até hoje. E ela então vai, com essa missão.

D.P. – Isso antes de você ir?

I.X. – Não, eu já tinha... Foi no entremeio. Eu saí e meu pai chegou. Aí ele pegou e mandou minha mãe, para definir. Porque ele disse... Os meninos não tinham treinado – aí que eles correram para fazer o treinamento. Aí ele disse: “Não, bota todo mundo no avião. Manda eles botarem todo mundo. Ou treinam, e treinam no meu...”. Aí tinha as condições: o problema de tempo... Ele falando: “Eu estou correndo risco na cidade; já era para estar no campo; não tenho os militantes que eu preciso para ir”. Era um monte de coisa. Aí ela chega lá para dar a notícia de que ou treina... As meninas do segundo grupo, a Darci e a Maria Amélia, os meninos já tinham ido, então, elas ficaram fora. Aí ficou o nosso grupo. Aí volto à minha história. Chego lá, nem estou lembrando mais de carta e não sei o quê. Aí, um belo dia...

D.P. – Iara, você está com outro passaporte, um passaporte...?

I.X. – Aí eu saí [com um] falso.

D.P. – Você saiu daqui para onde?

I.X. – O nosso caminho foi assim: do Galeão...

D.P. – Você sabe que eu iria nessa turma?

I.X. – É?

D.P. – É. Nossa!

I.X. – Aí era Roma, que era o ponto de contato; Roma-Praga. Aí eu peguei e disse assim: “Ah, não, Marighella, eu quero passar por Paris. Não quero morrer sem ver Paris.” “Na volta.” Eu falei: “Ah, não. Eu quero. Eu sou apaixonada e não sei o quê”. Aí ele falou: “Está bom”. Aí eu fiz... Passamos uns quatro dias... Era um menino de São Paulo. Esse está vivo. Aí, quando chegamos em Roma, encontramos a Gastone e o Antônio Pereira, que era o... que casou com ela, e aí era fazer um contato na embaixada e de lá a embaixada botava a gente para Praga, Praga-Havana. Recente estava a Primavera Tcheca.

D.P. – Em Paris, você passeou um pouquinho?

I.X. – Quatro dias.

D.P. – Ficou encantada...?

I.X. – Ah, vi. Aí eu falei: “Agora já posso morrer, não é? Já vi”. Em Roma... Acabei que eu gostei mais de Roma do que de Paris, mas a imagem da gente era sempre muito mais Paris, pelo Hemingway, por tudo que eu lia. Eu fui conhecer depois a literatura – poema e tudo – italiana pelo Antônio Benetazzo, que é do meu grupo e que veio criança [da Itália]. E aí que... Cesare Pavese... Mas a minha cultura toda era francesa. Aí nós

chegamos em Roma. Tinha dado problema com o avião. O Alex apelidava... Não era Tupolev; era um avião soviético bem antigo. O Alex chamava “a galinha voadora”. Os cubanos queriam matar ele. Porque ele ia... ploc, ploc, ploc, para ele pegar o impulso e voar. Realmente, esse meu irmão era terrível! E o companheiro da embaixada ficou segurando a gente, para não ficar muito concentrado em Praga. Aí eu falei: “Olha, amigo, o nosso dinheiro vai acabar”. Eu acho que a gente tinha viajado com 500 dólares, ou 250 [dólares]. Era uma coisa assim. Eu, principalmente, que não tinha... Os outros, que não eram clandestinos como eu... Eu sei que a Gastone também tinha pouco. Eu falei: “Amigo, a gente já trocou de pensão, já fomos ficar os quatro num quarto só...”. Até hoje eu lembro que a italiana olhava para a gente... A gente dormia no chão, revezava a cama, e o dinheiro acabando. Aí se começou a tomar café e almoçar ou jantar; depois já não tomava café... Aí eu falava: “Amigo, não dá!”. “Não, pode comer que depois eu pago a pensão”. Aí eu falei assim: “Faça o seguinte, dê o dinheiro para a gente comer que a gente paga a pensão com o nosso dinheiro”. Aí ficou aquele tumulto. Aí o pessoal... “Você não confia? O companheiro...” Eu falei: “Olha, depois, para a gente ver esse dinheiro de pagar a pensão...”. Ele queria que a gente saísse da pensão e desse o cano, não é? Aí nós fomos para Praga. Aí ainda pegamos, em Praga... Estava o Arantes, que foi do meu grupo também, e um outro que não tinha maior expressão. Mas o Arantes, que era um líder estudantil, que eu tinha conhecido em uma dessas viagens, articulando manifestação, e em manifestação, estava em Praga. Aí a gente ficou ainda uns dez dias em Praga, mas aí não tinha problema, porque a comida, o almoço... Estava em Praga. A gente tinha um...

D.P. – Aí já era território nosso.

I.X. – É.

D.P. – Embora estivesse na maior crise lá.

I.X. – E o povo, puto com os soviéticos. O hotel, o pessoal me... Eu digo: “Não sei”. O dia que eu voltar em Praga, eu acho que eu lembro. Apesar de não ter mais... Não deve ter o bonde. Era no ponto final de um bonde que é no Centro. E era uma praça. Ele dava a volta e aqui estava o hotel. Aí a gente entrava e ia lá para o Centro – os meninos que

tomavam cerveja e ainda tinham uns trocados tomavam cerveja –, passeava, porque Praga é uma cidade lindíssima, e voltava. E aí fomos para... Eu chego em Cuba, não encontro meu pai – meu pai já tinha voltado. Aí começa a formar o grupo, que vem chegando aos poucos. O Benetazzo foi o primeiro a chegar, porque ele saiu antes, porque ele quis fazer... ir nas cidades da mãe e do pai, ver familiares. Então, quando a gente chega em Havana, eu acho que ele já tinha um mês lá. Aí chegou um bando, porque chego eu; Gastone; esse menino... o Washington; o Pereira; o Bico Louco – esqueço o nome dele... Aí já começamos a fazer dez, não sei o quê, um grupo grande. Aí eles levam a gente logo para fazer... A primeira coisa que você fazia era o treinamento de tiro, explosivo, essas coisas, num quartel lá. A gente vai treinar. E a gente está lá ainda, quando da morte do Marighella. A gente estava nesse Ponto Zero, sem rádio, nem TV, nem nada. Aí chegam os dois que davam assistência à gente com uma foto. Aí, como eles tinham recebido a carta do Marighella, aí ele diz assim: “Você reconheceria uma fotografia do Marighella?”. Aí eu, na maior ingenuidade: “Ah, claro!”.

D.P. – Quem que perguntou isso a você?

I.X. – Os cubanos da Inteligência que [inaudível] chegam com uma pastinha... E como eles tinham visto a carta específica do Marighella tratando de mim, eles supuseram que eu tinha uma convivência, alguma ligação com o Marighella. Então, eu não sei se fui a primeira... Mas eles separaram a gente. Aí ele me perguntou se eu, em fotografia, reconheceria Marighella. Nunca me passou [que] morto, não é? Aí eu falei: “Sim. Eu conheço ele desde os meus três, quatro anos de idade”. Aí ele diz assim: “Chegou por telegrama que Marighella foi assassinado ontem”, ou na madrugada, uma coisa assim que eles falaram, já não me lembro **o termo**. “E não é uma imagem boa, por isso que a gente está atrás de confirmar.” Aí eu olhei. Quando eu vi ele caído, aquela... o negócio da peruca que ele usava, que eu vivia brigando com ele e rindo, aí eu falei: “Para mim, é o Marighella”. Aí ele virou, assim... “Você encontrou alguma vez com o padre não sei o quê?”. Eu falei: “Olha, moço, não sei de padre nenhum, porque minha convivência era com ele e com alguns companheiros, Padre, aí não sei te dizer”. Nesse meio tempo, eles já estavam lá na minha mãe. Minha mãe estava lá e eu não sabia. Ela já tinha chegado. Ela, sim, conhecia o Fernando e todos eles, cansou de...

D.P. – Os dominicanos?

I.X. – É. [Cansou] de encontrar.

D.P. – Mas e sua reação, quando você viu Marighella morto?

I.X. – Gente, eu passei uns dois dias que eu acho que eu não comi e não falei. Um porque foi a primeira perda de conhecido. Tinha morrido o Marquito, mas eu só conhecia as histórias de Marighella falando dele. Eu não tinha tido, ainda, nenhuma pessoa muito próxima morta. E eu sempre assim... Eu digo: “E agora?”. Eu não conhecia o Toledo. Eu falei assim: “Nunca vi, não conheci. Quem vai ter capacidade de tocar a luta?”. E nesse lugar tinha um pessoal que era de Angola, do MPLA, treinando. E eu me isolei muito, até de Gastone. E aí tinha uns negócios para você treinar, de roda, de... Aí eu virava a noite lá: duas da manhã... Aí um desses **de Angola** um dia foi lá e disse assim: “Olha, desse jeito, você vai se matar. E se você se matar, você não vai vingar seu comandante”, porque eu era magrinha. Eu falei: “Não, mas eu preciso ficar forte, senão não vou aguentar carregar essa mochila”. Aí ele ficou muito tempo conversando comigo. Mas foi assim: sabe quando você sente o desamparo total? Terminou a semana, aí eles me buscaram de novo, os mesmos dois, que é o Olaf e o outro menino, e aí me levam e está a minha mãe. Ainda não estava o Toledo. Aí ela está desesperada com tudo. “E o que é que faz?” E ela estava esperando que eles trouxessem o Iuri e o Crioulo lá do campo. Eles ainda não tinham vindo.

D.P. – Lá do campo de Cuba?

I.X. – É, do campo de treinamento da guerrilha rural.

A.D. – E o Alex também?

I.X. – Estava lá. Mas, na cabeça dela, quem servia para chefiar era o Crioulo, era o Iuri. O Alex veio também, mas ela tinha um foco. E aí eles informaram... Ela sabia que o Toledo estava saindo para ir para a Coreia. Ele não ia passar por Cuba. Acho que ele

ainda estava em Paris. Isso eu não me lembro certo. Aí também chega o Toledo. E aí é aquela coisa... “Não, nós temos que agora...”.

D.P. – Aí o Toledo vem para Cuba?

I.X. – Desvia e vai para Cuba. Aí fica aquela história: “A gente, agora, tem que treinar mais ainda, melhor ainda. Vamos voltar, vamos continuar”. Para mim, foi uma perda que envolveu muito sentimento afetivo. Porque depois você podia perder um outro que você não tem, aí você sente politicamente. Mas eu me abalei muito. Ainda mais que eu tinha tido, no último ano, uma vivência quase que diária com ele. Eu acho que isso abalou um tanto. Aí o Toledo chega e resolve fazer os contatos da Coreia por Havana mesmo, para ver se manda um outro grupo para lá, e decidem voltar.

D.P. – Essas reuniões, aí fazia sua mãe, Toledo...

I.X. – Aí eu nunca participei, não.

D.P. – Os dois, basicamente?

I.X. – E cubanos.

D.P. – E alguns cubanos.

I.X. – Aí a gente terminou esse...

D.P. – O Crioulo participava desse...?

I.X. – Não sei.

D.P. – Não sabe, não é?

I.X. – Aí nós saímos desse quartel. Aí o Toledo vai lá fazer uma reunião. E o que acontece? No grupo desse segundo exército... terceiro, que era o meu, tinha muitos

meninos que se julgavam preparados, tanto politicamente... não vou dizer militarmente, porque não estavam, para assumir a direção. Eles reconheciam o Marighella como chefe, mas para reconhecer Toledo... E muito menos minha mãe. Então era, por exemplo, uma pessoa como Antônio Benetazzo, que dava aula de filosofia, dava aula de marxismo, de não sei o quê; aí tinha os dois líderes operários, que era o Pacheco e o Rolando Frati, que eram mais velhos, mas que não inspiravam nenhuma confiança em ninguém; aí tinha o Lauriberto lá, também... Esse grupo que depois veio a ser o Molipo, eles quase se amotinaram ali, contra o Toledo. Eles só não... Essa é a minha avaliação. Eles só não fizeram o rompimento já ali porque os cubanos não apoiaram, porque se os cubanos tivessem apoiado...

D.P. – Mas por quê? Qual era a posição deles? Você acha que eles não queriam...?

I.X. – Eles achavam que, agora que não tinha Marighella, eles eram tão capazes quanto, ou mais, do que uma pessoa como o Toledo. Eles não reconheciam ele...

D.P. – Ainda mais o Toledo, mais velho, não é? Ainda tinha isso aí.

I.X. – É. E muito menos minha mãe. Então eles só... Para o meu ponto de vista, eles só não romperam porque os cubanos não deram apoio. Quando os cubanos deram, eles romperam. Aí o Toledo faz reuniões e tal, avisa que está voltando, que vai tentar recuperar a área de guerrilha e não sei o quê. Não menciona que ele está na mão da minha mãe, não, mas fala isso. Aí minha mãe chama e diz: “Olha, eu vou voltar, porque o Toledo não tem contato de praticamente nada. Então, do Rio, zero; de São Paulo, também muito pouco; e dos que o Marighella estava tratando, ele não tem nada. Então eu vou voltar, minha filha. O que você acha?”. Eu falei: “Acho que você tem que voltar, sim. Você tem que voltar e aí preparar as condições para a gente voltar e tal”. Ela falou: “Ah, então está bom”. Aí eles voltam. Chega dezembro já, início de janeiro... Eu não sei se eles... Eu acho que minha mãe diz que eles não entram juntos, para não serem presos os dois juntos. Um entra por um canto; outro por outro. Eu não me lembro. Início de janeiro. Aí o Toledo vai para São Paulo, rearticular lá, e minha mãe, aqui. O contato era o Fayal, que estava; era o Aldinho, ainda... Carlos Eugênio já tinha desertado? Não me lembro. Sei que minha mãe não refere Carlos Eugênio, não. Contata a organização

daqui, para chegar nos pontos que... onde ela sabia dessas entregas e disso, para reatar, para continuar o plano. Meu pai que estava aqui. Aí ela pega tudo que tem de contato e faz uma reunião. Não sei quem mais participou. Aí ela diz para o Toledo que ela achava melhor tirar meu pai, porque meu pai sabia muitas coisas dessa área e estava muito exposto, e que era melhor, então, tirar ele, para garantir a segurança desses locais, não correr o risco de ele ser preso e falar. E aí a organização acabava de vez, sem nenhuma perspectiva, na cabeça dela. Aí meu pai sai, vai para o exterior, e ela fica.

A.D. – Ele vai para qual país?

I.X. – Ele vai primeiro para a Itália e depois para Cuba. Ela é presa muito rápido: eles chegam no início de janeiro e ela é presa no dia 28 ou 29 de janeiro. Ela começa a rearticular, contatando, botando o Toledo em contato, reestruturando as coordenações aqui. E aí ela comete o erro que tantas vezes se falou aí, que muitos de nós caímos, de procurar familiar. E ela tinha uma confiança, mas... Ela estava identificada já pela polícia. E ela procura... Ela usa inclusive o documento de uma irmã já falecida, que tinha falecido há muito tempo, e entra em contato com essa irmã que ela tinha deixado para guardar várias coisas, e essa irmã... Depois, quando abriu os arquivos é que nós fomos esclarecer. Esse tio meu que eu te falei que era militar, eles vão em cima dele e ele diz que não vê o irmão há mais de quatro anos, que não sei o quê, mas que minha mãe é muito ligada com as irmãs, principalmente com uma que mora na Estrada da Portela, ele não sabe o nome, em cima do número... da loja não sei o quê. Aí, nesse dia, ela saiu, o Fayal deixou ela próximo, ela vem andando... Ela tinha alugado um quarto, e eles vão lá... Nem chegam a levar minha tia para lugar nenhum. Ela cria um sobrinho que tinha uns 15 anos, aí eles começam a ameaçar que vai torturar, que vai fuzilar, e ela aí entrega o endereço da Zilda. Eles vão e prendem ela. Aí, na casa, quando ela entra... Ela disse que quando abriu a porta, que olhou o casal, ela já falou: 'Caí?'. Aí eles levam ela presa e ela...

D.P. – Esse casal que estava lá era o quê? Era...?

I.X. – Que alugava o quarto. Era um casal...

D.P. – O casal estava dentro do quarto?

I.X. – Estava dentro da casa. Eles tinham uma casa de vila...

D.P. – Quando ela viu o casal, ela disse assim, “caí”...

I.X. – É. Aí os caras já saíram...

D.P. – ...pela cara dos caras.

I.X. – É. Aí ela é levada aqui para esse batalhão no Leblon, não sei por quê. Os raros comentários que eu ouvi...

D.P. – Isso é comezinho de 1970, não é?

I.X. – É janeiro de 1970.

D.P. – É a grande queda do...

I.X. – Eu estranho porque, em todo o trabalho que eu já fiz, eu quase não vejo referência dele, de ele ser usado como um centro.

A.D. – Esse lugar no Leblon?

I.X. – É um... [Batalhão] de Caçadores... Esqueci agora a identificação. Aí eles começam a torturar muito. Aí eles prendem... Aí não me pergunta como. Aí já tinha caído o menino que entregou a Nieta, que fez o treinamento, que foi do primeiro grupo, que era conhecido como Suíço. Aí eu sei que está presa a Mariazinha; a mulher do anarquista, do pintor, a Manuela, do Ricardo...

A.D. – Que tinha ficado com seu irmão...

I.X. – Com o Alex.

A.D. – ...com o Alex.

I.X. – Prendem também a Maria Augusta. E quando ela chega ali no quartel, ela já está muito debilitada, das pancadas dos rins. Ela disse que urinava sangue direto. E pela porta, a Mariazinha escuta ela falar e diz: “Zilda, é você?”. Aí elas pegam a caneta, não sei quem arruma papel, do lado de lá, e põe. Aí a Zilda falou assim: “Não, vamos combinar as histórias”. Então, essa professora, além de professora, ela dava aula de piano, aí minha mãe põe logo que ela foi ensinar piano para o Alex, [inaudível]. Então, assim, qual era a relação dela com a família? “Ah, era professora de música, ensinava piano para o Alex”. O anarquista: “Ah, ele fazia molduras e tal para os quadros”. E Maria Augusta, aí minha mãe... Foi o entrave que deu. Minha mãe disse: “Conheço Maria Augusta toda a minha vida, da campanha “O petróleo é nosso”, de não sei o quê, ou das...”. Porque ela sempre falava que era do partido, ali. E Maria Augusta vai e nega que é militante do Partido Comunista. Foi a divergência nas histórias. Aí eles soltam... começam a soltar as mulheres...

D.P. – Isso elas estão aonde?

I.X. – Aqui no batalhão do Leblon.

D.P. – Tudo aí no Leblon? Elas todas estão lá?

I.X. – Todas. Eles levam ela para lá e essas mulheres todas estão lá. Aí, um dia, entra lá o tal do tenente-coronel Geraldo não sei de que, eu já esqueci o nome, e ela diz: “O que você está fazendo com essas mulheres?”. Aí ele falou: “Não, nós já soltamos todas. Nós só vamos deixar mais um dia a doutora Maria Augusta. Porque ela pensa que vai enganar quem?”. Foi o único comentário que ele fez. Aí elas não foram, nessa época... não sofreram maiores problemas, não. Aí minha mãe vê que dali ela não foge. Porque eu te disse que minha mãe era uma pessoa muito... Como é? Essas inteligências de pegar... Eu sou meio devagar. Ela é muito rápida. E eles vêm dar uma injeção, não sei de que era – talvez, de algum antibiótico, porque ela estava com cistite, urinando sangue –, e ela resolve se fingir de doida. Aí, quando o enfermeiro entrou para aplicar, disse

que ela deu um tapa que a seringa... que o cara se assustou, porque não esperava. Até então, ela, muito tranquila. Um tapa grande. Porque ela falou: “Eu tenho que sair daqui”. Começa a dar de louca. Durante o interrogatório, o que eles mais falavam, e ela sabia que era verdade, era de que... “Olha, acabamos de prender o Iuri lá na fronteira. Pode deixar, nós vamos trazer seu filho e vamos pendurar aqui na sua frente, você vai ver se você não vai falar”. “Olha, pegamos a Iara.” Comigo, ela ficava tranquila, porque sabia que eu não tinha saído de lá. Mas o Iuri era do primeiro grupo que ia voltar. Então... Ela disse que ficava muito angustiada, as primeiras vezes. Quando eles falaram a terceira, aí ela já deixou de acreditar que era viável que ele tivesse voltado. Aí ela simula essa loucura, eles levam para o tal de Hospital... Acho que é Dom Pedro, do Exército. Não tem enfermaria feminina. Naquela época, lugar de Exército e Marinha não tem. Aí eles vão e levam ela para o Pinel, ali onde é... perto do antigo Canecão. Internam ela ali e fazem um ofício para o Syzeno Sarmento justificando que não tinha enfermaria feminina nas dependências e tal, que ela tinha internado ali. Ela chega lá, eu acho que foi dia 28 de fevereiro [de 1970], praticamente um mês depois. Ela é internada... Eu até tentei...

D.P. – Até então, não foi para o DOI-Codi. Tudo Leblon, e depois Pinel. É isso?

I.X. – É.

A.D. – Foi formalizada alguma coisa...

I.X. – Depois.

A.D. – ...lá no Leblon?

I.X. – Não. Essa amiga dela que eu te falei pega o Sussekind, e ele vai nos lugares e eles negam que ela está presa. Ele entra com habeas corpus, tentando... Eu não... Ah! Por uma dessas mulheres que saíram, avisam: “A Zilda está presa”, aí ela pega o advogado.

D.P. – A essa altura, os caras sabiam dessa coisa dela fortíssima com Marighella...

I.X. – Não.

D.P. – ...que ela estava na direção da ALN?

I.X. – Não. Senão ela tinha morrido ali.

D.P. – Pois é. O que eles sabiam, até então? Era mais a coisa do...?

I.X. – Sabiam assim, que estava... que os meninos estavam em Cuba...

D.P. – [Sabiam] que estava envolvida.

I.X. – Ela dizia para eles que eu estava na Patrice Lumumba, que eu tinha ido para Moscou me tratar, porque eu era uma pessoa muito doente, com não sei o quê. Os meninos, ela não tinha como negar, deixava por lá. Só que ela dizia: “Não...”. Aí eles diziam: “Você conhece Marighella?”. “Conheço.” Ela não negou que... “Conhece Prestes?” “Conheço.” Ela não negou o óbvio.

D.P. – Certo.

I.X. – “Não, foi um apoio.” Ela não... Em momento nenhum... A fala, as declarações dela, ela não assume nenhuma liderança, nada, é sempre assim: “Não, nós militamos muitos anos, conheço há muitos anos...”.

D.P. – Porque ela tinha essa história toda dentro do partido.

I.X. – Exatamente. E eles não têm certeza, também. Ainda não tinha caído ninguém dos meninos que abrisse a boca. E as outras, que poderiam falar, não tinham sido torturadas no ponto. Ela vai para o Pinel e ela começa a tentar... Lá no Pinel, ela consegue avisar, não a essa irmã que falou dela, a uma outra. Uma enfermeira... “Ah, sua família não está aqui”. Aí essa...

D.P. – Ela consegue avisar quem?

I.X. – A uma irmã que se chama Irene.

D.P. – Irmã dela.

I.X. – É. Ela dá um telefone...

D.P. – Manda um recado para a Irene.

I.X. – [Manda um recado] por uma das enfermeiras lá. Aí que o Sussekind, também, tem um paradeiro de onde ela está. E tem lá as petições dele. Nunca deixaram ele falar com ela, nada. E essa minha tia começa a ir todo dia lá, para pedir para ver, e leva fruta, não sei o quê, e eles não deixam ver, não pode ver. Eu não sei se ficou guarda um tempo; se depois não ficou – porque ela mesma não sabe, porque é trancado e ficam presas mesmo, as pessoas com distúrbio. E ela começa a tentar que... “Não, a organização vai vir me tirar daqui, alguma coisa”, pensando no Fayal, ou no Aldinho, e o pessoal aqui fora também tentando. Quando fica sabendo – aí eu já não sei como –, eles fazem duas tentativas, indo lá no... O Reinaldo Guarany é um dos que está vivo, que tenta ir resgatar ela. O outro que foi foi o David Capistrano Filho, que era médico. Uma noite, ele chega lá e diz: “Zilda, você está lembrando de mim? Sou eu”, e ela se faz de boba. Ele diz: “Olha, Zilda, o partido tem um esquema aqui e tal, nós vamos te tirar daqui”. Esse é o relato dela. Ela diz: “Não, eu não vou sair com vocês. Eu tenho uma organização e vou sair pela minha organização”. Eu digo: “Você estava louca mesmo, viu?!”. E ela recusa essa ajuda e fica aguardando, esperando. Passa o tempo, o diretor do presídio vai lá conversar... Do presídio [não], do Pinel. [O diretor do Pinel] vai lá... Diz que era um médico negro, alto. Devem estar os nomes lá. Eu pedi todo o dossiê dela. O Pinel diz que não tem mais lá, que foi para não sei que arquivo do Estado, e eu ainda não tive tempo de sentar e monitorar, porque eu quero ver todos os nomes dos médicos. Ele vai conversar com ela e diz que os militares já mandaram três ofícios pedindo que ela seja devolvida e que ele não tem mais como justificar a presença dela, e que ela entenda. Aí diz que ela virou para ele e disse assim: “O senhor sabe que o senhor vai me entregar para a morte, porque eles vão me...”. “Não, dona Zilda!” Ela falou: “Vou. Mas fique tranquilo, porque a minha organização... O senhor tem família?

O senhor é casado?” Disse que ele ficou assim... “Não, dona Zilda, o que é isso?” “Não, quero saber se o senhor é. O senhor está tendo consciência que o senhor está me entregando? O senhor viu o estado que eu cheguei aqui”, e pererê pão doce. Porque os médicos... Uma série de médicos começam a acobertar ela. Porque a medicação... Ficava totalmente dopada. E isso, é lógico, chega no ouvido do diretor, também. E depois a gente viu os ofícios do Syzeno Sarmento: “Devolva. Qual é a situação?”. Aí, com essa conversa, ela acha que o tempo dela ali está esgotando. Aí ela arma a fuga, com o apoio de pessoas lá de dentro, porque a porta tinha que ficar aberta, e ela escolhe a data de 1º de maio, porque era menos movimentado, e ela diz assim: “Ah, eu vou fazer uma homenagem aos trabalhadores brasileiros”. E aí eles deixam a porta aberta, tipo onze horas da manhã. Ela sai sozinha. Disse que a roupa que a irmã tinha levado... Ela tinha perdido não sei quantos quilos. Disse que segurando a saia, passa, está o porteiro, dá bom dia... Ali é um caos, porque você não tem uma rua fácil. Ela não tinha dinheiro, aí ela diz que caminha em direção... Não sei... Aquela lá de baixo, como se tivesse saindo ali de [inaudível]. Aí disse que para num orelhão, aí liga para a Edmeia, que estava legal ainda, que não tinha sido presa. E aí a Edmeia leva um susto, diz: “Não, fica aí”. Ela falou: “Aqui é muito perto do Pinel. Se derem falta...” E aí ela diz: “Não, fica aí”. Ela morava ali na Marquês de Abrantes, também, a Edmeia, mais à frente. “Estou arrumando um carro”. Aí foi, buscou ela, levou para a casa de uns conhecidos. Depois que ela contactou a organização: recontactou o Toledo. E aí o Toledo começou a pressionar para ela sair do Brasil, porque a próxima vez que ela fosse presa, não ia ser tratada dessa forma e tal, e ela querendo esperar o Iuri. E aí teve um desencontro de ponto. O Iuri estava no Brasil, mas a organização não conseguia encontrar. Aí ela sai, eu acho que em junho ou julho, vai primeiro para Paris, onde está o Aloysio Nunes. Aloysio Nunes, ela sempre... teve um bom trabalho na Europa com ele, depois, de apoio, de volta do pessoal.

D.P. – Nossa! Aloysio Nunes, não é?

I.X. – É. Ele era muito ligado a Marighella, e ele ficou muito ligado a ela, e depois, [ao] Toledo. A casa dele... Ele realmente disse que Cuba, fazer treinamento, ele não queria, mas se a organização precisava dele lá para fazer outros contatos, ele se dispunha. E essa foi a militância que ele fez.

D.P. – Iara, você, em Cuba, você está sabendo que sua mãe foi presa?

I.X. – Não. Demora um tempo. Porque aí isso não é igual à morte do Marighella, que foi anunciado mundialmente.

A.D. – Ela ficou, entre ser presa e sair no dia 1º de maio...

D.P. – Três meses.

A.D. – Então foram três meses. Dois meses, lá no Pinel.

D.P. – Janeiro, fevereiro, março, abril... Quatro meses.

I.X. – Ela vai sair em junho ou julho, eu não me lembro direito. É mais provável que seja julho, que ela...

A.D. – Não, do Pinel.

D.P. – Não. Sai do Pinel em 1º de maio [de 1970].

I.X. – Ah! Sai em 1º de maio.

A.D. – Mas aí fica dois meses lá.

D.P. – Ela foi presa em janeiro, não é? Mais, não é?

A.D. – É porque ela foi presa no final de janeiro.

I.X. – Foi dia 28...

D.P. – Aí vai em fevereiro, fica lá um mês...

I.X. – Aí o que acontece? O pessoal que tirou ela foi: o Gelson Reicher, que morre depois com o Alex, que era um menino legal, estudante de medicina, o Gelson, e a Lídia Guerlenda, que está viva, que foi uma que perdeu a mão num treinamento de granada caseira. Eles dois eram estudantes de medicina, legal. Eles é que saem com ela, pelo Uruguai. E ela chega lá...

D.P. – A saída dela do Pínel, na realidade, foi uma coisa de dentro, mesmo, não é?

I.X. – Foi.

D.P. – Mas tinha o dedo da organização?

I.X. – Não.

D.P. – Foram os médicos lá de dentro que facilitaram.

I.X. – A organização foi uma vez, disse que tinha não sei o quê, um guarda, e aí eles se assustaram. A organização deixou de resgatar, realmente, por falta de mais informação. Porque estava fácil.

D.P. – Então foi uma coisa lá de dentro, de gente que ela foi conquistando.

I.X. – Foi dela. Conquistou ali e o pessoal ajudou ela. Não teve... A organização quando viu, ela já estava lá fora. E ela saiu em julho, com certeza; saiu com esses meninos, que tiram ela até o Uruguai. Depois eu convivi, militei um tempo com o Gelson e com a Lídia...

D.P. – Ela saiu, a Edmeia pegou ela, levou ela para uma casa...

I.X. – Para o esquema dela.

D.P. – Para o esquema da Edmeia?

I.X. – Da Edmeia. Aí, depois que contata a organização.

D.P. – A essa altura, seu pai está no exterior?

I.X. – Já estava fora. Já tinha saído. Se não me engano, ele estava na Itália. Acho que ainda não tinha ido para Cuba.

D.P. – Aí ela sai e vai para...?

I.X. – Aí, depois de uns dias, ela contata a organização. Porque ela tinha pontos de referência com o Toledo. Ou, sei lá, via alguém legal. Aí, também, nunca perguntei, não. Sei que ela volta para a organização, aí o Toledo bate o pé que ela tem que sair. Aí ela sai, inclusive para se tratar, porque ela sai com problema no ouvido, que ficou até o final da vida, porque eles davam aqueles telefones. Esse é um cara que ela grava. Até os meninos da secretaria outro dia queriam que eu mostrasse a foto dele, de um negro. Esse eu falei: “Ah, não vou mostrar, não. Você me desculpe”. “Não, porque eu acho que é esse.” Sei lá. Ela diz que era um negro muito alto e tinha as mãos grandes, e ele era o que vinha dar os telefones. Aí há uma indicação que era um cara que jogou basquete. Aí o [inaudível] queria que eu levasse a foto. Eu disse: “Não, ela já está muito ruinzinha, não...”. Esse é um dos caras que ela, quando lembrava... Aí ela tinha mesmo: saiu com o problema do ouvido; o problema na perna, do pau de arara, que pode ter contribuído depois para os problemas que ela teve, ou não. Porque essa sequela de tortura não é uma coisa matemática, que você pode... Tirando quando a pessoa ficou cega ou... Aí ela sai; chega no Uruguai; aí ela já contata um pessoal que era ligado à organização que estava lá. Esqueço os nomes. Uns caras mais velhos lá, [um pessoal] que foi do Partidão, que estava por lá. Aí acha a Suzana Lisbôa e o Luiz Eurico lá, que eram dois militantes nossos que tinham fugido de Porto Alegre; acha uma outra menina, a Marília, que eu esqueço o sobrenome, que era do grupo lá da Corrente de Minas, que tinha saído do Brasil pelo PCdoB. Aí ela já pega os meninos e já despacha para Cuba para treinar. Depois eu falava: “Mãe, você nem sabia de onde...” E era a mesma coisa o Marighella. Eu digo assim, ainda bem que ele... Se tiver alguma coisa... Se ele tinha que morrer, ainda bem que ele morreu logo. Porque ele tinha uma confiança na gente que era uma coisa de doido. Eu realmente acho. Se tivessem me pego naquela... Sei lá. Acho que a

gente só sabe quando chega lá dentro. Porque esse negócio que nego diz: “Ah, eu faço isso”. Não sei. Acho que só na hora que a gente está lá é que a gente vai saber que tipo de postura você vai ter. E ele tinha uma confiança assim... E ela, igual. Quando depois chegou a ir... “Mãe, de onde...?” “Ah! Eram dois meninos que estavam lá. A outra é de Minas. Daquele lá que você foi encontrar, do Gilney. Pois é, a Marília...” Mas as informações que ela tinha eram muito fluidas. O Toledo ficou uma arara. E dá-lhe carta. “Querem lutar? É o que Marighella queria. Vão treinar e vêm lutar, sim.” E ela saiu, e já saiu aprontando da ideia dela, do que ela achava que era certo, e foi. E eu estava em Cuba, terminando... Não me deixaram fazer o treinamento da guerrilha rural. Arrumaram um médico para dizer que, se eu fosse fazer e carregar a mochila, eu ia...

A.D. – Mas outras mulheres foram?

I.X. – Foram. As outras foram. A Gastone foi treinada. Isso eles cumpriram. Mas eu não fui. Aí fiquei fazendo curso de inteligência, de documento, de não sei o quê. E aí, quando minha mãe sai com o Toledo, volta, aí eu digo: “Bom, então, já que eu não vou treinar, eu vou voltar”. Aí o Toledo diz: “Não. Deixa a gente chegar lá e ver”. Eu falei: “Pois é, porque aí não dá, não sei o quê”. Aí vem, minha mãe é presa e não sei o quê. Aí que minha mãe sai, vai, aí chega em Cuba. Aí eu falei: “Agora eu vou. Não tenho mais que ficar fazendo essa porcaria dessas papeladas aqui”. Aí ela diz: “Está bom. Você quer voltar, está...”. Aí estava lá também um dominicano, que é o que escapou antes de cair, porque o Marighella tinha tirado ele do Brasil, também, para articular os apoios do pessoal católico. O nome dele de guerra era Cláudio... Oswaldo Rezende. O frei Oswaldo foi bater lá, aí ele disse assim: “Não, Iara...”. Eu falei: “Essa palhaçada que esses cubanos... Porcaria de... Isso está parado. Eles não sabem nada. Eles fizeram coisa na década de 1950”. Aí ele falou: “Não. Lá na Itália, nós temos um grupo de *ex-partisans*, não sei o quê, e em Paris, um pessoal da inteligência, não sei o quê”. Eu falei: “Está bom. Mas tudo isso é três meses, hem?”. “Não, pode deixar.” Aí eu saí. Não me lembro direito quando. Fui me despedir do Alex, aí ele pediu para eu falar com o Antônio Carlos Bicalho Lana, que estava lá; o Morteirinho, também... Porque geralmente não era para saber que estava, por segurança. Aí eu saí, fui para a Itália. Aí o Cláudio – o Rezende –, estrutura primeiro em Paris. Aí eu chego em Paris, matam o Toledo.

D.P. – Pronto, Iara, vamos retomar.

I.X. – É. Então, aí eu não vou saber dizer, mas eu acho que ela foi... Não saiu do Uruguai, nem Argentina, direto para Havana. Acho que ela também teve que ir para a Itália. Mas essa informação é dispersa, hoje em dia, na minha memória. Sei que aí ela chega em Havana, constata que, realmente, o Iuri já tinha saído, assim como outros companheiros, e tinha ficado um restante de pessoal, ainda, do chamado segundo exército, inclusive o Alex. E ela trouxe já vários pontos de entrada do pessoal – o restante – para ir. Então, uma das tarefas que ela fica desempenhando é acabar de enviar o pessoal que tinha terminado o treinamento. E ela faz isso. Me lembro da despedida: eu fui até ao aeroporto me despedir do Alex, que estava indo, começando o circuito de volta ao Brasil. E como eu não tinha feito o treinamento rural, tinha enchido linguiça lá com documentação e não sei o quê, e eu queria voltar já... Estava lá, porque estava também no exterior, o frei Oswaldo, que era chamado de Cláudio, dos dominicanos, e que, com o Aloysio e tudo, estava montando uma estrutura de apoio, tanto... Não só para treinar ou isso, mas de divulgar e, já pensando numa etapa da luta mais avançada, criar uma estrutura que pudesse repercutir simpatizantes com a luta no Brasil. E ele tinha uma vinculação na Itália e em Paris. Então eu saio de Havana. Não me lembro, agora, especificamente o mês. O Toledo é assassinado em outubro [de 1970], então, devo ter saído por volta de agosto. Porque eu não fiquei muito tempo fora também, não. Tendo a estrutura, aí eu vou para... Primeiro eu paro na Itália...

D.P. – Encontrou com seu pai lá?

I.X. – Não. Aí eu vou para... É verdade. Onde estava meu pai? Não sei se ele já estava em Cuba. *Tai*, eu tenho que fazer uma... recuperar. Aí eu vou para Paris, para começar um curso de documentação e tudo, quando chega a notícia da morte do Toledo. E aí há uma discussão: “Não tem condições de volta.” “Tem.” “Não tem.” “Não. Volta para Havana, para esperar quem vai sair do Brasil. Reaglutinar.” Porque agora tinha morrido outro líder, e como é que ficava? Aí eu, muito disciplinada... Se eu fosse um pouquinho mais ousada, eu não teria voltado. Volto para Havana. E, nesse meio tempo, eu não fico mais com o grupo que seria o meu grupo, que tinham ido para fazer o treinamento rural, tinham voltado... A gente morou muito tempo numa casa numa localidade em Havana

que se chama Siboney. Eu já fico num outro apartamento mais central, esperando o contato da organização. E, lá na casa do grupo, já estava a cisão: quem queria voltar; não voltar; volta com o quê; com a organização; volta não sei o quê. E nesse ponto tem uma participação dos cubanos, de interferência, que eu acho que o Brasil não foi o único, mas não tenho dado de outro, de... Porque eles sempre quiseram... Em cima da solidariedade, não sei o que, mas eles realmente queriam ter um controle da organização. Inclusive eles tinham oferecido mandar quadros deles para cá. Quem vai fazer esse contato, que passa pelo Chile, porque Allende já tinha ganho, e chega em Havana, é o Iuri. E ele vai e enfrenta uma barra pesadíssima. Primeiro, que é do grupo da Guanabara; não é do grupo dos paulistas. A maioria desse grupo era paulista. Tinha a Gastone, o Antônio, o Flávio Molina e o Frederico que não eram, tinha um menino do Nordeste, tinha um menino do Pará, mas a grande maioria era paulista, e todos se conheciam em si, pela militância anterior. Então é diferente você ter que tomar decisões e militar com uma pessoa que você nunca viu, a você militar com uma pessoa que você conviveu e que você tem confiança e conhece. São realidades diferentes. E o Iuri discute. Lá, estão também dois banidos. Aí tinha começado as trocas de preso político, não da ALN, mas pelo pessoal da VPR. Tinha saído o Carlos Eduardo Pires Fleury e o Jeová – que era um dos meninos da área de campo nossa, o Jeová de Assis –, que estavam lá, também. E começa a discussão: se vai voltar ou se não. O Iuri trouxe a posição, com a morte do Toledo... Antes, já tinha uma coordenação. Essa coordenação que o Toledo tinha organizado, regional e nacional, tinha decidido não trazer mais ninguém, porque a organização estava muito esfacelada, sem estrutura, e tudo concentrado muito em Rio e São Paulo. Belo Horizonte, a gente não conseguiu nada. Inclusive a gente perdeu lá o Aldinho, tentando reestruturar Belo Horizonte. Então eles tomaram a decisão que não traziam. Muito menos banido. E que os banidos, a organização só levaria quando tivesse a área rural, para o banido ir direto para a área rural; que não tinha condições... Aí o Iuri discute, dizendo que nós fomos atropelados; que a organização da repressão tinha mudado; que o Serviço de Inteligência tinha evoluído; e que esse fato de a gente ficar muito tempo fora, você perdia um pouco da engrenagem, você não tinha a noção do todo; as quedas, as quedas aqui, você não tentava montar um quebra-cabeça; então, que ele era da opinião que deveria se reestruturar. Porque não adiantava trazer militantes, porque iam ficar clandestinos, com o ônus de você dar sobrevivência e tudo. E o risco? Aí tem uma... Eu não participo da

conversa na casa, porque eu já estou fora da casa. A Gastone, sim. E, inicialmente, todos ficam contra a organização e não aceitam... Porque, para a gente que estava lá, chegar lá e dizer “não, agora você não volta, espera aí”, [para] quem já tinha vivido todos os outros problemas, era o fim. Você queria... Você estava seco era para voltar, para engajar na luta. Isso era real. Mas pesava também o fato de que quem estava na direção era alguém igual a você. Então... “Por que você é direção?” Ah! Porque uma das coisas que Marighella... Voltando lá atrás, com a história de comandante: enquanto estivesse em treinamento fora do Brasil ou em qualquer missão, ninguém era comandante de nada, porque comandante era quem estava aqui dentro do Brasil. Lá fora, qualquer um era um militante, com responsabilidade e tal; podia ter mais ou menos, mas ninguém podia se autointitular comandante nem nada. Isso foi um choque lá, no segundo exército, para o grupinho lá. Os cubanos é que **mandaram**. E esse grupo começou a debater, não aceitar a organização. Aí o Iuri voltou a conversar com alguns. O que eles fizeram? Tinha vários militantes que estavam lá em situação... Por exemplo, tinha um que se chamava... Esqueci o nome dele. O apelido era Xuxu, de Minas, que saiu banido. Nesse meio tempo, chegou lá a carta de denúncia de preso sobre o comportamento dele, que ele teria inclusive participado de tortura, não sei o quê. E a decisão era tirar ele fora. E eles aceitam, em princípio, todos, para mostrar que todos estavam unidos. Aí a Gastone e o Antônio saem do grupo, depois de uma segunda ou terceira – aí eu não sei qual – conversa, ficam com a organização, com o compromisso que eles voltariam também [**inaudível**]. O Carlos Eduardo Fleury, o Fleuryzinho, e o Jeová, eles assumem uma posição independente: dizem que não aceitam, que eles têm condições de ficar no Brasil, mas que eles seriam contra criar uma outra organização. Então, que eles viriam de forma independente e, aqui no Brasil, aí veriam o que é que dava.

A.D. – Mas ainda ALN?

I.X. – Não. Eles viriam independentes.

A.D. – Independentes, sem vinculação.

I.X. – O independente é o quê? Quem podia voltar independente? Só quem tivesse o esquema dos cubanos. Senão você não voltava.

A.D. – Não conseguia.

I.X. – Aí o Iuri faz várias discussões lá e tudo e fica programada uma volta... Tinha, ainda, um resto do pessoal do segundo exército que tinha ficado parado na Itália e que vai para o Chile. O Chile torna-se o grande celeiro, para onde mandam o pessoal, então, o Iuri diz que por aí ia voltar. Aí ele desloca a Zilda, também, para a Itália, para reestruturar. Porque seria mais fácil a [comunicação]. Porque, em Cuba, você só comunicava ao vivo e a cores. Não tinha outro jeito. E, na Europa, você podia receber carta, você tinha apoio. Ela vai – e aí ele manda que eu vá também, e eu saio –, e ele volta. E os cubanos, então, patrocinam o que foi conhecido como Molipo – Movimento Popular de Libertação⁶. E esses meninos saem, de acordo... Há uma escala, ali. E aonde eles vão passar? E aí mostra a infantilidade dos cubanos. Vão para o Chile, que estava bichado de tudo que é jeito: policial lá, e tinha nego que chegava dizendo que era exilado, que tinha não sei o quê... Era um pandemônio. Você encontrava o cão ali. Inclusive, a gente pôs-se também ali. Eu estou um belo dia ali perto do La Moneda, com quem que eu topo? Com o Benetazzo. A gente não se fala. Aí, viro a esquina, com o Lauriberto. Aí eu falei: “Gente, deixa eu sumir daqui porque eu não quero saber quem mais está aqui!”. E quem que eles procuram? Procuram militantes nossos, da ALN, que eram amigos deles, que estavam também no Chile.

D.P. – O Lauriberto é irmão da Regina Novaes.

I.X. – A gente chamava ele a Loira, porque ele tratava... Ele tinha os cabelos meio claros...

D.P. – Louro.

⁶ Molipo – Movimento de Libertação Popular.

I.X. – Louro. E ele era vaidoso com aquele cabelo! Aí os meninos, para mexer com ele: “Ô Loira!”. Depois ele levou numa boa, o Lauri. E eles voltam a partir daí. E aí nós começamos... Minha mãe começa a fazer uns contatos... Eu tentei, outro dia... Há uns anos atrás, encontrei uns Tupamaros, para tentar encontrar o cara. Aí nós tínhamos um apoio dos Montoneros, que inclusive foram apoio... Porque, no dia que o Marighella foi assassinado, os meninos sequestraram o avião em Buenos Aires, que foi [desviado] para Cuba, inclusive com o Franklin Martins. E esse menino que deu apoio. É um médico. Muitos anos, eu procurei. Só recentemente encontrei. E os Tupamaros, que eu achava a coisa mais engraçada... Porque Montevideú é desse tamanho. O cara, sinceramente, se não tinha dois metros, tinha um metro e noventa e nove. Tipo o Franklin: magro feito o cão, altíssimo. E eles forneciam cédulas para fazer os documentos, para a gente entrar como uruguaio, como argentino... E minha mãe... Eu só fui pombo-correio – leva foto, traz documento –, mas minha mãe fez discussões políticas: como é que a gente ia interagir em conjunto. E o contato era esse rapaz. E eu sempre falei: “Vai ser... Não vai ter dez com quase dois metros de altura!”. Nunca consegui. Nem o nome de guerra, eu não lembro. E aí nós ficávamos preparando a documentação. Inclusive da Suzana e do Luiz Eurico. Aí eu, por exemplo... Você cruza os Andes de avião, ou de trem, e antigamente tinha tipo uma van – não sei se hoje em dia tem... Cada vez você fazia num esquema, para você não topar com a mesma barreira, porque já estava o zunzum. Demorou a vir o golpe, mas... “Não, não pode.” E eu, com essa... Porque eu tinha cara de menina... Uma vez... E a viagem de trem... A de avião, eu adorava. O dia que eu cheguei no Chile, lá de cima, eu falei: “Gente!”. A paisagem, você viu, aquilo ali... *Andes lo que andes, pasa por los Andes*. Mas o de trem era o mais confortável. Aí eu fui e voltei nele. E tinha dado uma nevasca e tinha interrompido um trecho, aí a gente ficou na estação esperando. Quem vem de lá? O mesmo agente de aduana que eu tinha cruzado, que era um jovem, também. “E aí?” Porque eu ia, como eu fiz agora para São Paulo, pegava o trem... Era bate e volta, porque eu não tinha discussão de política, nada. E até lembro que eu falei... E aí eu falei... Não sei se o cara gravou minha cara porque achou engraçadinho... “Ah, aproveita. Por que você não fica aqui?” Tinha uns hotéis, para o negócio de esquiar. “Não, eu não gosto disso, não.” Eu estava como brasileira. Aí eu passei um tempão sem passar de trem, por causa do rapaz. Isso nós estamos... Iuri já veio e já estou na volta dos meninos do Molipo. Entra a Suzana e o Luiz Eurico, que são os últimos, já são do último exército, do quarto – e ele inclusive é que vai levar meu

ponto de chegada. E acontece um fato que até hoje a gente acha engraçado. Porque um dos cursos que eu fiz lá foi o negócio de transformação. O cinema cubano estava muito bom, até estavam gravando *Lucia*, que era a história de três Lúcias, desde a Guerra de Libertação, e uma das moças, das maquiadoras, que era do partido... Eu participei, para aprender a fazer. Mas as coisas cubanas eram muito rudimentares. Você podia fazer um nariz, um coisa para o filme, mas para você andar na rua não dava. Mas cabelo, saber fazer permanente, não sei o quê, essas coisas assim, a barba e o bigode, ela ensinou. E aí nós começamos a fazer isso no pessoal que estava voltando. Eu não sei se foi isso ou o que é que foi, mas os três que voltaram, e depois eu, a quarta, nem o Iuri reconheceu. A primeira foi a Marília, uma daquelas que a Vó arrebanhou lá [no Uruguai], que era de Minas. Até hoje eu lembro. Ela tinha uns 20 e poucos anos, e o passaporte tinha uns 35. Aí eu lembro que a gente fez... Ela [tinha] o cabelo liso, os olhos verdes, e a gente fez permanente, óculos, não sei o quê, mudamos a roupa... Tudo isso ajuda a impactar. Aí voltou o Luiz Eurico e a Suzana. Daqui a uma semana... A Suzana ficou, e o Luiz Eurico cruzou e disse assim: “Não apareceu ninguém”. E o deles era numa avenida, tudo. Minha mãe... “Não é possível!”. Aí eu até disse assim: “Ô Zilda, essa história está complicada!”. Porque era um que não tinha origem. Os dois. “Não, que não sei o quê, esse povo no Brasil...”. Essa história que você levava uma revista, um não sei de quê debaixo do braço. “Não, não sei o quê.” Eu falei: “Puxa vida! E justo ele é que vai levar meus pontos!”. Fiquei com medo. Aí ele foi, esperamos, chegou o telegrama... Tinha um telegrama que você passava, dizendo que contactou. Bom, aí chegou finalmente meu dia. Lá vou eu. Chego por São Paulo. Levo o maior choque, porque eu era do Rio... A quantidade de viaturas na rua passando... Lembro que eu fiquei estatelada. Não tinha, na nossa época. Aí eu vou, com a cara de criança que eu tenho, para um hotel. Porque eu estava como uruguaia.

D.P. – Passaporte uruguaio, é isso?

I.X. – Carteira de identidade. O meu não era passaporte. Aí me registrei e tal. No dia seguinte, que era o ponto. Quando chego no local do ponto, era dia de feira livre – feira de rua –, não entrava carro, a pessoa tinha que vir a pé. O Crioulo, o Luiz José da Cunha, estava com o Iuri no carro, porque ele tinha que sair e ele queria ver o que eu ia

dizer, porque tinha mais confiança, se a Zilda tinha mandado dizer alguma coisa. Ele estava saindo para reestruturar a organização lá.

D.P. – O Crioulo estava saindo para reestruturar a organização...?

I.X. – No Chile. Remontar ali. E aí estou eu andando naquela... E não sabia quem ia me pegar. E eu falei: “Mas quem é o burro que marca num dia de feira, gente!”. Aí rodei, rodei, rodei, aí vi que os carros desviavam aqui, fui para lá, fiquei em pé, e nada. O Iuri era míope, mas o Crioulo também usava óculos – não sei era miopia, o que era. Eu não vi os dois nem os dois me viram. E eu lá de pé, com uns óculos – tenho até a foto até hoje –, uns óculos grossos. O rapaz disse assim: “*Esta igualita a una maestra*”. E nada. Menina, e você voltar para o Brasil e ficar perdido?! Gente!

D.P. – E não tinha um ponto...? Só tinha esse ponto; não tinha um outro, alternativo, mais...

I.X. – Tinha. Fui. Também não me pegaram. Nem me lembro se o Iuri disse que repetiu. Já não me lembro. Aí era um inferno! Aí eu disse assim...

D.P. – E você no hotel.

I.X. – Eu no hotel. Eu digo: “Não vou passar telegrama nenhum”. Porque a ordem era: “Cumpru a alternativa, não veio, sai. Põe um telegrama de que não contatou e volta”. Eu falei: “Eu? O trabalho que me deu sair de lá... Eu vou voltar é nada!”. Eu falei: “Vou ficar indo lá naquela rua”. E fiquei indo. É lá na Lapa. E nada. E o dinheiro acabando. Porque a gente entrava com pouco dinheiro.

A.D. – Quanto tempo isso?

I.X. – Uma semana, eu fiquei perdida. Aí eu comia duas maçãs, uma de manhã e uma à noite, porque não tinha mais dinheiro para comer, porque tinha... Aí saí do hotel, porque eu estava num hotel de certa categoria, fui lá para a rua Angélica, peguei uma pensão bem derrubada, que o homem me olhou tantas vezes... Não sei se era de encontro, se

não era. Peguei essa pensão. Aí eu falei: “Gente, quem é que eu posso achar?” Aí tinha duas opções. Essa tia que foi onde minha mãe... [quando] minha mãe estava no Pinel... Porque eu falei... Ela sempre gostou de São Paulo. Ela estava morando em São Paulo – tinha casado, e eu nem sabia. Eu sabia o lugar que ela ia, porque ela tinha uma amiga que tinha um salão. E tinha um pessoal que veio do Partidão com a gente que eu sabia também onde morava. Aí eu falei... Aí já tinha a história da minha mãe, apesar de minha mãe nunca ter dito que foi a irmã. Aí eu falei assim: “Hum! Procurar? Se a tia Irene foi lá, mexeu com advogado, é mais perigoso”. Agora, o que aconteceu com esse pessoal, nesse tempo? Porque tinha tempo. Eu saí em setembro [de 1969], e isso era final de 1971, que eu consegui voltar. Aí eu falei: “Não, eu vou lá”. Aí cheguei... Lembro que... Eles tinham uma caçulinha, que tinha crescido, nesse tempo. Estava a empregada e a menina, aí... “Ah, não, papai está trabalhando; minha mãe...” Ela tinha posto uma boutique em Pinheiros, [inaudível]. Aí eu falei: “Ô querida, você não podia ligar lá?”. Aí a empregada... “Mas a senhora...”. Nunca tinha me visto, não é? Eu falei: “Eu sou do Rio de Janeiro, filha de uns amigos deles”. E a mais velha não estava, que tinha namorado o Iuri, estava só a caçula. Aí, depois de muita conversa, a mulher ligou. “Ah, vem aqui, rua Pinheiros não sei o quê”, deu o endereço. Lá vou eu de ônibus...

D.P. – No telefone, ela se identificou e você se identificou?

I.X. – Sim. Eu me identifiquei, ela falou: “Ah, vem para cá, Iarina” – o povo da ALN me chamava Iarina. Aí eu cheguei lá. Quando eu entrei, que ela me viu, ela falou: “Ah, está explicado! Dia sim, dia não, o Alex passa lá em casa com uma conversa de cercalourenço, e que não sei o quê, que veio filar um café e que...”. Porque eles tinham sumido, e aí eles tinham se afastado até da organização. “E eu achando que era alguma coisa com Zilda.” Aí ela falou assim: “Olha, ele passou ontem”.

A.D. – Era o Alex que estava indo?

I.X. – Era o Alex que estava indo. Porque eles também pensaram... O Iuri passou um telegrama, e aí minha mãe respondeu que eu não tinha voltado.

A.D. – Nossa! Eles deviam... Que angústia! Ninguém tinha notícias suas.

I.X. – Aí eles ficaram assim... “Bom, quem é que ela pode procurar?” Aí pensaram na tia e pensaram nesse casal, porque eu tinha estado nessa casa um tempo atrás. Aí o Alex começou a ir lá. Aí eu falei...

D.P. – Mas não abriu o jogo para a sua tia, não é? Não abriu o jogo.

I.X. – Não. A tia, eu nem encontrei; eu fui só na casa do pessoal. Aí eu falei...

D.P. – Não, espera aí. Essa casa que você vai...?

I.X. – É do casal que veio para a organização com a gente.

D.P. – Que tem uma boutique e tudo?

I.X. – É. A mulher montou uma boutique – ela costurava – em Pinheiros.

D.P. – Ela era ligada ao partido?

I.X. – Eles tinham sido do partido e tinham ficado como área de apoio da ALN, e eram conhecidos, porque a menina mais velha ia no Rio passar férias, essa coisa. A gente se conhecia, tinha uma certa amizade. Aí eu deixei dito... Falei: “Então, quando ele passar, você diz que eu passei aqui, e para ele dizer um local aonde ele vai estar e um horário, e que eu vou vir todo dia”. Fui no outro dia, ele não tinha ido. Porque aí eu comecei a ir no final do dia. E ela dizendo: “Você não pode vir mais tarde?” Aí eu dizia... Passava lá em Pinheiros, porque aí era a loja. Achava que era mais seguro. E eu dizendo: “Não, porque eu estou numa região esquisita”. Aí ela dizia: “Sai de lá. Vem para a cá”. Mas eu falei: “Não, deixa eu ficar lá mesmo. É melhor para vocês e para mim”.

D.P. – E ela sabia das coisas mais ou menos?

I.X. – Sabia.

D.P. – Sabia que você tinha vindo de Cuba?

I.X. – Sabia tudo. Supunha. Sabia que eu tinha sumido. Até que no outro dia... Aí ela falou: “Ih, Alex, eu sei que ela está sem dinheiro para comer, sem nada”. Aí ele chegou enfiando dinheiro na bolsa. E eu falando: “Calma, Alex!”. “Calma, não. Aqui, de uma hora para outra chegam os homens, então, cada um vai para o seu lado.” E eu: “Calma, Alex!”. Aí nós entramos num táxi e fomos. Aí ele disse: “O Iuri está esperando, se você fosse aparecer”. Aí ele: “O que vocês...?” Eu estava ainda com o modelito. “Mas que babaquice! Para que vocês fazem essas coisas?” Eu falei... Aí ele falou: “Eu passei lá, nem o Crioulo...”. Eu falei: “Mas, meu Deus, vocês não reconheceram a Marília; não reconheceram... Não me reconheceram... Porra! E o casal gaúcho...” Porque a Suzana, pela primeira vez, ela tinha cortado tipo joãozinho, então, acho que tinha ficado... Eu não sei se...

D.P. – De cabelo preto, talvez? Pintou de escuro?

I.X. – Não. Eu não sei, porque eu só a vi no retorno. Só conheci... Em Cuba, eu nunca encontrei ela. Eu já vi ela de joãozinho. Mas aí, depois ela falou. Eu não sei se ele a viu com o cabelo comprido. Não sei o que aconteceu.

D.P. – O disfarce era tão bem-feito que não...

I.X. – Aí que eu fui contatar a organização. E aí a primeira... Eu e Gastone, quando estávamos esperando para sair... O Iuri, com esse negócio de escrever e fazer jornal – igual o Marighella, que acreditava muito na propaganda escrita –, ele pediu para os cubanos darem... para a gente fazer gráfica pequena. Naquela época, tinha umas offset – não de juntar tipo, não. Eu e Gastone que fomos fazer o curso, esse de offset. Bom, aí eu encontrei... Aí tinha essa opção: vai montar a gráfica... E a gente estava com uma gráfica, que depois caiu, que era aquele pessoal ligado... lá da universidade que imprimia, isso já em fevereiro. Aí o Iuri ficou... E uma das posições dele... Eu acho que ele achava que era... [Uma das posições do Iuri] era me tirar de São Paulo e me mandar

para o Nordeste. O Arnaldo... Nesse tempo, você já estava presa, não é?⁷ O Arnaldo, que veio a ser meu companheiro, estava lá reestruturando... Inclusive daquela ação de Bodocó, daquele rolo, estava o Arnaldo lá, no cerco lá, que ele saiu. Aí o Alex – a história folclórica –, o Alex disse que tinha arranjado um cunhado e que eu ia conhecer, que era gente boa. Eu falei: “Ô rapaz, e eu estou com cabeça, agora, de...?!”. “Não, você vai ver.” Ele não sabia que o Arnaldo estava em São Paulo. O Arnaldo tinha vindo do Nordeste – não sei se nessa época ele estava em Fortaleza ou em Recife.

A.D. – Mas ele era de São Paulo?

I.X. – Não. Ele era mineiro, de Belo Horizonte. Ele foi um quadro que chegou a sair... Vou chegar lá. Nunca saiu para treinar. Foi o único que ficou até morrer, dos que chegaram a comando nacional.

D.P. – Que ficou até morrer na organização, fazendo...?

I.X. – E que morreu como comando da organização. Era o Arnaldo. Aí o Iuri me pega e diz assim: “Não, você vai lá para casa, para a gente conversar e tal”. Nessa época, o Iuri estava morando com a Maria do Amparo, que, pelo menos de nome, você deve conhecer.

D.P. – Conheço...

I.X. – E o irmão dela, o Luiz, que era do grupo dos meninos, quando a gente já relaxou um pouco aquela norma de segurança... Teve um terremoto no Peru, não sei se vocês lembram.

D.P. – Não.

I.X. – E aí, eu, Alex e ele... A gente chamava ele de Professor Ludovico, porque ele tinha mania de querer inventar coisa. O Alex gostava muito dele. Um dia, encontrei o

⁷ Dirigindo-se a uma das entrevistadoras.

Alex, ele falou: “Hoje nós temos um programa bom”. “Qual é?” “Vamos doar sangue.” Eu tenho as veias finas, péssimas com o negócio de soro. Eu falei: “Ah, vamos, vamos ser solidários, nós vamos lá”. Aí o Professor Ludovico ficou mexendo comigo: “Você ficou branca”. Eu falei: “Deixa eu ver o tamanho da tua veia, ô nordestino. A minha é veia de carioca”, e aí ficamos brincando. “Como é que você sabe que eu sou nordestino, se eu sou paulista?” Aí doamos sangue, eu, Alex e o Luiz Almeida Araújo, nessa campanha – Cuba fez uma campanha grande para mandar sangue, plasma. Tinha tido um terremoto bem feio. Aí o Alex não sabia. Quando eu chego na casa, está: a menina, que eu não conhecia, nem sabia que era irmã dele – ele já tinha sido desaparecido –, e o Arnaldo, que eu não fazia ideia nenhuma nem de onde era...

D.P. – Quem é a menina? É a Amparo?

I.X. – É a Amparo, que era a companheira do Iuri. Aí a gente vai, conversa. No outro dia, eu saio, o Iuri tira... E o Iuri falando assim: “Esse companheiro que está aí...”. Eu nem lembro o nome dele, porque a gente botou o apelido dele de Jiboia, porque ele comia uns pratos de peão e depois dizia assim: “Eu preciso de meia hora aqui para descansar”, aí a gente dizia que ele ficava jiboioando. Eu nem lembro o nome que ele usaria nessa época, porque só chamava ele de Jiboia, Jiboia. Aí eu saí com a Amparo, e a gente encontra o Alex, e aí o Alex diz para ela... Ela, eu acho que era Cristina, nessa época. “Escuta, eu escolhi... Vocês lembram o Jiboia...?”. Aí ela falou: “Ué! Ele está lá em casa”. O Iuri quase matou a gente de raiva, porque abriu tudo, que estava na casa, que tinha um cara que era o setor do Nordeste... Aí o Alex falou: “Ah, é esse!”. Eu falei: “Ih, Alex...”. E ele era muito fechado. Ele é mineiro, não é? Eu falei: “Ah, acho que não vai rolar, não. O cara é meio encruado”. Aí o Iuri virou e disse assim, no outro dia... Eu falei: “É com esse que eu vou para o Nordeste?”. Aí ele falou: “Não. Não vou mandar mais, não. Você vai ficar aqui. E Gastone está chegando também; vocês vão operar a gráfica”. Aí eu falei: “Ah, tá legal. Está aí um trabalho que eu gosto. Eu também gosto... Está bom”. Aí o Arnaldo voltou para o Nordeste, e aí nós fomos... Eu fiquei na casa, e ele falou assim: “Ah, vamos montar...”. A gente montava... Eram os aparelhos. “Vamos montar aparelho, ver quem vai montar com você”. Aí um dia ele chega... E a Gastone morre assim que entra. Tudo indica que foi... O Iuri foi identificado no carro, eles seguiram... Porque eles deixam ela e ela está no ponto de ônibus, aí chega... Eles dizem

que era... Não era a Oban. E dizem que pararam porque tinha um bandido na... Tinha uma banca de jornal... Ali no Ipiranga. E que ela teria reagido porque achou que era com ela. Eu acho... Nós achamos a história meio suspeita. Publicam o nome do cara e tudo, no jornal. Aí eles perseguem, ela entra dentro de uma lojinha. E ela é abatida com 37 tiros, a Gastone.

D.P. – E vocês souberam logo da morte dela?

I.X. – Eles botaram como...

D.P. – Tiroteio?

I.X. – ...como tiroteio. “A amásia do bandido.” Não botavam nome, nada. Como o Iuri...

D.P. – E quando você viu... Aí vocês viram na imprensa?

I.X. – Não. O Iuri ia encontrar ela duas horas ou três horas depois, e ela não apareceu. Já começa a suspeita. Aí vai cobrir a referência, nada. A gente levou um tempinho de associar, porque saiu no outro dia. Depois, quando... Por causa da rua, a gente falou: “É a Gastone”. O Iuri. Porque eu nem sabia.

A.D. – Isso foi em 1972.

I.X. – Em janeiro [de 1972], antes de o Alex morrer. Gastone morre antes do dia 20. Não me lembro a data precisa. Aí o Iuri... Aí eu vou para o aparelho do Gelson Reicher, que depois morre com o Alex, que eu falei que foi o que tirou minha mãe do Brasil com a Lídia. A Lídia tinha perdido a mão, e a gente vai ficar lá – por causa de Natal e essas coisas assim, pegava o pessoal que estava morando em pensão e tudo isso e ia para as casas, para os aparelhos, para não chamar a atenção. Aí eu chego lá... O Gelson, eu tinha conhecido, porque ele tinha saído... Depois de tirar a Vó, ele fez uma viagem, também, para a organização, porque ele era legal. E com o Alex lá. Foi o último Natal e Ano Novo nosso. Aí o Alex era muito perturbador... O Gelson é judeu. Aí o Alex ficava fazendo piada, e ele ficava brabo. Ele usava uns óculos... “Você não pode ficar falando

assim!” E eu digo: “Menino, você vai morrer cheio de ruga! Esse garoto não presta!”. A gente brincou muito, nesse final de ano. Aí a Gastone morre. Aí o Iuri chega e diz assim: “Olha, mudança de plano, você vai montar um aparelho com o Pereira”. Para a Gastone sair do Brasil, se forjou um casamento – depois virou de fato; no início não era – com esse rapaz, dizendo que ele era cineasta, ia fazer um curso na Itália... Para a família, não é? Porque aí você sumia. E, lá em Cuba, eles se desentenderam, não sei o quê. Nesse período final, antes de voltar, ela estava com o Ronaldo Dutra. Eu não convivi, nesse período, com ela, não. Só soube depois.

D.P. – Ah, nesse período, ela está com o Ronaldo?

I.X. – É, antes de vir para o Brasil.

D.P. – Ah! Lá em Cuba, que você está falando?

I.X. – Em Cuba ou no Chile. Eu não sei se ele passou no Chile. Aí eu não sei te dizer. Aí a Gastone morre e o Iuri vem. Eu tinha uma implicância com esse Pereira que se agudizou em Cuba. Ele tinha umas conversas, mesmo aqui no Brasil, umas conversas estranhas.

D.P. – Como é o nome do Pereira? Pereira era nome de guerra?

I.X. – Antônio Pereira da Silva. Não [é nome de guerra], é sobrenome.

D.P. – Antônio Pereira? Ele morre, também?

I.X. – Morre nada! Safado morre? Aí eu falei: “Iuri, eu não quero montar aparelho com esse cara”. Disse mesmo.

D.P. – Iara, me diz só uma coisa: a essa altura, vocês estavam discutindo a crise da ALN? Tinha sentido a organização continuar? Passava esse tipo de discussão?

I.X. – Vou chegar lá. Logo que eu cheguei, não. Depois, eu pus a discussão. Logo depois da morte do Alex; do José Milton; e morre em seguida...

D.P. – Porque em 1970 já estava começando a discussão [**inaudível**].

I.X. – Aí foi lá fora: se era válido; a Tendência Leninista... Mas a gente tinha a secura...

D.P. – Mas, quando você chega no Brasil, as quedas todas... Nossa!

I.X. – Aí o Iuri me faz montar esse aparelho.

A.D. – Porque, a essa altura, no Rio, a queda já tinha sido também **monumental**, aqui.

I.X. – Geral. Em São Paulo, também.

D.P. – Em São Paulo, também. Em Pernambuco... No Nordeste, também.

I.X. – Também.

D.P. – Só estava quase sobrevivendo o pessoal que tinha voltado, não é?

I.X. – É. Quem era daqui, praticamente... Quem ficou aqui já tinha. Por isso que eu te digo, o Arnaldo é uma das exceções. Ele sobrevive às quedas de Belo Horizonte de janeiro de 1971, onde morre o Aldinho; depois ele é deslocado para São Paulo; ele vai para o Nordeste; e depois ele volta. Aí eu vou montar um aparelho com esse rapaz.

A.D. – Em que cidade?

I.X. – Em São Paulo.

A.D. – Em São Paulo mesmo.

I.X. – A minha militância foi toda em São Paulo, com a volta. Quem era do Rio ia para São Paulo; quem era de São Paulo era deslocado para o Rio. Aí, acho que já com uns dez dias, ou menos, ele chega. Ele sabia meu nome, como eu sabia o deles. “Iara, eu fui tomar um café, lembra...?”. Era um negócio de rua com ladeira, tinha um boteco, assim. “Lembra que eu falei? Fui lá. E aí fiquei conversando, fiz amizade, vi que o cara estava com uma pistola na cintura e comecei a puxar papo com o cara.” Quando ele falou assim, eu já falei: “Seu filha da puta! Tu quer cair, cai sozinho!”. E ele: “O quê? Não, porque esse cara trabalha”, e aí ele falou, “na delegacia não sei o quê, e eu vou puxar assunto, a gente vai pegar a arma”. E eu falei... Aí eu fui encontrar o Iuri, no outro dia, falei: “Escuta, esse cara vai me derrubar, e eu quero bem que eu morra, porque pode saber que eu volto de onde for para te dizer ‘eu disse’”. “Você tem mania de falar umas coisas!” Eu digo: “O cara é um irresponsável, Gilney. Eu, que sou...”. [confundindo-se]

D.P. – Gilney não.

I.X. – Iuri. Eu falei: “Olha, não é possível! Eu não sou tão boba desse jeito! Como é que você vai...? No atual estágio, um cara que não tem nada vai puxar história com um policial, com não sei quem, se interessar em entender de arma?!”. Eu falei: “Eu não dei corda para ele. Você pergunte tudo que ele falou”. Aí ficou aquela situação difícilíssima. E nós estávamos numa situação que a gente estava com uma metralhadora só. Então a metralhadora ia para São Paulo, voltava para o Rio, e do Rio ia para São Paulo... A gente estava precisando... Por exemplo, morre o José Milton...

D.P. – Aí não tinha mais ação, praticamente.

I.X. – Tinha. Mas a gente estava precisando de armas. Porque caiu, na casa do... Quando morre o Alex e o Gelson, cai, na casa do Gelson, um monte de arma e munição; aí a do José Milton, que morava com a Linda Tayah... Você chegou a conhecer ou ficar presa com ela?

D.P. – Não.

I.X. – A gente estava precisando fazer... E principalmente arma de mais capacidade de fogo. Aí o Iuri... E o cerco fechando. Cai o Alex, aí o Iuri vem...

D.P. – Espera aí. O Alex caiu? Já?

I.X. – Já morreu. Porque o Alex morre dia 20 de janeiro de 1972.

D.P. – Mas como é que foi a morte dele? Você passou no...

I.X. – Ah! A morte do Alex. Antes desse, teve a morte do José Milton e a Linda Tayah é presa, leva um tiro na cabeça, e esse menino, o Gelson... Eles estavam saindo para sequestrar médico para atender a Lídia, que tinha perdido a mão numa granada. Aí a polícia fez muito aquelas batidas fechando ponte e rua. Eles entram, veem a batida aqui embaixo...

D.P. – É num carro isso?

I.X. – No carro.

D.P. – Alex está aí?

I.X. – Não, não está o Alex. Está o José Milton, o Gelson e a Linda. Aí eles estacionam... A Linda estava grávida mesmo, mas disse que nem sabia. E eles dizem assim: “Vamos bater nessa porta, dizer que você está passando mal, pedir uma água, não sei o quê, que é o tempo de a batida sair. Só que nego viu dois homens e uma moça saindo, e os guardinhas vêm subindo. E eles entram na casa e a Linda começa a dizer: “Ai, estou passando mal, estou grávida”, quando vem o guardinha chegando, também, no portão. Aí o José Milton... Ele é ex-militar, então, ele diz para o Gelson e para a Linda: “Fujam pelos fundos que eu seguro aqui na frente, fico e seguro” – tinha a metralhadora. Aí a gente perde a metralhadora de São Paulo. Ele resiste lá, até que é preso. Nós temos dúvida se vivo ou morto, se ferido. Tudo leva a crer que ferido. E a Linda leva um tiro na cabeça, quando está pulando os muros, é presa, e o Gelson consegue fugir. Isso é em dezembro. A data, eu não me lembro qual. E o Iuri estava

começando a tirar os quadros mais queimados, e que tinham treinamento, de São Paulo e do Rio. Então estava destinado a ir – e o Carlos Eugênio já tinha ido – para o Nordeste: o Alex e o Nelson, que é o Hércio Pereira Fortes, que usava o nome de Nelson. Os dois iam sair também de São Paulo. Mas, com a queda do José Milton, que desarticulou, o Iuri segura um pouco. Aí, a queda do Alex. Estou na casa do Gelson com a Lídia, ajudando, porque ela não tinha uma mão. Já tinha cicatrizado tudo e a gente estava fazendo uma prótese no Centro da cidade, para ela sair do país – [para] que não chamasse muito a atenção, ela sair sem mão, porque o Luiz Vieira já tinha caído e tinha dito que ela tinha perdido a mão. Nesse dia, eu vou levar a Lídia para a última prova da mão.

D.P. – E era um aliado que estava fazendo isso? Ou era uma pessoa...?

I.X. – Não. Era...

D.P. – [Era uma] clínica normal.

I.X. – Era uma prótese normal. Escolheu uma, entrou. Não tinha... Aí nós chegamos... Você lembra, a gente tinha o costume de tomar café na padaria, não é? Aí estava: Iuri; Antônio Carlos Bicalho Lana, que depois vai morrer, em novembro de 1973; chego eu e Lídia e o Gelson; e está o Alex. O que o Alex estava fazendo ali, não me pergunte, eu não sei. No dia anterior... No dia anterior, não. No dia antes de antes **do anterior**, a... Como é o nome dela? Deu um branco agora. Tinha uma companheira que o nome de guerra era Joana⁸ que era mulher do Reinaldo Guarany. Ela precisava dilatar a pupila, mudar o negócio dos óculos. Então o Alex ficou com o menino, o Gilberto Telmo, que era um do Ceará, e o Marquinhos ficou acompanhando a Joana. Daqui a pouco eu lembro o nome dela. E aí, quando deu cinco horas...

D.P. – Não é a mulher dele do exílio, não, não é? É a mulher...

I.X. – É a mulher daqui do Brasil.

⁸ Eliane Potiguara Macedo Simões.

D.P. – Não é a Dora, não.

I.X. – Não. Era a daqui. Ela nunca saiu. Depois foi presa, ficou aí. Aí, numa determinada hora, cada um pegaria o ônibus e iria embora. O Alex deixa esse Gilberto... Ele estava com o apelido de Churrasquinho, porque um dia, eles estavam levando ácido, para fazer esse negócio de explosivo, e ele manipulou mal e caiu na roupa, e queima, e caiu no Alex também, aí ficou o pessoal: “Você quer virar churrasquinho?”. Ficou o apelido dele, desse menino. Aí o Alex deixa e vai embora, e a menina, também. Qual é a versão? Ele disse que, quando abriu os pontos do Alex e tudo, ele tinha certeza que o Alex não ia, porque disse que foi muito em cima, que o Alex teria visto a prisão dele. Aí o que acontece? O pessoal estava rodando com o Luiz Vieira na C14, porque estava voltando para a Tutoia, quando passa no ponto – e o menino conhecia ele – e ele aponta o rapaz, o Gilberto. O Gilberto corre, tenta fugir, leva um tiro na perna e é preso. Aí ele disse – aquelas desculpas de sempre – que ele estava com a conta de água ou de luz no bolso. Porque eles chegam antes do teto – a gente tinha uma hora para abandonar a casa – na casa onde estava a Joana. Nem dizer assim: “Mas o cara falou logo”. Aí ele diz: “Não, eu estava com a conta”. Aí eles tentam prender ela e ela também leva um tiro na cabeça – ela ficou com sequela –, e prendem ela. No dia seguinte, tinha uma ação. Era quando eu ia conhecer essa menina, a Joana, que minha mãe falava muito – porque, depois que ela fugiu, ele esteve um tempo no apartamento do Guarany com essa menina que eu estou querendo lembrar o nome e me foge. Aí, estou no ponto para alguém me pegar para a ação, chega o Iuri e diz assim: “Olha, vai embora. Vou cobrir umas referências; a Joana não apareceu”. Como tinha essa história dos dois, quem caiu? Aí ele falou: “Eu vou cobrir as alternativas com o Gilberto”. Porque ela não aparecer no ponto de ação já era sinal que tinha caído, então, ninguém foi cobrir referência dela. Aí eles vão... Isso está relatado nos depoimentos, nos documentos do Gilberto. No dia seguinte, no outro dia seguinte, na manhã, na padaria, fica a discussão. Vai o Iuri e o Gilberto Lana... e o Antônio Carlos Bicalho Lana. [corrigindo-se] O Antônio Carlos dizia assim: “O homem do picolé era polícia. A polícia estava nesse...”. Ele não entra. Aí o Iuri dizia: “Vocês estão vendo fantasma!”. Aí ficou aquela discussão, que, para mim... Impossível de ser feito, em janeiro de 1972, se ia cobrir, no outro dia... Quer dizer, teve o ponto de ação que a menina não entrou, não foi; foi na referência com o

cara, não viram ele... O Lana dizia que era polícia, na certa, ele era polícia. Aí, vai, não vai; vai, não vai... Aí o Lana... “Está bom, vamos lá. Olha, Gordo...” Aí o Gelson vira e diz assim: “Amado, você tem mais alguma coisa para fazer?”. Aí ele disse assim: “Não”. Ele sabia que ele não tinha nenhuma... Aí virou e disse assim: “Afonso, eu vou com o Amado, porque depois eu vou encontrar as meninas de novo, a gente almoça e vamos para o aparelho”. Aí o Iuri falou: “Ah, está bom”. E aí os meninos vão. E aí eu e Lídia vamos ver a mão. E a gente se encontraria, onze, onze e meia, lá em Pinheiros, no lugar que a gente ia almoçar. O Gelson deixaria o Fusca e pegaria a Kombi – porque, no aparelho, ele andava com a Kombi –, que ele tinha deixado estacionada numa rua. Aí a gente foi, fez o teste – já era para pegar na outra semana –, e chegamos... A Lídia diz assim: “Ô guaraná que não acabou até hoje!”. Era um pouco cedo, ela disse: “Ah, vamos tomar aqui um guaraná, enquanto a gente espera os meninos?”. Aí pedimos um guaraná. E aí foi passando, foi passando deu onze, deu onze e meia, que era a alternativa, aí quando deu quase meio-dia, ela falou assim: “Não fica preocupada. Eles são muito bons. Pode ser que eles estejam feridos e esperando que a gente vá socorrer lá no aparelho”. [Inaudível]. Ele foi com o Fusca mesmo, porque a gente passou e viu que a Kombi estava no mesmo lugar. Aí nós pegamos um táxi – nem me lembro onde era esse aparelho. Aí quando a gente chegou, entramos na garagem, não tinha nada, aí fica aquele silêncio. Ela sabia que eu era... E ela era ligadíssima ao Gelson. Ela sabia que o Alex era meu irmão, então, aquela... Fica mais difícil para você, porque é aquele lugar... O que você vai dizer, num momento desses? Aí a gente faz quatro malas – tinha muita arma e muita munição – que a gente possa carregar – ela, com uma mão só. Nós não tínhamos para onde ir – ela não tinha plano B, e eu muito menos –, vamos para um hotel.

D.P. – Cheias das armas e munição.

I.X. – Não levamos... Eu lembro até hoje, eu tinha um Fernando Pessoa em papel-bíblia que o Antônio Benetazzo que me deu lá em Cuba, e eu trouxe. Aí eu olhei, falei: “Puxa vida! Tinha uma fé... Não, não dá para carregar, fica para trás”. O que a gente foi deixando para trás. Aí pegamos um hotel e, no dia seguinte... Aí já estava nos jornais. Não, não saiu no dia seguinte, por isso que a gente sempre ficou na certeza que eles foram pegos vivos. No dia seguinte, nada. Mas aí a Lídia, nesse mesmo dia, me dá um

número... Porque o pai do Gelson tinha uma loja ali no Ipiranga, de roupa. Ela falou: “Olha, você liga, porque, se eu falar, ele vai reconhecer minha voz”, porque eles frequentavam o curso de medicina, “diz que o Gelson caiu, para ele ir com o advogado lá”, aquela ladainha que a gente falava para a família. Aí eu liguei [para o] seu Berel, falei... “Mas, minha filha, como é...?” Aquela coisa, querendo mais detalhe. Eu falei: “Nós não temos. Só sabemos garantido de que ele está preso. E o mais rápido que o senhor chegar lá, para ele ter chance de estar vivo”.

D.P. – Mas você deu o nome do Iuri também? Do Alex. [corrigindo-se]

I.X. – Não. Dei o nome do Gelson, e que tinha outro rapaz lá.

D.P. – Mas você não quis dar o nome, não?

I.X. – Não, não falei. Não quis dizer: “Olha, ele está com um elemento que não vão deixar sair vivo, então, a chance do Gelson dançar é grande”, que era o que eu pensava. Conforme com quem você caía... Aí fomos para o hotel, dormimos; no outro dia, não saiu nada. O Iuri ficou desesperado. Eu nunca vi, depois, ele mais abatido. Porque, realmente, era um ponto questionável de se cobrir, porque já era o terceiro dia. Ele ficou... Aí tinha um telefone que se falava, batia lá e batia no Fleury, que ele ia ligar. Aí a gente... e a Lídia também... “Se você falar e ele estiver lá, aí é que ele vai bater mais no Alex. ‘Ah, é? Está com dó do seu irmão?’ Não faz isso.” Aí ficou... Foi um dia do cão. No outro dia é que sai a notícia, que os dois estavam vindo pela República do Líbano, quase atropelou uma velhinha que estava atravessando a rua, aí tinha uma patrulha do DOI passando por acaso e foi parar... parou o Fusca, por que eles estavam andando em alta velocidade, e que aí – que seria o Alex... Morreu um cabo. A porta abriu e primeiro o terrorista metralhou o cabo, que tinha vindo a pé, andando, e aí se deu o tiroteio e morreram. Essa é a notícia que a gente tinha. Isso foi em 20 de janeiro [de 1972].

D.P. – Já saiu com o nome dele mesmo?

I.X. – Saiu. E saiu... Que foi a chance de a gente... Aí a história, que eu acho que hoje não vai dar tempo, que é Perus, saiu assim: “Alex de Paula Xavier Pereira, que usava o nome falso de João Maria de Freitas; Gelson Reicher, que usava o nome falso de Emiliano Sessa”. E nós não prestamos atenção nenhuma nisso, que era a carteira falsa que estavam. Na época, não pensamos em nada, nem em pegar corpo, nada. Como é que a gente ia reclamar corpo? Pedir para qualquer parente, também? Ficamos quietos. O pai do Gelson é que tinha chance. O fato relevante aí é o seguinte: o Isaac Abramovich, que é o médico que mais assinou laudo de necropsia falso, mais do que o Shibata, ele era professor e vizinho do Gelson. Várias vezes, o Gelson deu carona, para irem juntos para a Faculdade de Medicina. Quando o pai chega, depois que sai... [O Isaac Abramovich] disse que não reconheceu o Gelson. O Gelson não tinha mudado nada, diferente de mulher, que pinta. Ele disse que, na mesa de necropsia, não tinha reconhecido. Que não tinha falado... Porque aí a comunidade toda deve ter ficado assim... Aí ele vai e retira o... O Gelson já estava enterrado. Porque aí só admitiram a prisão do Gelson – que não foi prisão – quando saiu a notícia. E os judeus têm o negócio de dar banho no corpo – o Abramovich, o único ato decente que ele teve foi isso –, aí tiraram o Gelson, fizeram a cerimônia lá e enterraram.

A.D. – E tinha sido tudo com o nome de Gelson mesmo?

I.X. – Aí retificou. Não. O coisa é falso. Como retificou, eu não sei. Aí levou lá para o Cemitério Israelita e enterrou. Nós, cá, “**filho de terrorista**”, não tínhamos nem para onde correr. Isso foi em janeiro. Aí se começa a discussão: se continua... Porque, quando o Iuri sai, já começa muito o questionamento do pessoal – como o Fayal; o Rafael de Falco –, do caminho que devia ligar a organização...

D.P. – Não, o Fayal já tinha caído há muito tempo.

I.X. – E já estava no exterior. O Iuri pega o Fayal no exterior.

D.P. – Ah, está [certo]. Porque é trocado pelo embaixador, em 1970.

I.X. – Ele sai no embaixador, ele; Rafael de Falco...

D.P. – Domingos...

I.X. – Domingos. Aí eles começam... Estava começando a discussão. Para ser sincera mesmo, a sensação que eu tive quando entrei, nesse breve período, é que a gente estava dando volta num círculo: a gente não tinha contato, a gente não tinha base, todo mundo era clandestino. A gente vivia um mundo surreal. O que você conversava era se você entrava num táxi, numa padaria, que você ouvia alguma coisa. Você conversava era com você mesmo. Todo mundo clandestino. Diferente da outra época, não é? E aquela coisa... “Ah, caiu fulano?” Igual... “Caiu José Milton? Vai assumir... No GTA, agora, o chefe é o fulano, o sicrano, e vamos fazer ação.” E o que se faz? E eu vou questionar o Iuri no dia que sai a notícia do Alex, que aí ele vira e diz assim: “Nós temos que reestruturar o GTA. O Alex já estava coberto, que ia para o Nordeste, mais o Gelson. Quero saber se você quer”. Eu falei: “Quero não. Eu não tenho condições nenhuma de chefiar um GTA. Eu ainda nem sei andar...”.

D.P. – GTA é Grupo Tático Armado.

I.X. – “Eu nem sei andar em São Paulo ainda.” Eu falei: “Gente, não pode ser assim”. Aí ele falou: “Ah, o que é?”. Eu falei: “Iuri, você não está vendo que o circo está pegando fogo? Nós vamos ser massacrados”. “Então, para que você veio? Ficasse fora do circo.” Eu falei: “Não, palhaço, pode ser que... Eu caio aqui no circo pegando fogo, mas vou te dizer, eu entendo que esse não é o caminho. Acabou. Caiu um GTA, eu acho que é o momento que a gente deve fazer...”. “Recuo para onde?!” Aí ele ficou balançado. Foi um questionamento que eu fiz nesse período.

A.D. – E vocês mantinham contato com a mãe de vocês? Ela estava no Chile, não é?

I.X. – É. Ele mantinha. Ou recebia, tinha... Eu não tinha. Depois que eu entrei, não tive mais contato. Aí eu vou para o aparelho, enquanto... Aí a gente resolve... Os meninos que entravam não tinham formação, aí o Marquinhos ia muito nos sebos comprar a *História da riqueza do homem*, os livros que conseguia, e a gente foi montando uma biblioteca, que era para fazer um curso de formação política, com o Crioulo, tudinho. E

o Marquinhos que apanhava. E esses [livros] estavam até no aparelho, caíram no aparelho que eu estava. Então, tinha-se combinado, dali a um mês, não sei, começariam os cursos de formação. Inclusive o Marquinhos, nessas idas aos sebos em São Paulo... Quem frequentava muito era o Delfim Netto, atrás de livro raro, e o Marquinhos ficou enlouquecido: “Olha, vamos pegar o Delfim”. Porque ele ia lá. Aí ele começou a ir mais nos horários. Não me lembro quem vetou. Aí eu já não sei, porque eu nunca fui comando. Aí fui [morar com] esse rapaz – já tinha morrido a Gastone e tudo –, fui morar com o Pereira, montar... Tinha muito livro. Juntou tudo: os que estavam na casa do Iuri... Começamos a aglutinar ali. E o Pereira fez essa discussão e o Iuri falou assim: “Não, deixa, porque nós vamos estruturar a questão da gráfica e aí você vai sair” – já não tinha a Gastone –, “estou vendo com quem é que vai. Você fez o curso de inteligência?”. Eu digo: “Dos cubanos? Fiz. Iuri”. Aí era a Darci, que fez na Coreia. “Vamos encontrar hoje uma pessoa que você vai reconhecer.” Nessa reunião, estava: Hércio Pereira Fortes; Darci; Iuri; e eu. E aí ele falou: “Você vai trabalhar com ela”. Foi a sorte. “Marquem aí um encontro para você...” Porque o aparelho dela, só ela conhecia. A gente tinha comprado equipamento, essas coisas. Aí nós marcamos. E o que aconteceu? Ela é paulista, conhecia. Aí ela pegou uma transversal lá da Santo Amaro com uma lá que era não sei quantos para dentro, que eu não sabia. Desci eu no meu ponto surrado, Santo Amaro, esquina com não sei o quê – de tarde isso. Quando eu cheguei... Andava, andava, e cadê a rua, a outra esquina? Quando eu cheguei, cadê Darci? Nem cheiro de Darci. Nem cheiro. Eu falei: “Hum! O Iuri vai comer meu fígado!”. No outro dia, “Porra!”. Eu falei: “Iuri, eu estava mais do que no horário. Agora, eu vou adivinhar que é dez ruas para dentro? Eu não...” E chiou, chiou... “Dê quando ela chegar, então.” Aí a Darci diz: “Foi a sorte”. Porque ela abriu o local. Ela vai para o Rio e cai, é presa. E aí, quando, [depois de] muitos anos, a gente se encontrou... Você vê que é uma coisa... Ela apagou da lembrança. Aí eu falei: “Darci, não é possível! A gente almoçou junto”. “Mas você ia para o meu aparelho?!” Eu falei: “É. Você estava indo para o Rio e eu já ia lá para conhecer, para...”. Depois, quando ela pegou as falas, os depoimentos, ela falou: “Iara, eu tinha apagado isso da minha mente”. Eu falei: “Ah, eu não apaguei, não! Não apaguei de jeito nenhum. Posso ter apagado outra coisa”. E aí cai o Hércio, cai ela... Aí foi uma desgraceira. Quantos comandos? O Hércio era comando nacional... Aí eu chego em casa um dia – acho que era final de abril, início de maio – e tem um bilhete. Estou chegando, seis e pouca... O teto

geralmente era dez. Como eu tinha muita desconfiança dele e era uma pirambeira, o nosso era nove. Aí estava um bilhete: “Iara, avisa ao Iuri que eu fui tirar a O. da merda”.

D.P. – Foi tirar o quê?

I.X. – A O. da merda. “Que ele cubra, daqui a dois dias, não sei o quê, os pontos de referência”. Um bilhetezinho assim. Eu falei: “Foi tirar a O. da merda?!” A gente estava sem a metralhadora, e ele estava indo ao Rio levar... Aí eu falei: “Sabe de uma coisa? Quem vai sair daqui sou eu”. Aí fiquei na dúvida, “tiro a munição ou tiro os livros?”. E era a pirambeira. Aí lá vou eu, com o peso que dá, de munição e arma, de novo para o hotel.

D.P. – Você tirou a munição e deixou os livros?

I.X. – Deixei os livros. O que é que dava? De novo para o hotel. Eu falei: “Gente, se a polícia for esperta, fica atenta nisso”. Aí dormi no hotel. No outro dia...

D.P. – Você sozinha?

I.X. – Sozinha. Não tinha ninguém, era eu e ele.

A.D. – Não teve nem como avisar, é claro.

I.X. – Não. Aí, no outro dia... Geralmente, de manhã, eu tinha um encontro com ele. Aí eu cheguei calada, disse assim: “Leia”. “O que é, porra?!”. Eu falei: “Um recado do teu amigo Pereira”. Ele era da Escola Técnica, também. Quando o Iuri ficava nervoso, os lábios ficavam branquinhos, sabe? “Que porra esse cara foi fazer?!”. Eu falei: “Hahaha! Não sei. Eu sei que eu me pirulitei. E te digo uma coisa, naquela casa eu não volto! Se você quiser, te dou a chave e o endereço...”. Aí chega o Antônio Carlos Bicalho Lana: “Não! Não entra! Não tem condições!”. Eu digo: “Ficou lá todo o nosso estoque de livros, mas eu não volto.” Aí passou um tempo, uma semana, dez dias...

D.P. – Você, no hotel? Ou você vai para outro lugar?

I.X. – Não. Aí eu fui de novo para o Iuri. E aí o Iuri diz assim: “Não, vamos montar a gráfica, porque está muito difícil...”. Ah! A gráfica tinha caído. Antes de ele aprontar isso, em fevereiro, a gente estava fazendo uma ação que a gente ia pegar as máquinas desse lugar, porque o Iuri já achou que ia cair, e quando ele entra na rua com o Lana, os caras, em vez de deixarem... Porque era um subsolo. Começam a atirar. O Iuri fica ferido nas costas, porque corria menos que o Lana. Perdemos as offset. Aí o Iuri pegou um outro companheiro que era de Minas, do grupo dele, que se chama José Júlio, e diz: “Você vai montar um aparelho com o José Júlio e a única coisa que você vai fazer é a gráfica”. E eu falei: “E ele?”. “Não, ele vai para o GTA.” Aí eu falei assim: “Não é assim que deve montar”. “Você não pode morar numa casa sozinha! Eu não posso dispor de uma pessoa que treinou para ficar...” Eu falei: “Iuri, o risco de ele cair lá fora e a gente perder de novo a gráfica é muito grande. O cara está no GTA, gente!” “Não, mas é assim.” Aí eu fui atrás do GTA, de aparelho, encontrando o José Júlio. Aí, um dia, eu estava... Eu não sabia dirigir, ainda. Treinei um pouco em Cuba. E aí convenci o Lana que, nos intervalos, ele me desse aula, sem o Iuri saber. Eu falei: “Não, o Gordo vai começar a criar coisa. Rapaz! A fuga depende muito de um carro”. Aí o Lana, sempre que ficava o horário vago, marcava, a gente se encontrava, e estava treinando. Mas, antes disso, um dia, eu chego para encontrar o Iuri, para dizer que tinha achado uma casa, não sei o quê, e o Iuri diz assim: “Você tem ponto com quem?”. Eu falei: “Com o Marquinhos, não sei o quê, com o Lana...”. “Não vá em nenhum bairro que o Pereira tenha ido.” Essa é a única informação que eu tenho. Ele contesta, nunca achei nada, mas o que eu ouvi, eu sei. “Porque o Pereira se entregou no Rio e está com os homens rodando aqui.” Aí eu falei: “Ah, está bom”. Ipiranga é um lugar que eu tinha com ele, que é onde tinha caído a Gastone. Era um bairro que a gente gostava. Ele falou: “Cai fora!”. Eu falei: “Ah, está bom, vou cair fora”. Eu tinha um encontro na Mooca com o Lana. Por que na Mooca? Porque o Iuri tinha marcado um encontro com ele, com a Ana Maria Nacinovic e o Marquinhos lá. Aí tem duas versões. Ajudou a delimitar o perímetro... A gente sabe que eles foram com foto do Iuri e da Ana no posto de gasolina, em padaria, “olha, se vir por aqui, são terroristas”. Ele vai e almoçam na Churrascaria Varela. A informação que chega depois para a gente é que o dono, o gerente, ele reconheceu e ligou para o DOI-Codi. Aí eles chegaram, disse que teve um policial que entrou, reconheceu, viu os carros parados, onde tinha estacionado, qual era

a chapa fria. Teve tempo, porque eles demoraram umas duas horas. Montaram o cerco. Os quatro saíram e... É uma coisa até que eu estranho. A Ana ia encontrar o outro menino a três quadras dali. O Marquinhos, eu não sei. Por que os quatro foram para lá ou se estava cedo para o da Ana, eu não sei. Eu sei que eu estava lá adiante, esperando já o Lana com o carro para a gente treinar. Quando eu entrei no carro... no ônibus, que você entra **no bairro**, você via muito carro, que seria DOI-Codi, muita C14, muito... E eu dizendo: “Hum! Está um movimento estranho”. Eu falei: “Puxa vida! Eu só vou lá porque é com o Lana, mesmo, porque é com o Mateusinho, senão eu não ia nesse ponto, não”. E achei estranho. Sabe quando você acha carregado? Mas se dissesse assim, “Ai! Pegaram os meninos”, não. Aí eu fui para o encontro. É lógico, o Lana não apareceu. Ele consegue fugir – é o único – do cerco. Aí volto para casa e encontro o José Júlio, e digo assim: “Eu tinha um encontro com...”. Ele conhecia, porque era mineiro, também. “[Eu tinha um encontro] com o Mateus e ele não apareceu”. Aí ele falou: “Não, vamos ver. Faz uma coisa, Iara... Você tem alguma coisa amanhã?”. Eu falei: “Não”. Aí ele disse: “Então fica em casa, que eu vou sair e vou ver”. A gente morava na Freguesia do Ó. Tinha que descer uma ladeira e dobrar que era o ônibus. Daqui a dez minutos, ele volta: “Iara, não saia de casa”. Aí eu falei: “Mataram o Iuri”. “Não, Iara, você...” Aí eu falei: “Porra, J.J., para você voltar aqui e me dizer o que você já tinha dito...! Se mataram os meninos, temos que ir é para a rua, recontatar os referências que você tem e que eu tenho. Não adianta eu ficar aqui e chorar e a organização... O resto, aí vão pegar”. Aí descemos nós dois – e eu, puta, puta da vida com o menino, coitado – e fomos para a rua recontatar. Aí que aparece Carlos Eugênio. Nesse meio tempo... Pulei bonito. O Arnaldo tinha se deslocado do Nordeste, tinha passado, e a gente estava numa política assim: o pessoal muito queimado, que já estava aqui há muito tempo, a gente tirar. E estava precisando de alguém, porque lá no Chile estava uma brigalhada de Grupo e Tendência, e mais o Zarattini, estava um auê, mais o MR-8 fazendo congresso. Estava... Então o Arnaldo saíria. Aí eu lembro... E a mulher do irmão da Amparo, do Luiz José, estava grávida e teve uma menininha, chama-se Alina. Então ele ia também, tirando as duas do Brasil, a Alina e a Márcia. Aí o Arnaldo sai. Eu não me lembro se era junho... Não me lembro direito. Mas foi pouco tempo. Ele chega no Chile... Aí tem a morte do Iuri e da Ana e a gente manda um outro colega mineiro, também, lá, o Helber, para... O pessoal diz: “Olha, continua com a tua tarefa no exterior”.

D.P. – E você viu nos jornais? Ou você...? O Iuri.

I.X. – Vi no dia, porque aí estava... O do Iuri saiu no dia seguinte, o Iuri, a Aninha, o Marcos.

A.D. – Com o nome...?

I.X. – Com o nome deles. Quem matava com nome falso, eles não botavam no jornal. Quem eles iam sumir mesmo, não... Eu acho que o Alex só não sumiu mesmo por causa do Gelson, do pai e do Isaac Abramovich. Eu acho que é o único do meu grupo que iria. Aí o Arnaldo... Mandam o menino, o Helber, dizer que ele fique, ele diz que não fica, aí ele retorna para o Brasil. A partir que ele retorna, em **junho** de 1972 – a gente já tinha tido um certo caso –, aí ele fica em São Paulo permanentemente, a gente começa uma relação mais estável. O Arnaldo era de uma família mineira... dez filhos. O pai chama-se João de Deus Rocha e era comunista. A mãe, não, uma senhora católica, dona Annette. Todos os dois estão vivos até agora. Ele deve estar com uns 96, e ela, uns 94. Ela, muito lúcida; ele não. Agora há pouco, [ela] recebeu um prêmio. Ela trabalha num escritório de advocacia vinculado à paróquia, trabalho com menor, e ganhou um prêmio, agora, dia 1º, lá em Brasília. E ele gostava muito de criança – ele tinha ficado um tempo com a filhinha do Luiz. E a gente estava assim: “O que é que faz agora?” Aí eu dizia: “Olha, Arnaldo, eu não quero sair do Brasil mais, porque sair para voltar...” Aí era a discussão. Eu falei: “Não, a gente se retira, vai para um canto, vive, espera, depois vê”. “Espera o quê, Bia?”, porque eu me chamava Bia. “Não.” Vai, não vai; vai, não vai... Carlos Eugênio sai do Brasil e fica aquela discussão, e eu vejo pouco o Crioulo e o Lana, que eram as duas referências minhas, e fico naquela discussão com o Arnaldo. Porque logo em agosto esse rapaz, o J.J., é morto. Estava o Arnaldo e a Suzana lá em casa. É até que o Aloísio⁹ contou a história. Porque o que acontece? Era o último aparelho do comando que tinha. Aí nós enchemos o carro de tudo que [era] possível... Eu lembro que no dia anterior... O José Júlio já estava procurando um lugar para morar. Ele ia morar com uma menina de Goiás, a Valdevez. Morar. Ele já estava procurando um lugar, e eu e Arnaldo íamos sair dali. E ele chegou quase quinze para as dez. E eu

⁹ Provavelmente, refere-se a Aloísio Miranda.

estava pau da vida. Porque, na Freguesia do Ó, são duas pontes para você cruzar. Aí briguei, não sei o quê. Aí, no dia seguinte, eu estava fritando pastel – eu tinha comprado pastel no chinês –, aí deu seis e meia, por aí, eu falei: “Olha, se o J.J. me aprontar hoje, vai ver só, ele não vai comer o pastel”. Aí o Arnaldo virou e disse assim: “Não vai comer mesmo, não. Porque eu chamei a atenção dele. Você tem razão. Você foi muito áspera com ele, mas você estava com razão. São duas pontes, aqui. A não ser por causa de necessidade. Nós vamos esperar mais um pouco, mas pode começar a arrumar”. Aí nós arrumamos. Era um sobrado. E aí, o seguinte, o que é que faz? Vai de novo para hotel? Não vai? Estava eu, Suzana e ele. E os donos da casa moravam no fim da rua. Aí eu passei lá, disse: “Olha, meu pai passou mal, teve um infarto, a casa está fechada, está tudo direitinho, eu devo demorar uma semana, tá?”. “Ah, está bem. E esse aí?” “É meu irmão”, que era o [Arnaldo]. “Ah, vocês são parecidos.” “Está bom.” Aí fomos embora. Aí eu falei... Esse menino que ele falou é um primo deles¹⁰. Agora me fugiu o nome dele. E o Alex uma vez que lembrou: “Lembra do fulaninho? Olha, uma hora de sufoco, se você precisar estar em algum lugar, ele mora em tal lugar, não sei o quê, não sei o quê”. Eu falei: “Ah, está bom”. Tibumba! Eu falei: “Arnaldo, tem esse rapaz, não vejo há muitos anos, mas, pelo menos, para o carro ficar resguardado. Mas ele deve morar com os pais e tudo”. Aí o Arnaldo falou assim: “Então, você vai lá ver, porque eu e a...” Não me lembro o nome que a Suzana levava. “Então a gente vai pegar um ônibus para Santos...”

D.P. – Você estava com Suzana? Não, não é?

I.X. – A Suzana estava no aparelho comigo, no mesmo aparelho. Aí ele falou assim: “Olha, você...”. Ele ficaria rodando de ônibus com a Suzana e eu ficaria com o carro, que estava cheio de arma e munição. Aí eu cheguei lá...

D.P. – Iara, uma perguntinha básica, e o medo, menina, você, com esse carro assim, você tinha ou não? Nem tinha? Porque, a essa altura, uma repressão violenta, você andando com o carro, mas...

¹⁰ Provavelmente, referindo-se à família Miranda.

I.X. – Se tinha! E eu dirigindo mal *pra* burro.

D.P. – Pois é.

I.X. – Mas, nessa hora, era o Arnaldo que estava dirigindo, até chegar lá. Aí eu fui e falei com o... Não lembro o nome dele. Preciso falar com o Carlinhos para lembrar. Falei: “Nós estamos numa situação difícil” – não falei que o carro estava cheio de arma –, “e eu estou mais com uma outra amiga e um outro rapaz”. Aí ele falou: “Não, Iara, você eu abrigo; os outros dois, não”. Eu falei: “Mas como é que eu vou deixar os dois na rua?! Não dá!”. Aí ele falou: “Não. E se minha mãe chegar aqui, ainda posso falar de você e tudo”. Porque não tinha saído meu nome em jornais, nada disso. Aí eu voltei na esquina onde o Arnaldo tinha ficado, falei: “Olha, o garoto é medroso”. Aí ele falou: “Não, então você fica”. E o que eu tirei do carro foi a metralhadora. Aí o Arnaldo falou: “Você tira a metralhadora. Como que é?”. Eu falei: “Não dá para botar na garagem. Mas tem um guardinha, eu já falei que eu estou vindo do Rio e que eu vou precisar dormir e só amanhã que eu vou descarregar a minha bagagem e que eu dou uma gorjeta para ele para ele olhar bem o carro”. Aí ele falou: “Tira a metralhadora porque, se por acaso os caras chegarem ou alguma coisa, você tem uma chance maior de defender”. Aí eu fui. O que ele disse que eu entrei [pela janela], eu não entrei pela janela; eu saí pela janela. Quando o dia amanheceu, aí eu fui embora.

D.P. – Você dormiu com a metralhadora lá...

I.X. – Nem dormimos; ficamos conversando. É lógico. Ia deixar a metralhadora no carro?

D.P. – Mas a metralhadora estava coberta? Estava numa mala?

I.X. – Estava numa sacola.

D.P. – Mas ele sabia o que era?

I.X. – Ele deve ter visto. Eu estava de arma, eu tive que tirar... Eu andava com duas armas. Aí ficamos conversando coisa de infância. De infância não; a gente se conheceu adolescente. Não tocamos em militância. Ele não tocou; eu também não toquei. Aí, quando deu cedo, ele falou: “Não, espera”. Porque eu entrei, não sei se os pais estavam na rua, não me viram. Eu falei: “Não, não, pode deixar, agora já está amanhecendo, está bom, valeu”.

D.P. – E os dois ficaram aonde?

I.X. – É isso que eu estou falando, eles pegaram o ônibus para Santos...

D.P. – Ficaram rodando de ônibus?

I.X. – É. E voltaram. No outro dia de manhã, a gente foi encontrar o Antônio Carlos Bicalho Lana – que tinha sobrevivido à queda do Iuri –, lá em Pinheiros até, com o carro. Aí começa toda a história de remontar de novo o que fazer. E, nesse meio tempo, o Arnaldo, que eu estava falando que tinha dez irmãos, a gente falando... A gente chegou a ir ver umas chácaras – naquela época, era tudo longe – de Campo Limpo. Tinha umas casinhas, e ele dizia: “Ah, acho que aqui está bom para a gente morar. Chegamos a ver. E aí ele começou a querer me convencer a ter um filho.

D.P. – Você estava com documento falso, a essa altura, é claro.

I.X. – Sim. Já há muito tempo. Já entrei com o documento falso.

A.D. – E você tinha conseguido manter contato com seus pais?

I.X. – Não. Depois que eu entrei, quem mantinha um contato era o comando nacional, era o Iuri, e quando o Iuri morreu, foi o Crioulo...

D.P. – Você pode dizer seu nome do documento? Você lembra?

I.X. – Da volta? Não lembro. Era um nome uruguaio. Não lembro, não.

D.P. – Porque você tinha um codinome, que não era o nome do documento.

I.X. – É. Aí ficou essa situação, ele querendo ter um filho, e aí eu dizendo: “Olha, se eu tiver um filho, e se... A gente cair preso é uma coisa; com uma criança...”. Aí ele ficava: “Como é que você pode falar uma coisa **dessas**? A gente recrutou tanto pai de família. Os filhos deles **são melhores**. E o nosso vai ser melhor”. Eu falei: “Não, mas o filho deles não vai ser o filho do Arnaldo”. “Não, mas...” E eu falava: “Eu acho que é uma responsabilidade muito grande”. “Ah, você não quer e quer total.” Quando ele foi morrer, porque ele morreu em março de 1973, eu estava entrando no terceiro mês de gravidez.

D.P. – Vocês estavam morando aonde?

I.X. – Estávamos morando perto do Jabaquara, ali em São Paulo.

D.P. – Então não era nada... A chácara não aconteceu.

I.X. – Não. A chácara era...

D.P. – O sonho.

I.X. – ...o sonho de que fosse.

D.P. – Vocês foram para outro aparelho? Nossa!

I.X. – Fomos. Montamos outro aparelho.

D.P. – A essa altura, quem que tinha, Iara? Quantos? Pouquíssimos.

I.X. – Tinha ele; o Lana; a Suzana; o Ico já estava desaparecido; o Crioulo; aí tinha o Ronaldo Mouth Queiroz, que cai depois; tinha os dois Franciscos, que morrem com o Arnaldo; no Rio, eu não sei se a Sônia já tinha ido embora... O Rio, eu tive pouco

contato. Eu vim umas duas vezes, também, por causa dessa bendita metralhadora, e eu não tive maiores contatos da Aurora, nem do Rogério. Esse povo, eu não convivi; acompanhei só a morte. Bom, a gente passa um período difícil, aí eu faço ele dizer que não, que eu não vou sair...

D.P. – Vocês estavam fazendo ação, ainda?

I.X. – Estávamos. E até a gente brincava muito, eu e o Lana... Porque a gente ficou muito amigo. Dos tempos antigos, eram os que estavam vivos. E aí a gente... Quando ele soube que eu estava grávida – só depois que o Arnaldo morreu –, aí eles me levaram, eu fui morar aonde até ele caiu depois, em São Vicente. Aí o Crioulo já determinou que eu não ia fazer ação, não ia ter contato com mais ninguém, só com ele e com o Lana. Aí fomos morar lá – o Lana era meu irmão, o Crioulo era meu marido –, nessa praiazinha ali de São Vicente, e eu já não... E eles ficaram discutindo se eu ficava, e eu dizia: “Não, foi a palavra do Arnaldo”. “Não, mas o comando não tem condições de garantir a segurança de você grávida.” Aí, o único voto que eu tinha era do Lana. E a gente brincava assim... Às vezes, as pessoas acham estranho. “Não, mas o carrinho de bebê, sabe coisa melhor para esconder uma metralhadora que um carrinho de bebê?” E o Crioulo ficava danado. Ele era mais velho do que a gente, mesmo, aí achava que a gente estava sendo infantil. Mas você tinha, também, que ter um pouco de leveza, porque era um período... Já quase todo mundo morto; a organização, a gente sabia, se esfacelando...

D.P. – A morte do Arnaldo, como é que foi?

I.X. – A morte do Arnaldo foi...

D.P. – Isso a gente está em 1973?

I.X. – É. O Iuri morre e, como eu te falei, ele volta, tem essa reviravolta. Ele, uma semana ou dez dias antes... Eu tive uma gravidez muito difícil. Eu sou ruim de comer, e o dinheiro era sempre curto, então, eu sempre cortava a comida, para comprar jaqueta para os meninos, porque menino, para esconder a arma era mais difícil que a gente, e eu

comia muito mal. Aí eu tive uma ameaça de aborto muito forte. Quando eu fui na médica para confirmar, na hora que ela me tirou sangue, eu desmaiei, quando veio o resultado. Aí a mulher falou: “Você emagreceu?”. “Ah, devo ter emagrecido uns dois quilos.” “E quanto você pesava?” E digo: “Sei lá. Pela roupa”. E aí eu fiquei em repouso.

A.D. – Isso no comecinho?

I.X. – É. Bem no começo, mesmo. Aí o Arnaldo, com o Crioulo... O Crioulo veio do Rio. O Crioulo estava no Rio. Eles saíram para cobrir uns pontos onde era... Com esse Ronaldo Mouth Queiroz, você não deve conhecer...

D.P. – Não.

I.X. – ...que era um menino que era da geologia, do grupo que era do Vannuchi. Quando eles chegam... Ai! Não contei as histórias das perseguições, de infiltração, pulei. Isso vai ter que ficar para uma outra vez. Quando eles chegam no ponto, antes, rodando, eles dizem: “A polícia está aqui”. Aí eles começam a se retirar da área. Quando eles estão se retirando da área, encontram o Ronaldo, e o ponto era do Arnaldo com o Ronaldo. Aí o Arnaldo diz assim: “Porra, cara, o que é isso?!”. “Eu que te pergunto. Os caras estão aí!” Aí diz que dá aquele estressezinho. “Então, tal ponto, não sei o quê.” E o Arnaldo sai, que estava dirigindo, chega em casa, e a gente estava já com essa história de infiltração, não sei o quê. Eu não conhecia o Ronaldo. Aí o Arnaldo disse assim, batendo boca com o Crioulo: “Não, Crioulo, tem que ser...”. Porque antes a gente cismou com um cara que era legal, e depois, agora, com a abertura das coisas, com aquele *A casa da vovó*, a gente veio saber que o cara estava monitorado mesmo. Quando a gente suspeitou, o Arnaldo falou: “Você pega ele, roda, quando você achar que está livre, manda ele estacionar o carro, aí você pega o ônibus, vai não sei aonde e tal hora eu peço vocês em tal lugar”. Aí eu vou encontrar o menino. Eu falei: “Olha, você está sendo seguido”. O Arnaldo é que tinha percebido. Eu tinha conhecido ele antes. Aí ele falou: “Mas todos esses caras são neuróticos”, e dizia que o irmão da Amparo também era, que via perseguição. Aí eu falei: “Está bom. Então, vamos circular”. E aí... Ele não deu o braço a torcer. Era um Fusca azul. Os caras chegaram a rir para a gente. Aí

rodamos, rodamos, rodamos, aí ele falou assim: “Não, eu não vou para a clandestinidade. Vocês estão vendo fantasma”. Eu falei: “Então você vai ser descontatado”. E no [livro] *A casa da vovó* está lá: eles perderam ele, aí a tal da Neuza entra no lugar lá onde ele trabalhava e reconhece ele e voltam a seguir ele. E ele pode ter levado gente no Molipo também, porque ele era ligado. Então a gente estava com essa questão de estar perseguido. Aí o Arnaldo sai. No dia seguinte... A gente não podia ter cachorro – só o Carlos Eugênio que teve –, então, o Arnaldo tinha me dado duas tartaruguinhas, para distrair, porque eu tinha que ficar de repouso. Tinha um pátio em cima, aonde era o banheiro, tinha tipo uma varanda, e era no sol, e eu deixei as bichinhas lá e as bichinhas esturricaram. Aí o Arnaldo falou: “Mas como é que você vai cuidar de menino, se você está deixando...?!”. Eu falei: “Ah, eu esqueci. Elas não são espertas?”. Mas não tinha sombra, realmente. Aí, nesse dia, ele sai, faz alguns pontos... E eu falei... Na esquina da casa, uma antes, tinha uma padaria com aqueles frangos. E aí ele falou: “Olha, não faça nada, não, porque eu vou trazer um frango e eu faço o arroz quando chegar”. Eu falei: “Está bom”. Esse aparelho que a gente alugou tinha telefone, e a gente não desligou. A gente fez uma estrutura para abafar, e era o meio que a gente se comunicava. Porque eu dizia: “Você liga antes, porque, se tiver caído, você não cai”. E ele ligava sempre: “Olha, estou saindo”. Aí ele ligou, disse: “Estou voltando”. Era mais cedo. Aí eu falei assim: “Não esquece do frango”. Aí ele pegou o ônibus... É mineiro, um bicho lerdo. Ele disse que cochilou. Quando ele... Você chegava ali no Itaim Bibi – eu esqueço o nome da rua –, tinha uma curva bem fechada para ônibus fazer, e o... Naquela época, o ônibus abria a porta, para, se tivesse algum problema, não ficar travado, quando você ia cruzar com uma outra. Ele disse que levantou a cabeça, estava já longe de casa, aí ele olhou, tinha o frango, ele falou: “Opa! Vou descer aqui”. Ele pulou do ônibus fora do ponto do ônibus, até. Quando ele soltou, que o ônibus andou e que ele veio na contramão dessa rua, porque aqui era a padaria, veio a primeira rajada. Aí a gente... O ônibus estava sendo seguido, porque ele não estava indo para ponto de ninguém. Como é que os caras vão reconhecer ele, de repente, na rua? Em meio segundo, ele pulou – não era nem parada –, aí ele correu, veio ainda na contramão...

D.P. – Mas como é que você sabe disso?

I.X. – Porque ele sobreviveu. Ele não morreu aí. Eu estou falando antes da morte. Aí ele veio. Nesse cruzamento aqui, tinha uma que era contramão, ele correu para cá, deixou caída a... Eles usavam aquela 007. [Deixou caída a 007], que tinha uma carabine 12 de cano serrado lá dentro e as minhas tartaruguinhas. E embicou aqui, pegou o carro de uma moça, mandando ela sair. Essa moça levou uns quatro ou cinco tiros. Eu acho que eles acharam que era alguém da organização. A moça até, no depoimento... Ela disse assim: “Vou me fingir de morta”. Porque ela disse que toda vez que ela se levantava, davam um tiro. Aí ela falou: “Não, alguém está querendo me matar. Vou fica aqui...”. Tinha uma banca de jornal... Ele tirou ela... Ele conseguiu fugir. Levou só um tiro na perna, que entrou e saiu, sem pegar osso. Aí ele contactou um pessoal... A ALN tinha um médico que tinha sido preso nas quedas de 1969, chamava-se David Hunovitch, lá de São Paulo. Aí esse companheiro levou ele para casa, chamou esse médico, que fez o curativo. Aí ele abriu o telefone. Porque ele disse que, se ele não telefonasse, eu ia sair de casa. Aí, antes de o teto estourar, ligam: “Olha, eu sou amigo do seu marido, o fulano. Olha, ele precisou prolongar, teve um acidente, mas amanhã cedo ele está aí”.

D.P. – Ele abriu o telefone não; ele deu...

I.X. – Deu o telefone. A gente diz abriu porque... Eu falei, eu fiquei com uma vontade de pegar minha bolsa e sair.

D.P. – Ele deu para esse pessoal amigo, para os aliados.

I.X. – Deu para o rapaz, o companheiro ligar e avisar.

D.P. – E avisar que ele tinha caído, que ele estava ferido.

I.X. – Exatamente. Quer dizer, a partir daí, esse militante sabia o telefone aonde encontrar a gente. Pelo telefone, você acha o lugar.

D.P. – Certo. Mas aí você não saiu de casa.

I.X. – Não. Aí eu fiquei. Aí, no outro dia...

D.P. – Preocupadíssima.

I.X. – É. No outro dia, cedinho, ele chegou, capengando. E eu, lá embaixo, esperando, porque era um sobrado. Aí ele contou. Aí eu falei: “Arnaldo, nós estamos bichados, porque você, no ônibus... Se fosse...”. Aí ele falou assim: “Ainda bem que eu dormi, porque eu ia cair... Nós íamos cair... Você ia cair comigo, sem ter... Só tem uma explicação: eles estarem atrás do ônibus”. Aí ficamos mirabolando, não sei o quê. E ele tinha que ficar de repouso. Aí eu saí para segurar os pontos, a alternativa com fulano, com sicrano. Aí comecei... Os meninos que depois morrem com ele, tinha um menino que era bem cuca-fresca, o Francisco. “Ah, eu tenho uma coisa para te contar.” “O que é, Francisco?” “Eu sei que você vai ficar zangada.” “O que você fez?” Ele tinha um carro que era falso, e alugávamos uma garagem, nesse sobrado. Era uma senhorinha. “Eu fui lá e eu achei a... Estava a carabine, e eu resolvi mexer nela.” Eu falei: “Aí ela atirou, não é? Sozinha”. “É.” Eu falei: “Tu foi mexer onde não sabia. Tu saiu com o carro?”. “Não. Porque aí eu fui tomar um café com a dona Fulana. Ela não ouviu, achou que era o escapamento”. Gente! Eu xinguei esse menino tanto! Falei: “É assim que a gente cai! E você não cai, porque os caras te seguem e a gente é que cai! Rapaz, como é que você faz isso?!”. Aí cheguei em casa, falei: “Arnaldo, estamos lascados! Não tem preparo. A gente comete erro, mas esse pessoal mais novo comete mais ainda. Eu sempre falei para o Iuri que não podia [ser] assim, morre, sobe aquele outro para o GTA. Não tem condições. Você tem que amadurecer, você tem que ter experiência”. Aí ele: “Calma! Calma! Calma! As coisas vão se resolver”. Eu falei: “Está bom”. Aí o Crioulo chega do Rio – e ele ainda não está bom, vai nesse encontro, e eu digo: “Crioulo...”. Ele: “Não, eu concordo com você, a gente tem que fazer uma geral”. E isso ele fazendo encontro com o PCBR, bem dizendo que estava tomando todos os cuidados. Aí eles saem. É esse encontro que eles acham que está aberto. Aí volta para casa. Eu falei: “Arnaldo, suspende tudo. Vamos suspender tudo. Vamos deixar” “Não, não podemos deixar o pessoal perdido.” Eu falei: “Então tá”. No dia seguinte, ele vai e diz para o Crioulo: “Não, você não precisa ir, não. Eu vou só”. Aí fico eu e Crioulo na casa. Aí eu falei: “Então você faz o seguinte, você sai de um ponto, você liga; sai do outro... Quais são os horários? Eu desço, sento ali na escada. E qualquer coisa, se eu ouvir... Esse fulano que ligou para cá que eu nem sei... O Crioulo pode saber o nosso telefone,

também”. “Não, está bom.” Aí ele ligou perto das duas, e ainda disse assim: “Eu vou voltar mais cedo”. Só não dizia com quem estava encontrando, não é? Foi a falha nossa. Eu falei: “Está bom. Ah, então está bom”. Aí passa três horas, quatro horas... Eu estava fazendo um tapete de sisal, aí vou no quarto aonde fica o pessoal trancado e levo a televisãozinha, que é aquela bichinha. Eu falei: “Crioulo, vamos ver aqui, não sei o quê”. E ele estava lendo, estudando. Ele me olha meio assim, porque era a novela, era não sei o quê. Eu falei: “Não, vamos ver aqui, esperar o jornal”. Aí ele disse: “Que esperar o jornal?! Ainda falta muito tempo”. Daqui a pouco... Eles botavam: “Edição extraordinária, perepepê, perepepê”. “Três terroristas mortos na Penha”. Aí o Crioulo falou: “Como é que você estava sabendo?”. Eu falei: “Crioulo, a gente tem um telefone aqui, e ele ligou dizendo que ia chegar mais cedo e eu já comecei a suspeitar que algo tinha acontecido”. Aí ele falou assim: “E agora? A gente sai?” Eu falei...

D.P. – Mas deu o nome?

I.X. – Deu os nomes, deu tudo.

D.P. – Deu tudo? O nome verdadeiro dele?

I.X. – Aí eu falei: “Eu não sairia. Agora, você”, cá comigo, “que é o chefe. Porque eu acho...”. Era uma coisa que o Iuri ficava morrendo de raiva. Às vezes, eu entrava no encontro com ele: “Você não checkou, você não passou não sei o quê”. “Mas, Iuri, se tu me entregar, acabou. Para que eu vou ficar por aí?” Aí ele ficava danado. Porque ele dizia: “Não pode confiar nem na sua mãe!”. Aí eu falei para o Crioulo: “Porque, se o Arnaldo entregar, meu filho...”. E não disse ainda que estava grávida. Aí ele falou assim: “É...”.

D.P. – Arnaldo sabia, é claro, que você estava grávida, é óbvio. Já tinha dado a tartaruginha.

I.X. – Aí ele falou assim: “É, mas vão chamar a gente de irresponsável. Vamos fazer o seguinte, nós vamos lá para a casa onde o Arnaldo esteve quando foi ferido”, que era um operário, não sei o quê. Eu falei: “Está bom. Então não precisamos levar muita

coisa, porque a gente volta”. “Não, aí eu vou discutir, discutir lá no Rio”, porque aí estava o Rogério, o Antônio Carlos Bicalho Lana. Eu falei: “Está bom”. Aí fomos para a casa desse operário lá, onde o Arnaldo tinha estado. O cara chorava feito criança, sabe? Ficamos lá, dormimos... Aí, no dia seguinte, para onde que eu fui? Estou querendo lembrar. Eu sei que fiquei eu e Suzana, e o Crioulo foi para o Rio, e a ordem era: esperar...

D.P. – Suzana estava lá com você, na hora que **você viu** na televisão?

I.X. – Não. Estava o Crioulo só. Eu sei que aí eu entro em contato com a Suzana. Eu estou querendo lembrar para onde que eu fui. E a ordem era o seguinte: “Espere o Lana ou eu voltar do Rio. Não entre no aparelho”. Do lado, morava um japonês que fazia o negócio de acupuntura, e a gente passava de ônibus, eu e Suzana. E começou a demorar. E você não tinha contato, não é? Um dia, eu falei: “Suzana, vamos fazer o seguinte, vamos lá”. Tinha um bar na esquina... O Arnaldo gostava de cerveja; eu não bebia. Ele chegava, às vezes, mandava eu ficar na janela olhando ele tomar a cerveja daqui, porque ele só ia tomar uma. Aí eu falei: “Fica ali que eu vou andar e vou ver...”. E o japonês pouco saía na rua e pouco abria a janela, igual a gente. Eu falei: “Vou ver se o japonês dá notícia”. Que nada! Eu fui, enfiei a chave na porta, entrei, abri a janela e falei assim: “Ó...”. Aí ela: “Eu sabia que você ia entrar!” Eu falei: “Mas, meu bem, se tivesse caído por A ou B, para que morrer as duas? Morre uma só”. Ela não gosta dessa minha fala.

A.D. – E ela sabia que você estava grávida já?

I.X. – Não. Ela não soube, não. Só soube depois. Aí entramos para o aparelho e ficamos lá. Aí chega o Crioulo com o Lana. E o Lana ria. “Mas você não...” Agora eu estou querendo lembrar onde que nós ficamos. *Tai*, não consigo lembrar. Aí esvaziamos esse aparelho. Aí eu fui para São Vicente. Ficamos um tempo em São Paulo, ainda. Era engraçado, porque aí o Crioulo... A gente estava numa dureza do cão. Aí o Crioulo me dava o dinheiro maior, que era para eu poder comer, para não perder o bebê. Aí eu ia com a Suzana... A gente comeu tanto filé à cubana! Porque vinha muita coisa, e dividia. A Suzana, depois: “Eu estava comendo a comida do Arnaldinho!”. Eu falava: “Vamos almoçar ali?”. Aí a gente pedia e dividia por dois, que o dinheiro dava para pagar. Aí o

Crioulo, muito preocupado... Quer dizer, eu acho que pesou toda a relação afetiva, porque ele veio a me conhecer em 1965. Depois do golpe, quando entra de novo a fase mais neutra, ele chega de Moscou – porque ele tinha ido fazer o curso de política – e já se engaja com a ALN. Então, em 1965 e 1966, o Crioulo começa a frequentar lá em casa. Aí eles me levam, a gente aluga esse aparelho, esse apartamento de temporada em São Vicente. Aí levam... eu acho que menos de 15 dias. E ele dizendo: “Não, você tem que sair. Você vai sair”. Aí o que ele articulou? Tinha um companheiro aqui em Goiás – chama-se Fausto Jaime –, ele era estudante de medicina e era um quadro legal. Então ele esperou contatar esse cara, para que esse cara me acompanhasse no cruzamento das fronteiras. E no período... Enquanto estava esperando, depois do negócio de São Vicente, eu fiquei na casa do Wilson Silva e Ana Rosa Kucinski. Eles tinham uma cachorrinha. Eu lembro até hoje, ela me deu um casaco de lã, porque eu não tinha...

D.P. – Isso, com quantos meses você estava, Iara, nessa altura? A gravidez estava indo bem?

I.X. – Depois da ameaça de aborto, aí parece que o menino não quis sair mais. Isso foi... Eu saí daqui em junho [de 1973]. Arnaldo morreu em março, eu estava com três [meses de gravidez]. Abril, maio... É, uns seis meses. Chego no Chile antes dos sete meses. Eu, com esse casaco da Ana Rosa, ninguém dizia que eu estava grávida. Eu era muito magra. Só na hora que eu tirava o casaco...

D.P. – E você, com aquele documento falso? Ou estava com outro?

I.X. – Não, com outro já.

D.P. – Não era mais com aquela coisa do Uruguai; era brasileiro, mesmo.

I.X. – Aí já era brasileiro. Aí eu saio com o Fausto, fico esse período, aí o Crioulo manda eu marcar ponto alternativo com a Ana e com o Wilson e com esse menino, o Fausto. Esse menino, como ele morava... Ele estudava em Brasília. O Crioulo manda ele dar a referência dele. Porque, por exemplo, da Ana Rosa e [do Wilson], eu não sabia o nome. Vim saber que eram eles depois que eu voltei ao Brasil. E o Fausto, não.

“Qualquer coisa, você precisando, venha no Brasil, vai bater lá assim, assim, assim.” Aí eu saí do Brasil, justo quando estava tendo... Esqueço o nome. Foi o Tanquetazo, na Argentina, ali, porque estava tendo um ensaio de golpe militar, em 1973, que começaram a fechar aeroporto, não sei o quê. Aí eu falei: “Fausto, fica longe que eu vou fazer uma encenação aqui de grávida”. Porque aí não queriam deixar embarcar. Eu falei: “Aí! Mas, olha, eu estou grávida! Meu marido...”. Aí um tenentezinho falou: “Está bom, está bom, embarca”. Porque queriam o documento médico de quantas semanas eu estava. Aí eu fui, já descí... Aí o Fausto nem foi até o Chile. Aí eu falei: “Não, vamos economizar dinheiro. Daqui, você volta”. Aí eu cheguei no Chile.

A.D. – Perto do golpe já, não é?

D.P. – Nossa! Você chegou pertíssimo.

I.X. – Eu cheguei perto, não é? Aí o que era? Era a situação... Teoricamente, não era para eu ir para Cuba. Ninguém sabia que o Carlos Eugênio tinha ido para Cuba, aqui no Brasil. Tinha ido a menina que era companheira do Lana, a Moema, que não voltou no final. A organização aqui ficou... Com o golpe, perdeu o contato. Porque quem deveria ter mantido não manteve. O Crioulo morre.

D.P. – Quando é que ele morre?

I.X. – Em julho de 1973. O Crioulo morre. A referência do... O contato do Crioulo, da organização com minha mãe no exterior era uma menina que é desaparecida – ela desaparece na última leva, em 1974 –, que se chama Ieda Santos Delgado, que se formou lá em Brasília até, mas trabalhava aqui, no Ministério de Minas. E eu só soube, só reconheci porque minha mãe guardou o envelope, lá fora. Eu falei: “Ieda?!” Ninguém sabe como [ela] caiu; é um mistério. Ela é a última leva, junto com a Ana Rosa e o Wilson, da organização. Aí eu chego lá, começa aquela pressão: Carlos Eugênio a pressionar, o cubano...

D.P. – Carlos Eugênio pressionava para quê?

I.X. – Para ir para Cuba. Em tese, pelo menos, era o que o cubano dizia. E eu não querendo ir. Aí esse cubano, que tinha lidado comigo nos idos de 1969 e conhecia tudo, [conhecia] o Alex... Ele, quando me viu, chorava, lembrando dos meninos que morreram. Ele praticamente me... Ele tinha certeza do golpe. Ele fez duas coisas. Uma, eu não cumpri. Ele virou e disse assim: “Já avisou à Velha?”. Eu falei: “Não. O risco é grande. Eu vim para voltar. Eu não confio muito nessas comunicações e lá ela está legal – no *Corriere della Sera*, dando depoimento”. Aí ele falou: “Não, deixa então aqui comigo que eu mando o aviso”. Eu falei: “Não. Quando eu chegar em Cuba, aí, pelos canais da embaixada, ela vai ser avisada e ela decide se quer ir para Cuba ou não. Porque meu filho fica em Cuba”. Aí ele insistiu para que eu fizesse o comunicado. “Não.” Então, numa última semana, ele falou: “Iara, ou você embarca agora ou nenhum comandante mais vai deixar você entrar no avião. E aqui vai ter a reviravolta. E o que a gente faz? Você grávida, ou recém... o risco...”. Eu falei: “Então está bom”. Aí eu saí. Não me lembro direito a data. Saí em agosto. Isso era em meados. Eu não lembro. O Fayal não deve lembrar, também. Foi o Fayal que me levou no aeroporto. Aí cheguei lá, estava um clima horroroso na casa, porque já estava a história de discutir a validade de ter saído do partido ou não, do Carlos Eugênio. Aí, comunica minha mãe, não sei o quê, aí veio o golpe no Chile, a gente perde todos os contatos com a organização – fulano foi para a embaixada tal; fulano... Cada um num lado. Aí Carlos Eugênio disse assim: “Eu vou sair, vou recontatar a organização”. Aí eu falei: “Então eu vou junto”. Eles tinham escolhido a Isaura Coqueiro, que eu nem conhecia, depois foram me dizer – ela tinha duas meninhas – que ela ficaria com o Arnaldinho. Aí ele falou: “Não...”.

D.P. – Arnaldinho nasceu...?

I.X. – Em 5 de setembro [de 1973], em Cuba.

D.P. – Nossa! Você viajou nas bocas!

I.X. – Na boca.

D.P. – Gente! Na hora do embarque, não teve nenhum problema?

I.X. – Não. Não teve, não.

D.P. – Ninguém perguntou de atestado, não?

I.X. – Não, nada. Entrei, fui, e o casaco em cima... Não teve. Aquelas coisas...

D.P. – Foi Santiago-Cuba?

I.X. – Foi. Ou parava em algum lugar, Dulce. Eu não sei dizer. Porque teve uma época que parava, mas é que eu entrei e saí de Cuba tantas vezes que agora, de Santiago, eu não lembro. Só foi essa vez. Aí a gente discute a saída. Isso já tinha passado setembro, devia ser outubro ou novembro. Aí Carlos Eugênio diz: “Não...”. Eu falei... “Porque a Conceição”, que era uma de Minas, “é que vai”. Eu falei: “Escuta, a Conceição chegar no Brasil, primeiro, que vai pirar. Eu, quando cheguei lá em 1971, quase surtei, com a diferença. A menina foi presa em 1969, de Minas. Depois, ela não conhece ninguém. Ninguém, hoje em dia, que esteja lá vivo e fora de cadeia conhece ela. Pode conhecer a história. E se conhecer.” “Mas só tem um passaporte hábil para mulher. Então vamos fazer o seguinte, nós vamos e aí eu mando o passaporte de volta, aí você vai.” Nessa hora, eu disse assim: “Isso é história de boi dormir”. Não sabia o que ele estava planejando, não, mas já tínhamos feito reunião, aí tínhamos feito uma maior – era até o Pacheco quem liderava as reuniões –, que foi precipitado, e não sei o quê da autocrítica e não sei o quê. Aí eu disse... Eu sou muito boca suja, eu disse uma meia dúzia de palavrões logo, falei: “Quem quer fazer a autocrítica que faça, mas não atrapalhe a vida de quem não quer fazer”. Eu não dimensionei o que Carlos Eugênio ia fazer. Realmente, não dimensionei. Ele sai de lá, ele vai a Moscou, fecha o acordo com Prestes, e de lá ele chega... Minha mãe estava na Europa, na Itália, ela já estava sem notícias minhas desde julho – porque aí o Crioulo tinha morrido; eu acho que o Lana não tinha o contato –, aí eu fiz uma cartinha, botei uma fotinho, “você tem um neto” – ela detestava Cuba –, mas que o menino ia ser criado aqui, para isso que eu tinha tido um filho.

D.P. – Ia ser criado lá.

I.X. – Lá em Cuba. Aí Carlos Eugênio ficou...

D.P. – Ela detestava Cuba, sua mãe?

I.X. – Ah! Por causa das posições dos cubanos. Ela não aceitava de jeito nenhum eles quererem mandar na gente, se imiscuir. Isso aí ela nunca aceitou, de fazer chantagem, jogo. Ela militou muitos anos, para conhecer todas as...

D.P. – As manhas.

I.X. – ...todas as manhas. E eu, com todo esse problema, eu acho que o único lugar que eu queria ter o menino era lá. E aí ele levou a carta. E aí é uma coisa que eu não desculpo, não perdoo, não esqueço até hoje: ele passa pela Itália, e como ele sabe que minha mãe muito menos ia fazer volta ao Partidão, ele contata as pessoas fora. Ele sequer pegou a carta e botou no correio. De lá ele vai para Paris. Minha mãe começa a ficar enlouquecida...

D.P. – Ele não deu a carta para a sua mãe?

I.X. – Não. Nem botou em correio, nada.

D.P. – Ele encontrou com ela? Não encontrou.

I.X. – Não. Ele fugiu dela, porque sabia que ia dar posição.

D.P. – Sabia que [inaudível].

I.X. – Mas, pelo menos, botasse no correio, não é? Não pôs. Aí minha mãe começou... Até Hélio Bicudo entrou na... Ela ia muito num correspondente do *Jornal do Brasil* – me fugiu o nome dele. Ela frequentava muito a casa dele. Aí ela pediu... O Hélio Bicudo foi lá para fazer alguma coisa, em Roma, aí ela deu os dados e não sei o quê. Um tempo depois, chegou a resposta do Bicudo, dizendo: “Não. Não consta que tenha sido capturada. Mas isso não quer dizer que não tenha”, dentro do circuito dele. Aí foi Chico... Ela começou a ficar doida, porque sumiu, não é?

D.P. – Qual Chico?

I.X. – Chico Buarque, que estava lá. Para ver se conhecia. Ela apelou para Deus, o mundo e giramundo. Ficou muito abalada. Foi uma hora que ela entrou em colapso nervoso. E ela ia na embaixada e o cara dizia assim: “Não, fica tranquila, ela está boa, está tudo bem com ela”. Aí ela dizia: “Ela está em Cuba?”. E o cara dizia: “Não. Mas ela está bem”. Aí disse que lá, numa tantas vezes, ela disse que deu um soco na mesa, espalhou os papéis, disse assim: “Você tem bola de cristal? Ou você está mentindo para mim ou você tem uma bola de cristal”. Dois dias depois, eles mandaram chamar ela, e aí disseram que eu estava em Cuba. Nossa! Minha mãe me crucificou, por causa disso. Porque, para ela, eu fui a culpada. Por mais que eu dissesse... De Cuba não sai carta. Não saía, naquela época. Se eu tivesse suposto que Carlos Eugênio ia fazer o que fez... Eu não conseguiria botar uma carta. Aí, para você ver, ela foi chegar já em agosto, quando Arnaldinho ia fazer um ano.

D.P. – Aí ela vem para Cuba, para...

I.X. – Vai.

D.P. – ...para conhecer o neto, para te encontrar.

I.X. – Ela e meu pai. Então eles vão ver Arnaldinho já quando Arnaldinho está fazendo um ano.

D.P. – Aí você fica em Cuba até quando, Iara?

I.X. – Bom, aí eu opto por ficar em Cuba. Minha mãe quer sair, eu digo: “Não. Eu lutei por algo que era parecido com isso. Não vou dizer que era igual, mas nós queríamos algo assim. Eu quero meu filho aqui”. Aí ela sai, volta para a Europa, e eu fico lá. Aí minha sogra vai. Por uma família também que estava saindo de lá, que era de Minas, eu mandei um recado para os meus sogros, que não sabiam também de nada. Aí minha sogra vai, via Peru, lá, em 1974... em 1974 ou 1975, conhecer Arnaldinho, e aí pergunta

se quer que eu veja a situação. Eu falei: “Eu tenho tias, mas são de origem muito humilde, não podem pagar advogado, essas coisas”. “Não, nós vamos acompanhar.” E aí começou a chegar cartas, via Peru, uma coisa assim. Eu mandava algumas. Aí, quando chega 1978, começa...

D.P. – Só um minutinho. Lá em Cuba, você fazia o quê? Você tomava conta do Arnaldinho, e você trabalhava em algum lugar?

I.X. – Eu fui fazer o curso, quando... Nós ficamos clandestinos ainda um ano, até meados de 1974.

D.P. – Em Cuba?

I.X. – É. Carlos Eugênio fez essa saída, a gente ficou esperando – eu; Carlinhos... Tinha uma meia dúzia que estava na história do Partidão, mas tinham uns que não estavam, mas tanto eles quanto nós ficamos esperando uma posição do senhor Carlos Eugênio. Até que, quando veio meados de 1974, os cubanos falaram: “Olha, teve mais uma... a notícia que mataram os últimos comandos lá. Acho que vocês devem pensar o que fazer”. Não deu notícia de Carlos Eugênio, não. Aí eu fiquei... “O que você quer, Iara?” Eu falei: “Então vou estudar e cuidar do meu filho, me preparar para quando voltar”. Aí disseram: “Não, vamos pôr...”. Eu falei: “Não, com nome falso, eu não quero. Eu quero estudar com o meu nome”. Aí já foi a primeira briga. “Não, mas aí depois você volta.” Eu falei: “Meu filho, mais aberto que eu estou em Cuba? Não. Eu quero estudar”. E como eu não tinha terminado o científico... Eles falaram: “Você quer ir? Quer fazer o quê? Economia? Vai para a faculdade?”. Eu falei: “Não. Eu quero fazer um ano...”. Tipo um supletivo. Lá tinha outro nome. “Porque eu parei de estudar em 1968, final de 1968, eu quero reciclar e ver se eu tenho condições de entrar na faculdade.” Aí, lá, eu cursei economia. E lá é estudo e trabalho. Nesse período, as colônias Angola e Moçambique se libertam, e aí eu vou fazer o negócio de tradução. Porque tinha muitos textos sobre o MPLA. Aí eu fico trabalhando, na metade do período, na revista da Faculdade de Economia. Aí a gente muda – porque a gente vivia em casas do Sistema de Inteligência Cubano –, aí eu vou morar em Alamar com o Arnaldinho...

D.P. – Arnaldinho, em creches?

I.X. – Em creche. Era a coisa mais linda, quando ele chegava e dizia assim: “*Seremos como el Che!*”. E ele era muito gaiato.

A.D. – Você tem fotos dessa época?

I.X. – Muito pouco. Foto, naquela época, era difícil.

D.P. – Já era difícil do ponto de vista tecnológico. Mesmo quem tinha... Agora, para a gente, era...

I.X. – E lá, mais ainda. Mas meu pai – porque meu pai ficou –, ele fez amizade com uma diplomata do México.

D.P. – Seu pai e sua mãe continuavam casados?

I.X. – Não. Já tinham separado fazia tempo.

D.P. – Nessa época.

I.X. – Essa... Esqueci agora o nome dela. Era diplomata, e meu pai fez amizade... Porque eu disse que meu pai era muito habilidoso. E, lá, ele foi trabalhar com restauração de molduras. E ele era criativo. E aí... Comeu aquelas molduras antigas, como é que você faz? Entalhar em madeira para sair igual, difícilimo. Aí ele inventou uma mistura de gesso, pó de serragem, cola, não sei o quê. E um dia ele pegou uma bem grande e restaurou toda, pintou, passou... Aí levou para o chefe e disse assim: “Diga aí onde é que estava quebrado”. Ele trabalhou muito tempo lá no Museu de Artes, restaurando peças. Aí ele fez amizade com uns cubanos muito interessantes.

D.P. – Mas esse período do Arnaldinho, ele estava lá?

I.X. – Estava. Ele vai com minha mãe em 1974, para Cuba. Até lá, eles estavam na Itália.

D.P. – E ele fica lá, então, em Cuba.

I.X. – Ele fica.

D.P. – Sua mãe vai embora e ele fica.

I.X. – Aí minha mãe, quando cansa... Já é 1977, quando ela sai, ou final de 1976.

D.P. – Ah! Então você ficou três anos com seus pais lá.

I.X. – É. Morávamos juntos.

D.P. – E eles, tipo avós do Arnaldinho, tomando conta?

I.X. – É. Aí tem umas fotos. Como eu ia te dizer, aí ele fez amizade com... Fugiu o nome dela de novo. Aí ela arrumou uma máquina, até tipo Polaroid, aí tem umas fotos de aniversário de Arnaldinho. Lá tinha um parque que se chamava Parque Lenin, e uma vez, até, a filha do Coqueiro, que era a menor, eu dei para ela... Tem a foto... Nós fomos passar o dia, a Isaura, que ficaria com ele, e as crianças. Aí, um belo ano, que eu não me lembro quando...

D.P. – Vocês moravam juntos?

I.X. – Morávamos.

D.P. – Seu pai, sua mãe, você e Arnaldinho?

I.X. – Um belo dia, um dos filhos do Prestes, o que se chama Luís Carlos... Não sei, dos dez, na escadinha, onde ele está.

D.P. – É um dos mais velhos.

I.X. – Não tanto.

D.P. – Não?

I.X. – Eu acho.

D.P. – É bem mais velho que [inaudível]

I.X. – Ele veio de Moscou... Eu não sei se ele trouxe alguma coisa para mim. Não sei como ele baixou. E ele mexe até hoje com cinema.

D.P. – Com cinema.

I.X. – Aí ele estava com máquina, líquido, e a gente comentando esse negócio de foto, ele deu para a gente todo o equipamento, até para revelar e tudo.

D.P. – Ah! Então vocês tiraram as...

I.X. – É, tem algumas fotos desse período. Nesse tempo, eu conheço um chileno que estava lá, que era do Partido Socialista, não era do MIR, e começamos a viver juntos e tivemos uma menininha, que é essa... Porque o Arnaldinho faleceu em 1994. Que é a Ana Maria. Tive essa garotinha. E aí, quando chega o negócio de abertura, meus sogros...

A.D. – Vocês recebiam notícia do Movimento pela Anistia?

I.X. – Recebia. Tinha jornais. Mas, nessa época, ainda não estava forte o Movimento de Anistia, não, em 1977 e... Não era assim, de sair em jornais, ainda, não. Aí meus sogros dizem assim: “Ah, Iara...” Minha mãe estava fora. “Por que você não vai, que é mais fácil? Arnaldinho já está alfabetizando; está a abertura. Qualquer coisa, a gente busca Arnaldinho e depois você vem.” Aí eu pensei, pensei e falei: “Ah, então tá”. “Porque de

Cuba vai ser mais difícil. Os que ficarem em Cuba vão ser os últimos.” Eu falei: “Então está bom”. Aí eu saí. Em maio de 1978, eu saí de Cuba, via Lisboa. Aí, lá...

D.P. – Você e Arnaldinho?

I.X. – Eu, Arnaldinho e Aninha. Aí, lá...

D.P. – Você já tinha se separado do...?

I.X. – Não. Ele ficou, não quis vir. Porque o trato que a gente falava era o seguinte: “O país que abrir primeiro, a gente vai. Se for o Chile, bem; se for o Brasil...”. Só que ele não quis vir para o Brasil, não.

A.D. – E Arnaldinho quis, topou vir numa boa?

I.X. – Arnaldinho era pequenininho.

A.D. – Não tinha...

I.X. – Ele nasceu em 1973, estava com quatro anos. Aí nós fomos via Lisboa, e lá encontramos o Domingos; essa Moema; estava também a Bete Chachamovitz e, que foi um dos últimos...

D.P. – Domingos estava com Tânia? Ou eles já tinham...?

I.X. – Não. Ele estava com a Moema já. A fila anda. [riso] E aí estava a Bete, com um menino que é conhecido como Rogério, que foi um dos últimos a sair do Brasil, também, Aí o Domingos arruma um documento para mim e as crianças, aí eu entro em Milão. Porque aí minha mãe já não tinha a base em Roma; ela tinha em Milão. E, lá, ela tinha uma ligação tanto com o pessoal do Partido Comunista Italiano, que já era da outra vez – até eu fiz reunião com a Juventude –, mas tinha, também, com o pessoal da Brigada, que eram jovens que apoiavam ela. Aí nós ficamos lá... E o pessoal que estava em Paris, tinha um do grupo do Molipo, que era um do Ceará, que não voltou ao Brasil,

que era conhecido da gente, ele gostava muito do Arnaldinho... Porque ele tinha deixado a mulher e um filho no Brasil, que só foi ver dez anos depois. E ele adorava Arnaldinho. E ele estava em Paris. E em Paris... Por exemplo, quando eu saí e fui para lá, minha mãe tinha visto, a Cruz Vermelha ia me dar uma bolsa de oitocentos ou mil dólares para eu terminar o curso, como refugiada e tal. Só que, quando eu cheguei lá, a Itália não tinha acordo educacional com Cuba, então, não reconhecia. Eu não tinha diploma de científico, não tinha segundo grau, naquela época, do Brasil.

D.P. – Tudo seu era em Cuba, não é?

I.X. – Aí perdi o que daria para nos manter tranquilos. Aí esse companheiro, o Sílvio, ele estava em Paris. Em Paris, o pessoal... Tinha muito exilado, de todo tipo: de luta armada, de partido, de simpatizante, de todo tipo. Eles tinham conseguido, se eu não me engano... Eu não me lembro qual era a empresa. Naquele tempo, estava o começo do começo do negócio de informática. Era uma coisa para poucos iniciados, e esse menino veio passar um final de semana e falou assim: “Iara...”. E a gente, numa situação difícilíssima de sobrevivência. Porque uma coisa era o pessoal ser solidário e sustentar minha mãe; outra coisa era sustentar mais três bocas. E eu me sentia mal. Trabalhava lá na lojinha que o pessoal tinha, passando roupa e tudo, porque eles compravam roupa nos Estados Unidos... Lá, usa muito o negócio de brechó. Aí ele veio e arrumou, lá em Paris... Eu ia fazer quatro meses ou seis de francês, ganhando lá não sei o quê, e depois... Era um negócio da área de...

D.P. – Informática.

I.X. – Não sei se eu ia dar conta, porque eu era economista. Teoricamente, acharam que eu entendia de matemática, de logaritmo, sei lá. Aí eu falei: “Ah, eu vou”. Aí eu falei: “Não, eu vou pedir para a Annette vir buscar o Arnaldo”, porque ele tinha saído do espanhol, aí foi ser alfabetizado em italiano, e eu com dois meninos. Aí eu falei: “Se eu ficar um ano...”. Naquela época, eu dominava o italiano *male e male*. Eu falei: “Se, lá, eu dominar mesmo o francês, eu chego no Brasil e trabalho como secretária bilíngue tranquilamente, em qualquer lugar, e posso aperfeiçoar o italiano”. Aí eu falei: “Ah, vamos fazer isso”. E aí ele arrumou a creche para a Aninha. Ele era porteiro, ele

trabalhava à noite, aí ele falou: “Não, pode deixar, eu levo ela e busco, é o tempo de você chegar, e aí eu vou para o trabalho”.

D.P. – Isso o...?

I.X. – O Sílvio, o brasileiro que estava lá que era do meu grupo de treinamento. Aí, estava tudo certo, minha mãe não gostou. Porque ela não gostava de Paris, não queria. Eu falei: “Mas, Zilda, aqui não tem condição. O negócio da Cruz Vermelha não deu. E agora, eu vou viver de que? Quando eu chegar no Brasil...”. “Ah, o Brasil?!”

D.P. – Você já estava com a perspectiva da anistia?

I.X. – Já.

D.P. – Aí já.

I.X. – Ou anistia, ou volta de abertura, alguma coisa.

D.P. – Ou seja, você voltar.

I.X. – Aí eu falei: “Olha, nós não temos nada. O que nós tínhamos, a polícia levou. Meu pai não vai retomar um trabalho assim; você nunca trabalhou; como é que vai ser? Eu vou ficar nas costas dos pais do Arnaldo? Não dá. Eu não sou para isso. Eu quero ter um mínimo de qualificação”. Aí ela ficou bem aborrecida. Aí veio 26 de abril – a data marca porque é o aniversário da Aninha –, a gente fez um bolinho e tal, aí de noite toca o telefone, é o meu sogro. Eu pensando que eles estavam ligando para dar o parabéns da garotinha. “Olha, Iara, temos uma boa notícia.” Ah! Nesse meio tempo, vinha o feriado de 1º de maio, aí eu falei: “Então vou fazer a viagem, a mudança nesse período, porque é feriado...”. Aí eu peguei e comprei as passagens para ir para... Milão-Paris. Eu acho que era [para o dia] 31 [de abril]. Eu sei que em 1º de maio eu estaria em Paris. Ele me liga no dia 26 de abril, para dizer: “Iara, seu último processo **de revel**, você foi absolvida, transitou em julgado, sua advogada diz que você pode voltar”. Aí eu falei assim: “João, como está a situação aí? Porque eu poder voltar é tranquilo, mas você tem

que levar em conta que o seu neto é filho do Arnaldo”. Quando eu falei que ele foi ferido, caiu a maleta, uma carabine 12, essa carabine foi usada no justicamento do policial Octávio, do Otavinho, aqui no Rio – então, para eles, ficou que o Arnaldo tinha participado –, que era o braço direito do Fleury. Então eu tinha muito receio. Arnaldo tinha saído de sete cercos, tinha... Aí eu falei: “Olha...”. “Não, a advogada disse que tudo bem, que...”

D.P. – Quem era sua advogada?

I.X. – Era a Eny. Eles tinham ido lá no escritório. Aí a minha cunhada que era a mais velha, a irmã mais velha do Arnaldo, a Maria Luiza, foi a Brasília, foi no... Era o Falcão. “Não, tudo bem, pode.” Aí eu: “*Tá*. Vou pensar, conversar”. Aí fui falar com a minha mãe. Eu falei: “Olha, eu não confio nessa abertura assim, não. Se a gente fosse militante, Partido Comunista, tudo bem, mas nós temos ações, mortes que eles reputam, certo ou não, e principalmente por causa do Arnaldo”. Aí minha mãe desancou [**inaudível**]: que o Brasil era o Brasil, que aqui ia ser a Terra Prometida, e que eu estava vacilando, e que não sei o quê, que eu era covarde. E aí desancou em cima de mim. E eu falando: “Não, calma, não é assim, tem duas crianças que dependem de mim”. Aí ela falou, falou, falou... Levou uns três dias... Aí tinha uma companheira lá que dava um apoio muito bom. Não era militante. E ela falou assim: “Não, Iara, eu acho que dá para você voltar. Vamos ver um teste: vamos fazer o negócio do passaporte. Se eles fizerem...”. Porque os dois não tinham certidão. “Se derem a certidão brasileira dos meninos e o teu passaporte, eu acho que você pode voltar tranquila.” Aí eu fui, em Milão, no consulado brasileiro, com uma italiana que era a testemunha, e declaramos... Eu coloquei Arnaldinho como nascido em São Paulo. A Ana Maria é que não dava jeito. Porque eu falei: “Se eu boto ele [nascido] em Havana, tem o problema de serviço militar”. Eu ficava pensando nos problemas futuros. Eu falei: “A Ana é mulher, não vai ter maiores problemas”. E não tinha como... Eu teria que fazer a invenção de uma história muito pouco factível. Arnaldo, não, podia ter nascido tranquilo no Brasil e tudo. Aí eles fizeram, deram os passaportes provisórios, e aí eu desisti de Paris. E eu cheguei aqui, eu acho que era dia 22 de maio. Até nem sei. Eu vou até olhar se é o dia...

D.P. – De 1978?

I.X. – De 1979. Em 1978, eu chego na Itália, eu saio de Cuba. É gozado. Eu vou ver até...

D.P. – Sem anistia, ainda.

I.X. – É. Eu não tive essa anistia.

A.D. – Chegou no Rio ou em São Paulo?

I.X. – Cheguei no Rio. Eu estou querendo lembrar... É gozado. Se for 22, é o dia da morte da minha mãe.

D.P. – Zilda veio com você?

I.X. – Não. Ela só veio com a anistia. Os processos deles...

D.P. – E ela concordou que você viesse?

I.X. – Não. Ela exigiu. [riso]

A.D. – Quantos...? Você mencionou, e foi um tema que a gente não conversou sobre. Você respondeu a quantos processos à revelia?

I.X. – Ah, querida, só olhando!

D.P. – **Muitos.**

I.X. – Não, não tem tantos, não, porque a maioria do pessoal que militou comigo não falou. Poucos falaram. E eu fui citada. Esse Pereira mesmo é um que falou de mim, tem processo. Mas eu acho que eu devo ter tido uns três ou quatro. Não tive muito, não. Nesse ponto, não tive, não. Eu chego em maio... E até eu vou olhar...

D.P. – E você foi absolvida dos processos?

I.X. – Fui. Não tinha prova de nada. Do que eu tinha feito, eles não tinham prova. Eu chego em maio. E aí aconteceu uma coisa *sui generis*, que hoje em dia é normal: a gente desceria no Santos Dumont, por que eu não sei... Ou era Galeão? Agora eu não sei. Sei que, quando a gente está chegando, o comandante diz assim: “Estamos com um problema de visibilidade, o avião vai ser desviado para Campinas”. E eu fiquei bem na frente. Era Varig. A aeromoça arrumou o bercinho para a Ana. Eu falei: “[Problema de] visibilidade no Rio de Janeiro?! E vai para Campinas?!”, que era o lugar que tinha problema de tempo. Eu falei: “Ixe!”. Mas tinha. Nós chegamos em Campinas – todo voo que viria para cá foi desviado –, não tinha uma água – porque era um aeroporto pequeno, nessa época –, um pedaço de pão. No avião, também não tinha mais. Você com dois meninos berrando, gritando. E eu só sosseguei quando eu vi que tinha muita gente, porque eu falei: “Ih! Essa história está mal contada. Agora vamos ver”. Aí eu falei: “Não, teve mesmo”. Nós chegamos com mais de quatro horas de atraso. Aí o que eles fizeram? Eles começaram a lotar aviões pequenos, menores, não os internacionais, para trazer, e eu fui uma das primeiras, porque tinha criança. E aí, quando nós descemos, o que aconteceu?

D.P. – Não tinha ninguém conhecido seu no avião? Só você e os dois meninos?

I.X. – Só. Eles iam, nessa época, apanhar a gente dentro do avião. Só que eles não sabiam qual era, porque chegavam vários. Aí não teve lista, entendeu? O pessoal botou a fila: prioridade, quem tem criança e idoso. Eles não...

D.P. – Os pais do Arnaldo estavam no aeroporto te esperando?

I.X. – Estavam. Aí estava o pessoal do CBA, o Serginho Ferreira estava, e estava a Eny e o Eudes, aquele que era do PMDB. Aí eu descii tranquila. Eu falei: “Ai, que bom!”. Porque a gente conhecia a história, que ia buscar lá. Aí, quando eu estou chegando na hora da Imigração, aí vem um... Nem era brutamontes. [Veio] aquele cara muito educado, disse: “A senhora é a dona Iara Xavier Pereira?”. Eu falei: “Sou”. “Então, faça o favor de me acompanhar.” Aí eu falei: “Ah, não faço, não. A saída não é por aqui?”.

Aí ele falou: “Por favor, não crie cena. Olha para cima”. Aí eu vi uma mulher – eu não conhecia a Eny; muito menos o Eudes. “Aquele ali é a sua advogada; aquele ali é o deputado não sei das quantas.” Eu falei: “Então, tudo bem, o senhor manda ele descer lá que eu passo aqui”. “Não, a senhora não vai passar aqui. É melhor a senhora vir por bem”. Aí eu falei: “Ai, minha mãe [inaudível]! Eu vou pular no pescoço!”. Aí me levou por uma escada e logo saímos no lugar onde estava a Eny. Aí a Eny veio para perto. Aí ele falou: “Não, não pode falar. O senhor delegado...”. Aí a Eny falou assim: “Não, eu já conversei com o delegado”. Nessa hora, a Ana gritava; Arnaldo berrava. Um piseiro, o menino. Aí o delegado chegou e disse assim: “Olha, eu entendo a sua situação. A sua advogada... Mas a senhora tem que cumprir, estar amanhã no Dops para fazer a... Nós queremos ouvir a senhora”. Aí a Eny é que falou: “Não, está tudo certo, doutor”, assinou. A maluca da Eny contou para a imprensa que eu estava voltando muito doente, que eu estava voltando para morrer, que eu estava com... Acho que foi leucemia. Uma história assim, que a doida inventou, que era para eles não me pegarem com as crianças na hora de chegar. Aí a Eny disse assim: “Fica quieta. Fica quieta. Você está doente”. Eu falei: “Está bom”. Aí a gente foi para as malas. E eu tinha passado, há um ano atrás, por Lisboa, e o Domingos e a Moema já estavam na história do Brizola, que eu não quis saber, mas os homens estavam loucos, porque tinha a história que os exilados estavam voltando com pronunciamentos do Brizola. Aí abriram minha mala. E tinha um monte de fitinha que a gente conseguiu lá para gravar quando Arnaldinho começou a falar, quando ele cantava a musiquinha não sei o quê. Pegaram tudo. “Não, nós vamos...” Eu falei: “Moço, isso é tudo de criança. E eu nem conheço Leonel Brizola”. “Não, senhora.” Eu falei: “Moço, eu estava em Milão”. Aí apreenderam um monte de coisa. Aí a Eny: “Deixa, deixa, depois a gente vê”. Aí saí. Aí estava minha sogra, meu sogro, cunhado, aí tinha um pessoal do CBA. E aí, estou cruzando... Parece que só tinha o *JB* – porque já era muito tarde, [por causa do] atraso. Aí o jornalista vem e diz assim: “Tudo bem?”, na suposição da leucemia. “Então, a senhora está vindo para o Brasil? E qual é a sua primeira preocupação ao chegar?” Eu falei: “Ah, eu quero achar os corpos dos meus irmãos que foram assassinados”. Aí a Eny, pum! Me puxou para o lado. “Iara, não pode falar essas coisas! Você vai ser sequestrada, vai ser não sei o quê!”. Aí eu falei: “Doutora...”. “Ele está pensando em tratamento.” Eu falei: “Ah, eu estou pensando em querer saber onde está o Iuri e o Alex”. Então o *JB* estampa a foto da gente: Arnaldinho fazendo uma careta e eu falando que... Aí o repórter: “Mas o que é?”. Eu falei: “Foram

assassinados”. Aí estava essa tia minha, que é a Irene, que sempre foi um apoio. Ela ficou quietinha. A gente saiu, e quando entrou no carro – ela foi no mesmo carro –, aí ela virou e disse assim: “Minha filha, não precisa mais, não, eu já achei os meninos”. Aí eu gelei. Aí meu cunhado falou: “Deixa. Vamos conversar essas coisas quando chegar em casa”, porque tinha menino gritando; a Ana empurrava o banco do motorista. Aí, quando chegamos lá, eu falei: “Como é que é?”. Ela falou: “Minha filha, eu procurei os meninos, lá, em todos os cemitérios”. Como é o nome daquele grande? Formosa, onde está o Marighella. “E não achava os meninos em canto nenhum.” Ela casou com um senhor já de idade; o cara morreu em 1973; e, nos papéis, ele tinha comprado uma sepultura lá no Cemitério de Perus. Aí, quando ela chega no bendito Cemitério Dom Bosco, ela disse que pensou assim: “Aqui, eu não procurei”. Aí, enterrou o marido e tal. No outro dia – porque, naquela época, era muito distante, chegar em Perus –, ela foi e falou, porque ia encomendar a lápide para o marido, disse assim: “Eu tenho dois sobrinhos que morreram na data assim”. Aí o cara foi procurar, o administrador, e achou o Iuri. “O Iuri foi enterrado aqui, assim.” Aí ela mandou fazer também o mármore.

A.D. – Ele foi enterrado com que nome?

I.X. – Com o dele.

A.D. – Com o dele mesmo.

I.X. – Aí achou. Aí ela ia – esse pessoal católico –, Dia de Finados, dia de não sei o quê, ela ia e chorava, “E onde está o Alex?”. Até que num ano, um que foi administrador muitos anos, Antônio Expedito – quando eu e Suzana chegamos lá, ele lembrava, ainda, da minha tia –, um belo dia, ele disse assim... Eu não sei se ele sabia do esquema dos nomes falsos ou não. Até hoje ele não assume. Ele disse que não sabia de nada. Ele disse assim para a minha tia: “Você tem o jornal da morte?”. Aí minha tia disse assim: “Tenho”. “Traz. Porque às vezes, com a data...” E ela dizia: “Mas foi no dia 22 de janeiro que saiu a notícia”. Ele falou: “Não, traga o jornal aqui”. Aí ela levou o jornal, e no jornal diz: “Usava o nome de João Maria de Freitas, e o outro, Emiliano...”. Aí ele disse assim: “Ah, vamos procurar esse nome aqui”. Aí achou. Só que minha tia não fez

ligação, conexão com nada, botou a placa Alex lá e pronto. Quando eu cheguei, que ela...

D.P. – Então tinha a placa do Iuri e do Alex, lá em Perus.

I.X. – No lugar que eles tinham sinalizado que seria a sepultura.

A.D. – Isso desde mil novecentos e setenta e...

I.X. – [Desde] 1974. O Iuri, desde 1973.

D.P. – Mas, obviamente, ela não comentou isso com ninguém do CBA. Não tinha nada a ver com **[inaudível]**, nada disso.

I.X. – Não. Ela não frequentava...

D.P. – Era uma coisa da família.

I.X. – Aí, quando eu cheguei, que ela disse... E aí ela diz que o Alex estava com o nome falso. Aí eu somei dois mais dois, falei: “Filhas da puta!”. Como a identidade só você sabia, ou o teu companheiro, se você morasse junto, quer dizer, nós temos certeza: muito desaparecido está enterrado aí como João, José, Maria... Era um modo fácil, porque aquele nome, só você sabia. Quando ela disse isso, eu falei: “Ah!”. Aí a primeira pessoa a ir... Aí me deram... A minha cunhada disse: “Olha, ligou fulano, pediu contato”. Aí a Eny... Mas só no outro dia que eu fui...

D.P. – Você foi para a casa da sua tia?

I.X. – Da minha tia não; da minha cunhada, lá na Gávea, dessa irmã mais velha do Arnaldo. Aí me deram os recados; tinha um da Suzana. Aí eu liguei e falei: “Suzana, estou precisando de você aqui”. Ela estava na faculdade, e ia ter o encontro no Bennett, o primeiro encontro...

D.P. – Do CBA.

I.X. – ...que ia ser dia 12 de junho. Ia ter o encontro dos familiares lá. Aí ela falou: “Pode esperar?”. E eu, com uma angústia terrível! Eu falei: “Não, está bom. Te espero aqui, então, e aí a gente conversa”.

D.P. – Isso era o quê? Você tinha chegado há quanto tempo?

I.X. – No dia que eu cheguei. A minha tia falou, eu falei: “É aí que vai estar o Luiz Eurico. Vamos achar, não é?”. Porque eu falei: “O nome dele, ela vai ter”. Aí eu fiquei esperando. Peguei os dados com minha tia, da sepultura, que dizia lá onde eram os meninos, e fiquei, aquela coisa de família, vendo, e meu sogro, “o que você vai fazer?”. No outro dia, a Eny falou: “Passa aqui, porque alteraram o dia do teu depoimento”. Aí eu fui no escritório lá. Aí ela falou: “Olha, não sei por que, estou preocupada, remarcarão” – era dois dias à frente. “Isso é bom, porque vai dar tempo de eu conversar com você.” E eu não falei nada de Perus, nada. Sei lá quem era aquela mulher!

D.P. – Ah, você não sabia quem era a Eny?

I.X. – Sabia que era uma advogada e tinha confiança. Aí ela falou assim: “Tem dois recados, duas cartas para você. Uma de um mineiro que disse que te conhece e tal, que queria que você visitasse ele aqui no presídio, que é o Gilney Amorim Viana”. Eu falei: “Ah, conheço mesmo!”. E o outro era o dito Pereira. Aí eu peguei e falei assim: “Olha, não quero incomodar a senhora”, e rasguei. Até hoje eu me arrependo de não ter lido. Rasguei. Falei: “Se esse sujeito aparecer aqui **com** mais alguma coisa, a senhora está proibida de dar meu...”. “Não, eu não dei para ninguém.” Eu falei: “Pois é. E a senhora diz para ele ter cuidado, se eu estiver dentro de um carro e ele passar na minha frente”. Aí ela ficou... “Iara, você não fica...” Eu digo: “Olha, pede para ele sumir da minha vista, esquecer que eu existo. Não quero saber, não quero justificativa, não quero nada”. Aí ela ficou assim... Eu falei: “Agora, já o Gilney, a senhora me diz aí que dia que eu vou...”. “Não! A senhora não pode ir lá assim!” Eu falei: “Ué! Qual o problema? Não se visita os...?” “Mas você não é familiar, vamos ver uma estratégia. Vai na reunião do CBA, para a gente montar para visitar”. Aí eu demorei um tempinho, porque aí a gente

criou uma comissão – que muitas das mães estão mortas já. A dona¹¹... da Jana Moroni... Ai! Esqueci o nome dela. Uma gracinha. A dona Joana, que era mãe do menino do PCdoB; eu... Não lembro se a... A Victória não estava, ainda, porque não tinha saído da clandestinidade. A única do grupo que era militante era eu, e o Serginho, que era primo do Carlos Alberto. Aí nós fomos fazer uma visita oficial, “a Comissão de Familiares visitando os presos”. O Gilney tem isso lá, ele tem o registro, o dia. E aí a gente leva uma carta de solidariedade dos sobreviventes. E aí começa, que é outra história – eu falei demais –, a luta dentro da anistia, pós-anistia, que foi o foco desses 30 anos da... A Suzana deve... Talvez, até nem precise falar, repetir, porque Suzana já deve ter registrado. Que foi a nossa busca pelos desaparecidos políticos.

A.D. – Deixa só eu voltar um pouquinho? Você mencionou que você tinha que fazer esse depoimento, quando voltou. Você já tinha sido absolvida pelos processos. Formalmente, esse depoimento era o quê?

I.X. – Não sei. Eles pegavam você dentro do avião e não deixavam...

A.D. – Formalmente, era um instituto que não existia, então.

I.X. – Tem lá o papelzinho, até rasurado, a data que eu ia depor. Eu sei que a Eny aconselhava a todo mundo ir.

D.P. – Aí você foi?

A.D. – Você foi?

I.X. – Aí eles remararam, eu fui com ela. Quando nós chegamos lá...

D.P. – E era aonde? Você ia depor aonde?

I.X. – Lá no Dops.

¹¹ Refere-se à dona Cyrene Moroni Barroso.

D.P. – Na rua da Relação?

I.X. – É. Aí eles disseram: “Doutora, a senhora não pode entrar”. Aí a baixinha se queimou: “Como que eu não posso entrar?!”. “Não, a senhora não pode entrar. Depois, quando o escrivão for pegar as coisas, a senhora acompanha.” Aí ela foi lá fazer a discussão e eu fiquei na minha. Aí, no final, ela falou: “Iara, muito cuidado com o que você vai dizer. Isso não é o comum”. Aí, quando eu entrei, tinha um rapaz jovem, de barba. “Pode sentar.” Eu falei: “Obrigada”. “É, dona Iara, sempre tive muita vontade de conhecer a senhora.” Eu falei: “É? De onde o senhor é?”. Aí ele falou assim: “Eu vim de Brasília para ouvir a senhora”. Não disse que era SNI, que era nada. Eu falei: “Puxa! Quanto trabalho, hein?!”. Aí ele falou: “É, vamos começar”. Aí ele pegou minhas fotos, assim, porque devia estar para não me mostrar. “A senhora era uma moça muito bonita, não é?” Eu falei: “Ah, eu acho que não”. “Foi muita sorte a senhora não ter sido presa.” Eu falei: “Putá! O cara está me pagando sugesta, agora!”. Eu já fui ficando puta, o que não é bom. Aí ele virou e disse assim: “É, a senhora chegou do exílio. E como é que é?”. Aí ele fez uma pergunta que eu demorei a cair a ficha, que era em relação à Darci. Só que eu nunca soube o nome da Darci. Para mim, ela era Cristina: “Cristina foi presa”. E ele vai e fala o nome dela: “Ah, porque a senhora é amiga, ia trabalhar com a Darci Toshiko”. E eu demorei... Imagina quantos anos! Desde 1972 que eu não sabia de Darci nem nada. Mas como era o sobrenome japonês...

D.P. – Toshiko – e ela, japonesa –, você...

I.X. – Aí eu falei: “Hum! É a Cristina”. Eu acho que eu franzi os olhos, assim. Aí ele se deu conta que tinha dado uma manota. Eu falei: “O que é? Espera aí, deixa eu ver o que tem...”. Estendi a mão. “A senhora pode se comportar?” Aí ele falou assim: “Olha, eu quero ouvir, e já aviso à senhora, eu sou o maior arquivo vivo da ALN, então, a senhora não pense que vai me enganar”. Aí eu virei e disse assim: “Ah, mas se eu fosse o senhor, eu estava com medo, eu ia ter muito cuidado”. Aí ele falou assim: “Por quê?”. Eu falei: “Porque o outro arquivo morto **que eu conheço** morreu”, porque tinha acabado de morrer o Fleury. Menina, esse homem ficou com um ódio!

D.P. – Nossa!

I.X. – Ele falou assim: “A senhora está sendo muito petulante” – aí ele trouxe à carga o negócio do Otavinho –, “para quem tem um filho com o assassino do policial”.

D.P. – Cacilda!

I.X. – Aí eu falei assim: “Não, tudo bem”. Eu falei: “Isso é o que vocês dizem”. Aí ele falou: “Isso é o que as provas dizem”. E eu sabia que o Arnaldo não tinha participado, não é? Aí ele começou a perguntar, aí queria saber coisa do exterior, lá fora, aí firmou muito no negócio de Brizola, também, mas só no final. E ele começou a circundar o que ele podia tirar de mim a respeito da ALN. Eu nunca achei nos arquivos, mesmo do SNI, aqui, eu nunca achei nem esse depoimento, que foi extraoficial, nem o oficial, que foi registrado pelo escrivão do Dops, depois. Nunca achei nenhum arquivo. Até quando ia com Suzana... Eu digo: “Suzana, eu queria tanto achar, para ver se eu...”.

D.P. – Como é o nome desse cara, você sabe?

I.X. – Não. Ele não se identificou, não deu o nome.

D.P. – E você nunca reconheceu em canto nenhum?

I.X. – Tsc, tsc. Não.

D.P. – Não sabe.

I.X. – E eu dizia: “Suzana, eu quero ver se eu disse muita besteira, porque eu não lembro. Eu lembro que eu fui bem prepotentezinha”. E depois... Aí ele ouviu, ouviu, não chegou à conclusão nenhuma. Ele fez uma referência ao Pereira, também, e à Darci, que foram dois que falaram de mim, em negócio de ação, ou de participação. Coincidentemente. Aí eu vou para a outra sala, em que a Eny está, está o escrivão. “Ah, a senhora chegou do exílio. Estava...?” “Estava em Cuba.” “O que você fazia?”

“Estudava e criava meu filho.” “Vem para...? Passou...?” Aí chegou em Lisboa. Gente, me encheram tanto o saco com esse Brizola, mas tanto!

D.P. – Que coisa impressionante!

I.X. – É. “A senhora não conhece o Rafael de Falco?” Eu falei: “Conheci”. Estava no exílio lá em Cuba comigo, a gente frequentava a casa. Eu deixei um monte de coisa para a mulher dele e as crianças, quando eu saí. Não disse isso. Eu falei: “Sim, conheço o Rafael de Falco”. “A senhora militou aqui...” Aqui, eu nunca... E nunca vi, mesmo. Eu falei: “Fui conhecer em Cuba”. “Ah, tá.” Eu não sei se o Rafael esteve alguma vez – a vez que eu encontrei com ele, não lembrei – com o negócio do Brizola. Aí ele: “A senhora não trouxe uma mensagem do Brizola para o povo brasileiro?”. Aí, quase que eu falei: A única mensagem que eu conheço é do Marighella. Aí eu falei assim: “Trouxe não, moço. Eu não conheço o Brizola”. E vai daqui, vai dali, eu falei: “Olha, se o senhor quiser me perguntar se eu conheci o presidente Jango Goulart, eu conheci. Eu fui no Palácio do Catete, num evento lá. Eu devia ter nove anos, sei lá. Minha mãe me levou e eu apertei a mão do presidente da República. Tem até uma fotinho. Agora, o Brizola, eu não conheci, não conheci, mesmo”. Aí ele: “Nega ter conhecido, ter tido contato”.

D.P. – E as ações armadas, eles insistiam? Ou não?

I.X. – Não. Ação...

D.P. – E sua participação na ALN, eles insistiam, também?

I.X. – Não. Esse oficial, então, praticamente foi assim: com quem que eu encontrei; com quem que eu estava no exterior; com quem que eu tratei...

D.P. – Eles sabiam suas idas e vindas? Ou também não?

I.X. – Não. Não sei.

D.P. – Quantas vezes você foi e voltou, treinou? O treinamento, não sabia, não?

I.X. – Não. Eu acho que não.

A.D. – Falaram sobre seus irmãos?

I.X. – Não. Não falaram. Nem da minha mãe, nada. Eles queriam saber com quem que eu tinha mantido contato. Eles sabiam que eu tinha feito contato com o Domingos, que eu tinha ficado na casa do Domingos. Isso eles sabiam.

D.P. – Porque o Domingos estava ligado ao pessoal do Brizola, não é?

I.X. – Hum, hum. [concordando]

D.P. – É um ex da ALN que...

I.X. – E aí eles acharam que eu estava. Eu fiquei na casa dele até ir para Milão. Aí: “Ah, foi, você conheceu?”. Eu falei: “Era amigo do meu irmão. Conheci ele garoto; ele, na Escola Técnica com meu irmão. Eles foram da Aeti”. Mas não foi... Eu não sei. Pode ser que o cara do SNI tenha conseguido tirar alguma coisa que ele queria e eu não percebi. Por isso que eu sempre tive muita vontade de achar. Agora, o outro lá foi muito focado no exílio; não foi focado aqui. Eles queriam saber com quem que eu estive, quem é que estava, quem mais que estava, se tinha reuniões, se tinha reunião de exilado, quem participava, essas coisas. Eles queriam monitorar lá.

A.D. – E você sabe se continuou sendo monitorado depois que voltou?

I.X. – Olha, Angela, como eu te disse, eu fui para a casa dessa minha cunhada, e aí começou a questão: como sobreviver com duas crianças? E começa já essa questão de Perus, e vem o encontro. Aí o Serginho Ferreira é que me arruma um trabalho com um cara que depois eu vim saber que era apoiador da Liga Feminina. Onde a Liga Feminina, no Centro, tinha a sala, ele tinha uma loja, e ele tinha várias lojas de tecido, e tinha uma no Leblon, e a Nazaré catalogava tecido e estava saindo, porque tinha ganho a aposentadoria e tal. Aí o Serginho falou: “Iara, tem um emprego lá, não sei o quê; esse

cara sempre foi simpatizante do partido...”. Aí, quando eu cheguei lá, que ele viu meu nome, ele falou: “Você é filha da Zilda e do Xavier?”. Eu falei: “Sou”. Aí ele ficou muito emocionado: “Nossa!”. Da época da Liga Feminina, conhecia minha mãe. Aí eu comecei esse trabalho, que era um salário mínimo, e fui visitar o Gilney na cadeia, e envolvida com a anistia. Chegou junho, que não vai dar para a gente falar, eu contei para a Suzana, e aí Suzana chamou o Serginho e o Ivan Seixas, que ela disse que eram pessoas de confiança. Porque eu não queria chamar ninguém. Quando acabou esse encontro, nós fomos para Perus. Fomos para São Paulo. Aí um deputado do PMDB cedeu o carro com chofer, levou a gente, e quando ela chegou lá, que procurou na data de setembro Nelson Bueno – tibumba! –, estava o Luiz Eurico ali. E aí a gente começou a olhar e vimos vários: a Gastone, com o nome... Então a gente viu que, a partir do 1970, eles começaram a levar, seja com o nome falso ou verdadeiro, para Perus. Deixaram de usar a Vila Formosa. O Lajeado, quando a gente começou a fazer esses levantamentos em cemitério, quando a gente ia no Lajeado, pegou fogo no registro. Então é um cemitério que a gente nunca pôde ter indício, para ver se cobriu algum período. Que a gente era monitorado, eu acredito que sim. Tanto que depois... Eu fico até o final do ano aqui no Rio. Gilney é solto no dia 20 de dezembro, de condicional, porque o pessoal não foi anistiado. Nós já estávamos nos relacionando; ele queria ficar no Rio; eu não queria, porque achava a cidade muito complicada para as crianças; aí nós fomos para Belo Horizonte, para a família dele. Arnaldinho já tinha ido, com a minha sogra. E, lá, o pessoal do DCE – tinha até um menino que era do PCdoB – entrou e exigiu que a universidade desse... Ele era estudante de medicina, quando foi preso. Aí, quando nós estávamos lá, ele falou: “Olha, saiu!”. E eu não queria que ele voltasse a estudar medicina, porque achava que era um curso muito custoso e exigia muito. Eu queria que ele fizesse uma coisa tipo jornalismo, um trem assim. Aí ele dizia: “Mas, Iara, eu, como médico, vivo em qualquer lugar do Brasil, e não sei o quê”. E eu dizia: “Você já passou dez anos na cadeia! Enfrentar um curso de medicina...”. Mas era, também, muito porque esse era o desejo do pai dele, porque o pai quis ser médico e o avô, o pai dele, não proporcionou. Eu acho que entrou muito... Além desse fato de que você, como médico, vive em qualquer lugar. Aí nós fomos para Belo Horizonte, que era muito bom, porque eu estava perto do Rio e lá tinha a família dele e tinha a família do Arnaldo. Foi um ano excelente: as crianças foram para uma escola muito boa, que era a sala redonda, menino andava descalço, plantava cana. Uma que tinha ficado na França,

sem ligação política, e trouxe toda uma metodologia de alfabetização. E Gilney já saiu com o negócio do PT, de partido de massa. Eu nunca tive muita fé em partido de massa, por isso que eu acho que eu nunca nem fiz fé no Brizola e PDT. E Gilney entrando de cabeça na criação do partido lá em Minas. E aí tinha um primo do Hécio Pereira Fortes que tinha sido preso, chamava-se Arnaldo Fortes Drumond, que, quando foi solto, foi parar lá em Mato Grosso, em Cuiabá – a troco, nem sei –, e lá ele virou professor. E tinha um pessoal de esquerda e tinha um projeto – porque nós precisávamos sobreviver –, uma fábrica de guaraná muito tradicional de lá que os herdeiros não queriam tocar, e um era muito ligado ao pessoal, era um ecologista, então, era um projeto: Gilney ia ser gerente e iria garantir a sobrevivência financeira e, nos sábados e domingos, ia criar o PT. Ele foi conhecer esse lugar, junto com o Murilo Pezzuti e a Sonia Lafoz. Eles já ficaram, nesse ano; Gilney voltou. Tinha toda a condicional, tinha a matrícula de medicina... Aí o pessoal ficou insistindo um ano. Aí, em março de 1981, a gente muda para Mato Grosso. É uma parte que eu fico fora, quer dizer, só ocasionalmente eu entro na luta pela localização. Porque nós nunca tivemos, pelo menos eu, digo muito claro, até essa questão da memória, porque senão teria gravado com meu pai muito antes. Não tínhamos. Nosso foco era saber que circunstância, onde eles estão e como morreram. Era o foco da gente, pelo menos o meu, desesperadamente. Então eu tenho esporádica participação. E aí eu digo que era monitorado, porque numa dessas fichas do SNI... Aí o prefeito Dante... Era deputado, o Dante de Oliveira. Ele visitou o pessoal aqui na cadeia, e quando o Gilney chegou lá, ele gostava muito. E o pessoal do PMDB criou uma associação de mulheres não sei o quê. Aí Gilney me alugou para ir nesse bendito congresso das mulheres não sei o quê. Aí eu fui.

D.P. – E o congresso foi aonde?

I.X. – Lá em Cuiabá.

D.P. – Em Cuiabá mesmo.

I.X. – Era um para fundar, um encontro. Aí, lá vou eu. Vocês já viram que eu não sou uma pessoa calma, muito paciente. Aí, chego lá, está... Eles eram muito ligados ao MR-8, ainda.

D.P. – Ele era MR-8.

I.X. – Aí tinha um monte... E estava a mulher dele, outra mulher... [Tinha] um monte de quadros do MR-8. Vinha, bizurava, a mulher ia lá: tchu, tchu, tchu. Ah, na terceira vez, eu falei: “Vem cá, você quer a minha saia, para você entrar lá dentro?”. Aí, pronto, foi por água abaixo a minha participação. Eu falei... Aí Gilney: “O que é?”. Eu falei: “Ah, que esculhambação! Se a mulher não tem condições de ter uma posição de defender, precisa... Pelo menos, então, fizesse de uma forma mais discreta”. Eu não tinha paciência para esse tipo de coisa. Aí, lá no SNI, está: “Participou, junto com a senhora Thelma, não sei o quê, na organização...”. Aí eles mandam ter cuidado, porque nós entramos na universidade, estamos nos infiltrando. Então isso seguiu. Eu acho que o último foi em 1991 ou 1992. Eu já não lembro quando que teve essa sequência.

D.P. – E quando é que você começa então a militar...? Aí você está lá com essa participação mais esporádica, digamos, nessa Comissão dos Familiares, que ainda está uma coisa...

I.X. – Quando eu vou para lá, a gente entra numa questão de sobrevivência, e é um local muito distante para você vir e voltar. Aí Suzana é que toca muito; a Amparo; o Ivan Seixas; e eu venho em vários encontros, em várias situações que se deram, quando podia. Eu vim... Eu só volto a retomar, com um pulso como quando eu cheguei, só em 1995, quando foi aprovada a Lei. 9.140, porque Gilney se elege deputado federal e vem para Brasília. E aí eu já era, nesse tempo, funcionária do estado, tenho direito a acompanhar o cônjuge, e nós tínhamos perdido o Arnaldinho, estava um... e eu não queria ficar mesmo lá em Mato Grosso. Aí a gente vem, coincidindo com a Lei 9.140. Aí a gente já chega aqui no processo de discussão da lei; a gente promove muitas reuniões nacionais...

D.P. – Lá em Brasília?

I.X. – É, lá em Brasília. Até que é instituída, é criada, é aprovada a lei que a gente... A Suzana deve ter falado [que a gente] critica, porque o ônus da prova ficou com os

familiares, até a localização dos corpos, quando a família desse indício. E eles colocaram o Miguel Reale Júnior, que era muito amável e tratava muito bem, mas o que era a ordem? “Não chegue nas circunstâncias.” Primeiro, era não reconhecer os mortos em tiroteio, essas coisas, e não chegar... E foi, assim, acho que uma diferença no embate. Eu acho que a Suzana é mais política do que eu. Porque isso sempre me incomodou demais, a atitude dele. Aí nós fizemos uma estratégia de, primeiro... Aí foi uma primeira, pelo menos da minha parte, preocupação com a memória. Eu falei: “Isso é uma comissão oficial. O que resultar daí vai ser objeto de estudo, de pesquisa, então, vamos fazer valer a nossa história, a nossa versão. Os nossos fatos”. Então, nós começamos a montar a biografia de gente que a gente não conhecia, ligava para as mães: “O que ele gostava?”. “Ele escrevia carta”, “ele jogava”, “ele gostava de samba”, ou gostava de não sei o quê. Às vezes, quem lê pode dizer: “Mas, gente, que perda de tempo!”. É uma biografia que a gente tentava captar o que era. Porque, tipo assim, se eu tivesse morrido e fossem escrever, eu era uma jovem da minha época: eu gostei de Beatles, eu usava minissaia... Não era nenhuma coisa que vivia numa redoma. Então, o primeiro passo que a gente queria era uma biografia, era a foto – a gente tinha poucas fotos dos companheiros vivos. Então a gente fazia essa biografia e íamos para a circunstância de morte. Aí a gente já tinha o Dops de São Paulo; do IML do Rio, se tinha muita foto, porque o IML do Rio, aqui, eu acho que não era tão ligado com o pessoal do DOI-Codi, eles faziam a perícia de local. Então a gente pôde ver, no Moisés, a marca de que ele tinha sido algemado antes. Em São Paulo, a gente conseguiu poucas fotos. Uma das poucas foi da Gastone. E aí a gente começou a ver que a gente precisava ver... “Isso é tiro de perto?” “É tiro de longe?” “É à queima-roupa?” Aí a gente falou assim: “Ah, vamos procurar o pessoal [da] polícia?”. A gente ficou assim... Até a Criméia, que também é como eu, falou: “Hum! Mexer com polícia?” Mas quem que poderia achar? Então a gente precisava de especialista em balística, para estudar. A gente pegou umas fotos que a gente achava que estava bem claro e fomos para a reunião, eu e Criméia. A Suzana não estava nessa. O chefe do Instituto chamou o perito...

A.D. – Em São Paulo, isso?

I.X. – Em Brasília. Até hoje...

D.P. – Foram para a reunião de quem?

I.X. – Lá no Instituto de Criminalística da Polícia Civil de Brasília. O diretor... Era o governo do PT, do Cristovam Buarque. A gente procurou o contato e falou que a gente queria uma pessoa que não fosse de direita – não precisava ser da nossa posição –, que fosse neutro, um técnico, e que não tivesse medo de revisar as coisas da polícia. Esse rapaz até hoje colabora: colaborou com a CNV – chama-se o Celso Nenevê –, e ele era o especialista em questão de balística.

D.P. – Esse rapaz que você diz, ele é um policial?

I.X. – É. Ele era um técnico de perícia lá e a especialidade dele era balística. Então, ele olhando, dependendo da qualidade da foto, ele dizia: “Não, isso foi à queima-roupa”, “Não, isso foi assim”, e a distância. E quando descrevia assim, “mancha violácea”, ou “amarelada”, ele dizia: “Olha, essa pessoa já estava... Tinha sofrido isso dois dias atrás”, “há três dias”, porque vai mudando a coloração da pele, quando você leva a pancada. E aí nós fizemos uma reunião e trabalhamos com eles. Foi um trabalho muito bom, porque as famílias – a grande maioria – não tinham condições de fazer esse dossiê, de você pegar uma lupa e olhar o buraco na cabeça do teu filho. Não tinham. E nós conseguimos fazer. Acho que nós... Hoje em dia, eu já esqueci. De 400 e pouco, nós montamos mais de 230 dossiês. Nós, eu digo assim: aqui, o Grupo Tortura Nunca Mais colocou o Togo Meirelles lá, eles colhiam material; a Criméia pegou uma licença na prefeitura e ficou em Brasília auxiliando; a Amparo pegava os documentos lá do Nordeste; e assim foi. E a Suzana, que era a representante oficial, cuidava dos relatórios e da montagem disso, também. E tinha um general, que já morreu até, o general Oswaldo; tinha um procurador; tinha a Suzana, que era dos familiares; depois entrou o outro advogado, o Luís Francisco, que foi muito bom. E a gente começou... A teoria minha era o seguinte: “Vamos começar pelos casos que a gente sabe que o tiroteio foi mentira. Vamos provar que eles mentiam”. A Criméia e a Amelinha já diziam: “Não. Todos têm que entrar!”, com aquela coisa. “*Tá*, todos têm que entrar, mas a lei é a lei. Então... Nós somos minoria, temos um voto.” Aí eu falei: “Gente, vamos desacreditar, para nos capacitar, dizer...”. Não é a gente chegar e o que a gente dissesse fosse ser a verdade absoluta, não.

Mas fazer com que eles olhassem e fossem examinar: se já tinha tido esses casos, os outros que tinha. Porque tem caso que se tem muito pouco. Por exemplo, o caso mesmo do Alex, as fotos são péssimas, escorridas, muito baixa qualidade. A da Gastone é ótimo, porque teve perícia de local. A do Alex é do IML. São três fotos – ele de frente, perfil direito, perfil esquerdo –, numa baixíssima qualidade.

D.P. – Mas ele deitado? Ele numa...?

I.X. – É, sempre deitado. Todo mundo...

D.P. – Ele morto já, na maca, ou na...?

I.X. – É. De alguns, já está com o corte da autópsia; de outros, não está. Por exemplo, o Iuri não está. E quando a gente exumou, viu: o Iuri não foi autopsiado, apesar de o Isaac dizer que fez. Nós vimos. Porque não tinha a cabeça serrada. No caso do Iuri, que foi...

D.P. – Mas o Alex foi autopsiado?

I.X. – Foi.

D.P. – Por quê?

I.X. – Ah! Você vai perguntar lá no Céu, porque o Isaac... Não, no Céu não; no Inferno, que ele deve estar. O Iuri, quando nós exumamos... O que acontece? Nós tiramos os meninos de Perus em 1980, em outubro, e a exumação... Não tinha DNA, a exumação era de coveiro, foi muito malfeita, e o que aconteceu? Quando nós chegamos na sepultura do Alex, era uma mulher. Nós abrimos umas três ou quatro sepulturas que têm dois ou três restos mortais. Eu já queria até desistir. Então, a qualidade do material que a gente pegou, o dos meninos é muito pobre, mas o do Iuri deu para ver, põe em cheque a versão deles. Ele foi executado com um tiro na nuca. Então a história do tiroteio, que foi saindo, [a história] que tem lá não é verdade. Aí a gente foi vendo o *modus operandi* deles. O que era? Você era ferido, sim. Você reagia e você atirava, era ferido. Eles te levavam para o hospital? Não. Você morria entre aspas, se fosse o caso, você ia para o

hospital? Não, você ia para o DOI-Codi. Lá, eles geralmente te deixavam... Dependendo, se você estava muito ruim, te deixavam já no pátio, te interrogavam ali, até você morrer, ou então você não responder, e eles davam o tiro de misericórdia. Então a gente começou a dizer assim: “A Ana Maria chegou nua no IML?! Ela andava nua nas ruas de...?! O Iuri...”. E o Iuri e a Aninha, ainda tem assim: “Ficha de identificação, tal, tal”. E aí, lá embaixo, botou assim: “Estado cadavérico”. Para que você vai fazer uma ficha de identificação, dentro do DOI-Codi, se ele vai para o IML, que é o órgão...? Sabe? Então são indícios – nós não temos prova concreta... Temos concreto assim: o Iuri foi executado, foi homicídio. Mas nós não temos... A gente começou a ver que esse era o *modus operandi*, que depois, com esse *A casa da vovó*, desse Marcelo Godoy, muito das conclusões que nós chegamos e que nós passamos a afirmar fechou de que era real. Para finalizar, o caso do Arnaldo. Meu sogro foi buscar no dia seguinte. Provavelmente, ele estava sendo torturado. Porque ele, [o pai do Arnaldo], chegou lá muito cedo, e aí ficaram jogando com ele o dia inteiro. Porque o Arnaldo não morreu... Quando eles anunciaram a morte, o Arnaldo estava vivo, e o pai, eu acho que quando ele foi buscar, ele estava vivo. Ele ficou no caixão... Para viajar, é aquele caixão de zinco, metálico. E muito tempo eu tentei criar coragem e dizer para a minha sogra: “Deixa eu exumar?”. Porque eu e Suzana saímos exumando e vimos que mentiam: o Iuri tinha mais tiros, tinha tiro na bacia, fora... Mas eu ficava com uma dó. E ela sempre dizia: “Ah, pelo menos não sofreu. Iara, ele tinha uma cara tão de paz. Só tinha um buraquinho aqui, que tamparam”. E eu dizendo assim: “Arnaldo não se entregou fácil”. Aí eu e Suzana, na década de 1980, voltamos a vários lugares, entrevistamos, e nessa rua que ele morreu, o sapateiro da esquina falou: “Ah! Dois meninos quase morreram”. Porque é uma descida e a meninada vinha de bicicleta, para pegar o impulso, e eles foram pegos no plano e um correu para aí. Tudo indica que era o Arnaldo. E aí nós fomos lá, achamos os dois. Um disse que não viu nada porque entrou na casa que era à direita; o outro... Eles acertaram uma senhora dentro de casa – devia estar olhando na janela. E esse rapaz diz: “Não. Era um moreno. A perna dele dobrou...”. Ele entrou... Sabe essas casas que tem nos fundos, que você faz uma entradinha? Ele disse que jogou a bicicleta ali e caiu. E aí disse que tombou, do bolso dele... Quando ele contou para a gente, imagine, isso faz tanto tempo, eu ainda vejo. Ele falou: “Parecia até um cinema com câmara lenta. Aqueles documentos caíram, um Fusca verde parou, desceu um homem”, aí ele falou, “uma mulher com uma mecha

branca, cabelos castanhos, que pegaram o rapaz, botaram no banco de trás e foram embora”. Um era nissei, que era o Francisco Okama, e o outro era o Francisco Penteado, que era louro, de olho azul, magro, alto. Eu e Suzana achamos que era isso. Bom, em 2013, com a CNV, eu levei o Celso Nenevê e equipe, nós fizemos a proposta que todos os mortos tivessem os laudos revistos. Agora, a equipe dele cresceu: ele tinha três e disse que arrumava mais três. A CNV saiu, saiu o Fonteles, não fez nada. Aí eu peguei, com a Maria do Rosário e o Sérgio Suiama, e falei assim: “Eu quero...”. Eu digo: “Eu quero morrer, e quero, antes disso, exumar o Arnaldo. Eu preciso saber o que aconteceu”. Aí o Sérgio Suiama fez também o ofício. Nós fomos lá em agosto, e quando a gente abre a sepultura, [estava] cheia de água. Eu falei: “Puxa vida!”. E assim: perto de onde seria o pé, o metal estourado. Aí o dr. Marco Aurélio falou: “Iara, pode ser bom e pode ser ruim”, e aí deu uma explicação, “se saponificou, não sei o quê, preservou tudo; se não, não sei o quê”. Eu falei: “Azarado do jeito que a gente é...”. Aí foi, teve que esgotar a água; depois, passar por peneira, para não sair nada. Aí abrimos. Quando ele vê, na perna esquerda, uma marca vermelha na canela, ainda, um vermelho vivo. Aí esse Marco Aurélio falou assim: “Vai dar para fazer um laudo muito bom. Foi preservado”. Aí nós tiramos ele. Eles fazem a primeira retirada e conferem. Como ele ficou no próprio caixão... Até... Eu nem lembro o nome. Tem um ossinho que fica por aqui que é muito pequenininho. Ele falou: “Nossa! Isso é raríssimo de achar em exumação!”. Porque não tinha terra. Depois que a água caiu, ficou um pouco de barro, mas não era cheio de terra. Aí eles levaram. A Polícia Federal colheu o exame para ver o DNA, mesmo o pai tendo ido buscar, por causa da... na Justiça, e ele foi levado para São José do Rio Preto, porque esse professor é de lá. Lá, eles fizeram o estudo, e constatou que ele, pelo menos, levou 15 tiros que atingiram o osso. E não é assim... A Gastone levou 37 ou 38. E o que é? Ele levou um tiro aqui e, exatamente, outro aqui, nas pernas. Eles eram tão similares que aí o que indica? E não eram mortais. Era com o intuito de provocar dor, a crueldade. E muito simétricos, como se tivesse feito ele de tiro ao alvo. Aí veio para a Polícia Federal; a Polícia Federal, em cima do laudo do antropólogo, faz o deles. Eles não afirmam tortura; eles concluem dizendo que a morte dele se deveu... utilizando métodos cruéis e desumanos e excessivo uso de força. É a conclusão. Aí nós fizemos... A Maria do Rosário, a Rosa Cardoso apresentou... Quer dizer, é o primeiro caso que você pode afirmar, com prova material – não documental, de que “eu vi o fulano ali, saiu e está morto” –, é o caso do Arnaldo.

A.D. – Foi possível mudar o atestado de óbito?

I.X. – Até hoje eu estou esperando. O dos meninos também. Porque fizeram uns, depois, e pararam, tanto o pessoal de São Paulo quanto a Secretaria de Direitos Humanos. Quando saiu esse livro *A casa da vovó*, a mulher da mancha branca é a tal Neuza... O sobrenome dela me fugiu. Vive no interior de São Paulo e tal. Eu tentei cercar o escritor muito tempo. Diz que ela não aceita falar com ninguém, e eu falei: “Eu só quero conversar com ela. Se ela quiser, bem”. Aí não consegui nem falar com o autor. E eles apontam uma boate, que é uma casa aonde era um dos lugares alternativos que eles levavam, e os meninos da perícia disseram assim: “Iara, para esses tiros ficarem tão simétricos assim, ele estava suspenso; ele não estava nem deitado, nem sentado”. Aí eles fizeram várias coisas, digital, aí falou: “Ele estava suspenso”. E, lá, eles dizem que era um dos lugares onde eles botavam. Então, tudo indica, muito provavelmente, que, até a hora que meu sogro chegou, ele ainda devia estar vivo. Porque não iam matar tão rápido assim, tantos tiros, o que fizeram com ele.

D.P. – Eu só não entendi... Seu sogro foi lá?

I.X. – Ele foi no...

D.P. – Ele ficou sabendo da queda...

I.X. – Ele soube pelo jornal. Porque eles deram, como eu te falei... Seis horas da tarde, saiu uma edição extraordinária.

D.P. – Já como morto, não é? Morto em tiroteio.

I.X. – É. A família viu. Meu sogro estava no Rio. Ele trabalhava no Ministério da Educação – porque ele é ligado à [inaudível] –, com o Jarbas Passarinho. Aí ele estava numa reunião, não sei o quê, não conseguiam falar com ele, não conseguiam. Quando conseguiram, já era tarde, aí ele pegou um desses [voos] corujão e amanheceu em São Paulo. Aí ele foi... Foi para o II Exército, foi para não sei onde... Rodaram. Ele escreveu

uma cartinha, depois, quando a minha sogra foi, contando como é que foi a ida dele, e aí ele disse assim, que ele tinha que aguentar, ainda, os caras baterem assim: “É, esses meninos são muito corajosos! Seu filho foi muito corajoso! Aceita um cafezinho, uma água?”. E ele disse: “Eu aguentei tudo, para levar Arnaldo para casa”. Aí ele relata isso muito bonito, numa carta que ele mandou. E aí, depois, 40 anos depois...

D.P. – Mas aí entregam...? Aí como que é?

I.X. – Vem em caixão lacrado.

D.P. – Lacrado. Nesse dia logo? Dois dias depois?

I.X. – Não. No dia seguinte, vai...

D.P. – Já entregou no caixão.

I.X. – Aí já era de noite, fica o velório; no outro dia, ele é sepultado. E aí... Muito tempo, eu não quis... Eu sempre tive um sexto sentido de que... Primeiro, depois de tantos casos que a gente montou que viu que o tiroteio e morte era fajuto... Até esse policial diz assim: “Olha, numa situação de guerra, ou isso e isso, o número de feridos é três vezes o número de mortos”. Aqui, nós não temos sobrevivente ferido, praticamente. Todo mundo que teve confronto morreu. E você não tem como... Um caso ou outro... No do Alex, que tem um morto e tem... No do Iuri, ficou um ferido... Você pinça. Ele dizia isso ainda na década de 1990. Você vê que isso aí não é real. E aí teve o trabalho da 9.140, como eu te falei, em que nós, familiares, tentamos novamente com a Comissão Nacional da Verdade. Aí já querendo fazer um avanço, para que fosse justiça... Era uma lei... Não era, também, a lei que a gente queria, mas ela possibilitava que você identificasse as autorias, os autores, e os locais. Então isso foi... Por exemplo, eu não queria reconhecer. Já tinha sofrido demais com a 9.140. Um grupo de familiares não queria. Aí o Gilney é que me convenceu: “Não, com isso aqui... Vai depender dos nomes. Então, não vamos dizer que somos contra. Vamos esperar os nomes”. Aí, quando saiu os nomes, eu falei: “Ah, isso não... Não tem condições!”.

A.D. – No relatório final, você está falando?

I.X. – Não. Quando saiu o nome dos membros...

D.P. – Da Comissão.

A.D. – Ah! Da Comissão.

I.X. – ...da Comissão Nacional. Eu não fui. Até fomos convidados para ir no palácio. Eu falei: “Ninguém vai sentir minha falta. Mas, por posição, eu não vou. Não concordo. Sou contra essa comissão de jurista. Não vai levar a nada. Sou contra”. Aí a gente tinha um comitê, além dos familiares, em Brasília, eu já queria chutar o pau da barraca logo. Aí, mais uma vez, o Gilney disse: “Não, vamos tentar”. Aí fizemos reuniões com o Dipp e com o Fonteles, fiz a sugestão essa, aí o Dipp fica doente, o Fonteles renuncia. E eu acho que o avanço foi muito pouco. Então, aí, a nossa briga concreta é por justiça. Aí muitos acham que só com os meninos do Ministério Público é que vai andar, mas também não anda no ritmo que a gente quer, ou que a gente precisa.

D.P. – Você não viu agora? A ação contra os torturadores do Rubens Paiva, os advogados dos torturadores entraram e suspenderam o trabalho todo, no Ministério da Justiça.

I.X. – Não, mas nem chega a pronunciar. Por quê?

D.P. – É o que eu digo, até nesse caso, que se conseguiu avançar um pouco – lembra que eu te falei? –, foi tudo suspenso. É impressionante!

I.X. – O Sérgio Suiama...

D.P. – Porque ali era um artifício, digamos.

I.X. – O Sérgio Suiama, antes de vir para o Rio, ele deixou pronto 38 ações. E aí eles usaram estratégia, também: “Vamos botar os casos de desaparecidos, para que o

Judiciário comece a ver. Então não vamos entrar com esses mortos oficiais, ainda”. Então, tudo bem. Só que o tempo passa muito rápido, Dulce. Não temos mais tempo para isso. Um, eles estão morrendo, então, não vai ficar nem a punição moral. Não vai ficar, porque eles não vão chegar nem a julgamento. Não se julga morto. E outro, nós também estamos morrendo. Nossas mães já morreram; agora, toca à gente morrer. Então o ritmo dessa justiça, para nós, não responde. Já tem um ditado: justiça que tarda não é justiça. Então, o que nós gostaríamos... Perdemos? Fomos lá, perdemos? Junta, entra na Corte Interamericana. E tem que ter. Tudo bem, nós não tivemos um massacre como na Argentina, mas, aqui, o objetivo era eliminar um grupo de pessoas que tinham uma tendência política... Então, claramente, é crime de lesa-humanidade, no nosso **ponto de vista**. Então, vamos discutir isso. Então eu acho... Agora, entraram com o do Virgílio – o Andrey, o procurador. Eu acho que é muito lento.

D.P. – Eu concordo inteiramente com você.

I.X. – Mesmo o avanço que se deu ainda é lento.

D.P. – É muito lento. Agora, qual a sugestão...? O que você acha? Você acha que deveria ser criada outra comissão? Você acha que...? Como é que a gente pode prosseguir nisso?

I.X. – Eu acho que a chance de criar, que foi tardia, o Brasil já teve. Como houve a do Fernando Henrique. Quando não há uma decisão política de quem está na esfera superior de que claramente vamos realmente rever isso, resgatar sua memória, buscar a verdade e fazer a justiça, não adianta. O Fernando Henrique tinha pavor de circunstância. Nós avançamos? Avançamos, a duras penas. Aí vem uma Comissão Nacional da Verdade, formada por esse grupo – que era para ter dedicação exclusiva, e ninguém dava dedicação exclusiva; para um período tão grande que eles quiseram fazer, ainda que foi centrado no período do regime militar –, e nós não... Eu acho assim, que nós não avançamos o que podíamos avançar. Outra comissão? Eu acho que o que faz falta é a justiça. Agora, para nós, pelo menos para mim, é a justiça. Eu quero que vá para a justiça. Um dos nomes que eu tinha identificado nos três era o Ustra. Ele já morreu. O outro, Pedro Ivo Moézia, que está lá em Brasília, que é advogado, já, já,

também vai. Então... Eu acho que não tem. Para a justiça, para os familiares, o tempo esgotou. Não tem tempo de se criar uma outra comissão. E não houve a decisão política da presidenta da República para que realmente se esclarecesse, se buscasse, se propiciasse que as provas fossem mais contundentes, para que o Ministério Público pudesse oferecer denúncia. Não foram. Então... Nem sequer revisaram o que já tinha sido feito. Se dissesse: “Bom, foi feito o quê? Vamos revisar”, que era uma sugestão. “Nós não vamos poder esgotar?” “Não.” “Mas vamos pegar aqui. Alex de Paula Xavier Pereira, tal, tal, tal. O que a gente pode agregar? Tem alguma coisa de novo?” “Não tem.” “Então tá. Até hoje, nós não temos. Que nome nós temos, envolvido na captura e morte deles?” “Fulano, fulano e sicrano.” Gelson Reicher, a mesma coisa. Então você chega... Nem todos você vai poder... Não sou infantil de achar que todos nós vamos poder avançar. Não vamos. Sem que a gente chegue nos arquivos das Forças Armadas, nós não vamos. Mas, pelo menos, você faria uma revisão: aqueles que não tiveram os laudos estudados, vamos ver se avança; aqueles que os familiares desejassem fazer uma exumação, vamos ver o que se acha. Eu sou a prova concreta. Do Alex, realmente não deu, o que sobrou de osso que veio, a gente não pode tirar nada, mas, no Iuri e no Arnaldo, nós comprovamos o homicídio. Então é um caminho. Ele é doloroso? Nossa! E como dói! Mas eu acho que agora só nos resta esperar – e eu acho que já está até passada a hora – é a questão da justiça. O relógio biológico é inexorável. Nós não vamos ver eles levados ao banco dos réus de jeito nenhum. Não tenho essa esperança.

D.P. – Você acha que a Lei da Anistia deve ser revista? Ela empata, ela compromete isso tudo? Ou você acha que isso é uma questão política?

I.X. – Olha, tem duas tendências: uma que diz que não precisa, que essa interpretação de que ela servia para os dois lados é uma interpretação capenga, de quem quis se valer disso; outros juristas já dizem que é. Então, vamos reinterpretar? Vamos...? Tivemos a chance com o Eros Grau e perdemos, que podia... Ela impede? Impede. Porque muitos juízes, de cara, dizem: “Está prescrito. Está amparado pela Lei da Anistia, não pode ser julgado”, e já encerram, não abrem... Não se conseguiu nem abrir o debate, por conta disso. Então é uma das coisas que... Depende do Supremo. Mudou alguns membros? Mudou. Será que vai mudar o entendimento? Não sei. Porque o Eros Grau era uma pessoa que a gente esperava que ele fosse ousar mais. Então essa teoria de que houve

um acordo nacional da reconciliação, isso é balela. Basta ver o resultado da votação. Se houvesse acordo, não teria perdido por cinco votos. Então eu acho que ela impede, realmente. Agora, se vai ser reinterpretado, se vai ser revisto, aí, realmente, o pessoal da área jurídica que busque a melhor forma de rever.

A.D. – Iara, você é favorável a que os responsáveis pelas torturas, pelos assassinatos etc. sejam julgados, condenados e presos? Porque essa foi uma posição, aqui, nem sempre consensual, também, ao longo das nossas entrevistas.

I.X. – Eu sou favorável que aqueles implicados, seja nos desaparecimentos, seja nas mortes, mesmo na prisão dos sobreviventes – não precisa estar morto ou desaparecido –, sejam identificados, as provas coletadas, levados ao juiz e, se o entendimento é que sejam culpados, que sejam presos e que cumpram pena. Isso, para mim, independente da idade. Eu acho que é a justiça. É a justiça: que respondam pelo que fizeram. Porque nós respondemos tanto juridicamente como com nosso corpo, na tortura, por aquilo que a gente fez, ou que eles **implicavam** que você fez, e todos nós... Eu costumo sempre muito dizer um caso que é emblemático: todo mundo sabe que o Gabeira participou do sequestro do embaixador americano. *Tá*. E [todo mundo sabe] quem pendurou o Gabeira no pau de arara e enfiou choque elétrico no buraco do tiro que ele levou? Por quê? Ele estava certo? Por que ele...? É o que eu costumo dizer às vezes, quando tem algum militar, e até para o general lá. Eu falei: “Uai! Se vocês estavam certos, se era legítimo, por que vocês têm vergonha? Por que se escondem?”. Então, se se escondem, se têm vergonha, é porque os atos que praticaram não eram tão corretos, justos e humanos do jeito... Porque senão não tem por que eles terem todo esse cuidado de sumir com as provas, de sumir com os arquivos. Não tem razão de ser.

D.P. – Iara, por que você fez a comparação com o Gabeira? Por que você citou o caso do Gabeira?

I.X. – Porque é muito público e notório.

D.P. – Que ele participou do sequestro.

I.X. – Que ele participou do sequestro. Isso você sabe no Brasil, na Argentina... Porque sequestrar o embaixador americano...

D.P. – Não é qualquer coisa.

I.X. – **Foi o um.** E depois se... Ele ficou notório como um... Quer dizer, teve vários. Mas quem é a figura emblemática, quando se fala em sequestro? É o Gabeira. Não vou entrar aqui nas questões do por quê. Então, aí, eu sempre digo: “O Gabeira foi capturado, ferido e levado, torturado no pau de arara, choque elétrico aonde levou o tiro e tudo. E quem foi que prendeu? Quem foi que fez o cerco? É nesse sentido. Eu citei ele por ser um caso...

D.P. – Emblemático. Certo.

I.X. – ...emblemático, conhecido de todos.

D.P. – Pois é. E aí, Iara, você quer comentar mais alguma coisa?

I.X. – Acho que não. Acho que já falei demais. Eu te falei que a história era meio complicada. Tinha que diminuir de manhã, porque...

D.P. – Não, foi muito bom!

A.D. – Nossa! Muito obrigada, mesmo.

I.X. – [Porque] essa parte aí...

D.P. – Não, foi superimportante.

I.X. – Que bom que vocês ouviram a Suzana, porque essa questão da luta, e com as famílias, e com as mães, o caso de que praticamente 100% foram as mães, e não os pais. Você teve pouquíssimo caso de pai durante a luta. Nós temos, aqui, o seu Edgar, que perdeu a filha no Araguaia; com a dona Julieta; o general Massa, que era do Paulo César

Massa, e a Laís, a mulher dele; o Moraes, da Sônia; dona Cyrene, da Jana Moroni, que agora só tem a Lorena – o marido em seguida faleceu e ela que ficou... E aí você vê muitas mulheres, muita companheira. Onde estão os homens? Tinha muita companheira aqui que morreu, foi desaparecida que tinha marido. E esse fenômeno, se você vê, na Argentina também ocorre. No Chile, eu tenho menos conhecimento da organização dos familiares. O que motiva a essas mães... É aquela coisa: “É meu filho, não importa o que fez, não deixa de ser”. E elas foram se politizando ao longo, não é? Mas foram... Você tem o caso da Maria Augusta Capistrano, que, ao sumiço do David, bateu em Brasília, bateu na... É uma mulher baixinha, de um metro e meio, e nunca...

D.P. – Vai fazer 100 anos.

I.X. – É. E nunca se acovardou, e foi em frente. E, infelizmente, é uma coisa que eu sempre chamo a atenção: nós não vemos homens, os companheiros, os maridos nesse empenho, na luta pela verdade das suas... É muito difícil. E aí, como eu falei, as mães estão morrendo; nós, que fomos militantes naquela época, também já [estamos]. Vai ficar para os nossos filhos e para os nossos netos, a seguir nessa luta. Porque enquanto não tiver realmente uma justiça, eu acho que ela não vai terminar. De uma forma ou outra, infelizmente, nós estamos deixando para outra geração essa carga, que é muito difícil, é muito dolorosa, é muito doída, porque nós não... o Brasil não conseguiu chegar num ponto de responder, não só a nós, familiares, [mas] à sociedade brasileira, do que ocorreu, como ocorreu, e de punir, para que não ocorra mais.

D.P. – Você participou, Iara, dessas reuniões internacionais? Você chegou a ir na coisa da OEA?

I.X. – Não.

D.P. – Não. E você foi à Argentina já, e ao Chile, depois dessa...?

I.X. – Também não. Nunca...

D.P. – Nesses congressos, não.

I.X. – Não. Nunca fui em nenhum, não. Só aqui, mesmo. Conheço porque vêm... Por exemplo, a Estela Carlotto, já estive em vários seminários com ela, mas fora... E alguns internacionais que a Comissão de Anistia também patrocinou, aqui no Brasil. O período fora, eu não fui. E do Araguaia, que é da Corte, sempre tinha um impedimento. E eu sempre achei assim: se você tem, por exemplo, ou a Criméia ou tem a Suzana que está, estou bem representada, não... É lógico que é bom sair, mas sempre... Nunca coincidiu de poder... Nós fizemos, sim, a caravana daqui a Brasília, para a votação, que a dona Cyrene foi, alugamos um ônibus.

A.D. – Na 9.140?

I.X. – Não. Da anistia. Da anistia, saiu caravana de várias partes do Brasil. E de familiares, saiu daqui, saiu de Belo Horizonte e de São Paulo. O nosso ônibus sofreu atentado: atiraram no pneu, quando a gente já estava quase chegando em Brasília, no intuito de amedrontar só. Tanto que na saída vieram **deputados**, carro acompanhando a gente, até pegar a estrada, porque eles atiraram no pneu, quando da votação. Aí nós ficamos lá dois dias. Foi quando foi feita a denúncia...

D.P. – Foi a votação da lei...?

I.X. – Da Lei [6.683], da Anistia. Acho que...

A.D. – [**Inaudível**].

I.X. – É. Aí foi quando a gente fez a denúncia do desaparecido... do caso do Luiz Eurico, que estava lá [no Cemitério de Perus], que ele tinha sido morto. E era muito... As mães eram muito participativas, muito participativas.

D.P. – E essa exumação de cadáver, você chegou a fazer algum curso para...?

I.X. – Não.

D.P. – Mas você participou daquela...

I.X. – Muitas.

D.P. – Pois é. Porque acho que a Cecília... Acho que algumas fizeram, não é? Ou eu estou...?

I.X. – Não sei.

D.P. – Acho que veio o pessoal de cá...

A.D. – É o pessoal da Argentina.

D.P. – ...com o pessoal da Argentina.

A.D. – A Cecília... E a Suzana mencionou também...

D.P. – É, acho que foi, eles fizeram, o pessoal da Equipe Forense de lá da Argentina¹².

A.D. – ...a Equipe Forense da Argentina, que veio ajudar.

I.X. – Não, eu sempre só acompanhei. Por exemplo, a Equipe Forense, o Luis Fondebrider vem a primeira vez em 1998, que vai ao Araguaia, e aí eles ficam lá em casa, aí eu comento o caso dos meninos, que já tinham sido e tal, e ele diz assim: “Ah, vamos analisar”. Aí eu falei: “Ah, está bom, vamos marcar”. Aí a gente exuma o capitão Lamarca, também. Então eu sempre estive muito perto. Aí nós, aqui no Rio, nós fizemos o Marcos Nonato, a Ana Maria, o Iuri, o Alex e a Zuzu Angel, num apartamento ali no Leblon.

D.P. – Esse apartamento foi alugado por vocês, não é?

¹² Equipe Argentina de Antropologia Forense (EAAF).

I.X. – É.

D.P. – É incrível essa história!

I.X. – E aí eles vieram, ele e a Patrícia [Bernardi]. Ficou uma semana. Aí eles fazem o laudo que está na Lei 9.140. E depois, com os restos mortais que se acha lá no Araguaia, que foram periciados por eles na Polícia Federal, eu sempre fiquei junto e tudo. Mas nunca fiz curso, não.

D.P. – Mas é isso. Superobrigada.

A.D. – Muito obrigada, Iara.

D.P. – Quer falar mais alguma coisa?

I.X. – Não, está...

D.P. – Foi superbonito como você falou essa questão da justiça.

I.X. – Falei mais do que...

D.P. – É? Muito obrigada.

I.X. – Sete, já?

D.P. – Pois é.

[FINAL DO DEPOIMENTO]